



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
TESE DE DOUTORADO

MANOEL KLEBSON DE ANDRADE OLIVEIRA

**COMENTÁRIOS EM *DEEPPFAKE* SATÍRICA NO *FACEBOOK*:
ANÁLISE DIALÓGICA DA VIOLÊNCIA VERBAL EM
POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS**

RECIFE

2025

MANOEL KLEBSON DE ANDRADE OLIVEIRA

COMENTÁRIOS EM *DEEPPFAKE* SATÍRICA NO *FACEBOOK*: ANÁLISE
DIALÓGICA DA VIOLÊNCIA VERBAL EM POSICIONAMENTOS
ANTAGÔNICOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Escola de Educação e Humanidades, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado

Linha de Pesquisa: Processos de Organização Linguística e Identidade Social

RECIFE

2025

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J. (Reitor)
Prof. Dr. Pe. Delmar, S.J. (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Profa. Dra. Valdenice José Raimundo (Pró-Reitora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
Profa. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado (Coordenadora)
Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros (Vice-coordenadora)

Comentários em deepfake satírica no facebook: análise dialógica da violência verbal em posicionamentos antagônicos. © 2025 by Manoel Klebson de Andrade Oliveira is licensed under CC BY-NC-ND 4.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Ficha Catalográfica

O48c Oliveira, Manoel Klebson de Andrade.
Comentários em deepfake satírica no facebook: análise
dialógica da violência verbal em posicionamentos
antagônicos / Manoel Klebson de Andrade Oliveira, 2025.

157 f. : il.

Orientadora: Roberta Varginha Ramos Caiado.
Tese (Doutorado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem. Doutorado em Ciências
da Linguagem, 2025.

1. Análise do discurso. 2. Discurso de ódio na internet.
3. Redes sociais on-line. 4. Valores. 5. Deepfakes. I. Título.

CDU 801

Luciana Vidal CRB4/1338

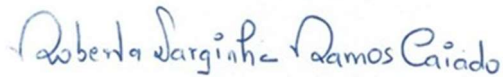
Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

MANOEL KLEBSON DE ANDRADE OLIVEIRA

**COMENTÁRIOS EM *DEEFAKE* SATÍRICA NO *FACEBOOK*:
ANÁLISE DIALÓGICA DA VIOLÊNCIA VERBAL EM
POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS**

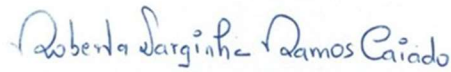
Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem. Foi aprovada em sua forma final com alterações indicadas pela banca.

Recife, 07 de fevereiro de 2025.



Profa. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado
Coordenadora do PPGCL

Banca Examinadora:



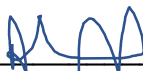
Profa. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado
Orientadora - Universidade Católica de Pernambuco



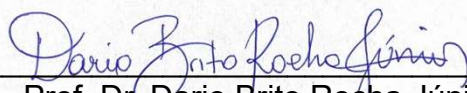
Prof. Dr. Pedro Farias Francelino
Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Nieve da Rocha Guedes
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco



Prof. Dr. Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Católica de Pernambuco



Prof. Dr. Dario Brito Rocha Júnior
Universidade Católica de Pernambuco

Pesquisa realizada com subsídio de bolsa CAPES.

Dedico esta Tese, com carinho e gratidão,
aos meus avós maternos,
Eliseu Carlos e Ismaelita Alves
(*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Fazer os agradecimentos de uma tese é, talvez, uma das tarefas mais difíceis da vida, pois corremos o risco de esquecer alguém importante em nossa trajetória. Esta pesquisa é fruto dos diálogos que mantive ao longo da minha vida, os quais se intensificaram após minha entrada no mestrado do PPGCL da UNICAP.

Agradeço a Deus, por ter me concedido inteligência, força e perseverança para chegar até aqui e a Nossa Senhora da Conceição por todo o amparo e proteção.

Agradeço à Betânia Malaquias, da escola estadual João Gomes dos Reis, em Carnaíba no Sertão de Pernambuco, minha professora por 12 anos e minha primeira inspiração e modelo de docente. Ainda me recordo das aulas de Língua Portuguesa que me ensinaram a ser crítico e a ser uma pessoa melhor. Ao refletir sobre as práticas docentes nas disciplinas de Metodologia do Ensino e de Estágio com meus alunos do curso de Letras na UFPE, percebo a sorte que tive em ter sido seu aluno. Em seu nome, agradeço a todas as professoras e professores com quem tive contato durante toda a minha caminhada escolar.

Agradeço à Dóris Cunha, minha orientadora no mestrado e início do doutorado, que me encantou com Bakhtin e com a Análise Dialógica do Discurso, exercendo profunda influência sobre minha formação.

Agradeço também à Professora Roberta Caiado, que gentilmente aceitou orientar meu projeto de pesquisa. Desde que soube que precisaria encontrar uma nova orientadora, não hesitei em considerá-la. Além de excelente orientadora, Roberta Caiado é uma das minhas inspirações como docente e pesquisadora.

Agradeço a disponibilidade dos professores que compõem esta banca, ao lado da minha orientadora: o professor Dr. Antônio Moraes, o professor Dr. Dario Brito e o professor Dr. Pedro Francelino, que já havia acompanhado meu trabalho desde a defesa da dissertação do mestrado e cuja pesquisa sempre admirei. Além disso, gostaria de expressar minha profunda gratidão à Dra. Nieve Guedes, amiga e companheira de jornada desde minha entrada no PPGCL e agora avaliadora desta pesquisa de doutorado.

Agradeço aos meus pais, José Wilson e Maria Alves, por todo o apoio, exemplo de vida e cuidado. Eles são uma providência constante na minha vida. Agradeço também aos outros familiares e amigos que levo no meu coração: Jú e Edymário; Nanda, Marcílio, Sofia e Davi; tio Edilson e Ceixa, que me acolheram em seu

apartamento em Recife, tornando possível a realização deste doutorado. Agradeço ainda a Samuel Leonel por todo companheirismo e cumplicidade; à Heliete Gadêlha, pela “bolsa livros” e por todo carinho e cuidado.

Expresso meus sinceros agradecimentos a todos os colegas de jornada do PPGCL, com destaque especial para a Confraria Bakhtiniana, que considero um legado valioso para minha trajetória pessoal e acadêmica; à comunidade escolar do Colégio Imaculado Coração de Maria, em Olinda, especialmente às irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing e aos colegas e amigos do Instituto de Ensino Superior de Olinda.

Esses agradecimentos estendem-se também aos meus colegas professores do Centro de Educação da UFPE e, em especial, aos meus alunos e alunas da Licenciatura em Letras, que constantemente me inspiram a refletir sobre minha prática enquanto professor, formador e pesquisador.

Sou grato por toda experiência ao longo da vida em encontrar professores e pessoas maravilhosas que me ensinaram lições valiosas, não apenas para a academia, mas também para a vida. Sei que o término do doutorado representa apenas o encerramento de uma etapa da minha formação, pois tenho um longo caminho a percorrer no ensino e na pesquisa universitária.

A vida pode ser compreendida pela consciência somente na responsabilidade concreta. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. Só se pode compreender a vida como evento, e não como ser-dado. Separada da responsabilidade, a vida não pode ter uma filosofia; ela seria, por princípio, fortuita e privada de fundamentos.

(Bakhtin, 2017 [1919-1921], p.117).

Para uma filosofia do ato responsável,
Pedro e João Editores,
São Carlos.

RESUMO

As redes sociais digitais intensificaram exponencialmente as interações *on-line*. Embora tenhamos facilidade na instantaneidade da comunicação, observamos que, em vez de promoverem um diálogo para o debate de pontos de vista, muitos desses discursos *on-line* são agressivos contra o outro ou contra um perfil específico, levando ao antagonismo sociopolítico e, conseqüentemente, ao discurso de ódio, revelando os posicionamentos axiológicos dos internautas. O objetivo geral deste trabalho é analisar as relações dialógicas entre posicionamentos antagônicos em comentários de *deepfake* satírica no *Facebook*. Para isso, propomos os seguintes objetivos específicos: Investigar como as *deepfake* satíricas estimulam a publicação de enunciados violentos em comentários no *Facebook*; descrever como as vozes sociais contidas nos comentários de *deepfake* satíricas compõem os enunciados violentos; examinar como os posicionamentos antagônicos dos internautas do *Facebook* disseminam os discursos de ódio no contexto sociopolítico brasileiro. As *deepfake* são vídeos produzidos por algoritmos que utilizam inteligência artificial para manipular imagens de rostos e criar movimentos, simulando expressões e falas realistas. Nomeamos as *deepfake* produzidas e publicadas por Sartori como “*deepfake* satíricas”, pois contêm discursos críticos, irônicos e zombarias que censuram ou ridicularizam de maneira incisiva o governo de Jair Bolsonaro. Esta tese é fundamentada na Análise Dialógica do Discurso, inspirada nos trabalhos de Bakhtin (2015 [1934-1935]; 2015 [1963]; 2017 [1919-1921]; 2017 [1979]), Volóchinov (2017 [1929]; 2019 [1926]), Medviédev (2016 [1928]), além de estudiosos contemporâneos dessa teoria, mediante Cunha (2005; 2009; 2012; 2013), Faraco (2009), Bernardi (2018), Gomes (2023), Francelino (2007, 2021a, 2021b, 2022). Além disso, também se baseia em estudos sobre a violência verbal, incluindo os trabalhos de Butler (2021); Amossy (2017); Amossy e Burger (2011); Rebs e Ernst (2017); Seara (2021); Silva (2018); Candido *et al.* (2023); Rocha (2023) e Nodari e Salvagni (2018). A abordagem em uma perspectiva bakhtiniana, articulada com contribuições desses outros teóricos pertinentes, permitirá uma compreensão mais aprofundada das questões de pesquisa, considerando o fenômeno da violência verbal em seu contexto sociocultural e histórico. Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza qualitativa, com uma abordagem exploratório-descritiva. Nosso *corpus* é constituído por 25 comentários, sendo a sequência de cinco entre os trinta primeiros de cinco *deepfake* satíricas, as quais representam quatro momentos discursivos distintos. Essas postagens, selecionadas a partir do perfil do jornalista e ativista Bruno Sartori no *Facebook*, abordam os pronunciamentos e atitudes do então presidente Jair Bolsonaro durante o enfrentamento da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Para este fim, foram selecionados quatro momentos discursivos do “cronotopo pandêmico”, que abrangem o período de um ano, compreendido entre março de 2020 e março de 2021. Esse intervalo de tempo abrange a implementação das medidas sanitárias iniciais contra a COVID-19 e minimização da doença; a defesa da hidroxiclороquina como tratamento precoce contra a COVID-19; o discurso de Jair Bolsonaro para os líderes mundiais na assembleia da Organização das Nações Unidas em setembro de 2020; e a compra e distribuição das vacinas contra o vírus no país (o quarto momento discursivo é composto por duas *deepfake* satíricas). Como resultados, identificamos enunciados violentos nos comentários do *Facebook*, estimulados pela carnavalização bakhtiniana presente nas publicações. Além disso, identificamos vozes sociais mobilizadas nos enunciados que constituem o sentido de violência, revelando escolhas linguísticas

orientadas pelo tom emotivo-volitivo. Essas escolhas estabelecem relações valorativas frequentemente negativas em relação ao objeto do discurso e ao outro internauta. Constatamos que a violência verbal entre posicionamentos antagônicos se dissemina no contexto sociopolítico brasileiro. A carnavalização, por meio das categorias de riso, coroação e destronamento, reacentua os discursos com um tom de zombaria, assumindo um tom de injúria com insultos e desqualificações. O *ethos* de arrogância de alguns internautas se evidencia, tornando-se agressivos em relação ao outro. Esta investigação sobre violência verbal nas redes sociais digitais visa oferecer contribuições multidisciplinares relevantes. Ao aprofundar teoricamente a linguagem agressiva e o discurso de ódio em uma perspectiva bakhtiniana, esta pesquisa fomenta uma análise crítica da comunicação digital, possibilitando o desenvolvimento de estratégias eficazes para prevenir e combater a violência verbal. Esperamos, assim, contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Palavras-chave: Dialogismo. Posicionamentos axiológicos. Violência Verbal. *Deepfake*. Comentários de *Facebook*.

ABSTRACT

Digital social networks have exponentially intensified online interactions. While they speed instant communication, it is evident that, rather than fostering dialogue to debate differing viewpoints, many of those online discourses show aggression towards others or specific profiles, leading to sociopolitical antagonism and, consequently, hate speech, thereby revealing users' axiological positions. This study aims to analyse dialogic relations within antagonistic positions expressed in comments on satirical deepfake videos posted on Facebook. To achieve our main goal, the proposed specific objectives are: to investigate how satirical deepfakes encourage the publication of violent statements on Facebook comments; to describe how the social voices embedded in those comments shape violent utterances; and to examine how antagonistic positions among Facebook users insemminate hate speech within the Brazilian sociopolitical context. Deepfakes are videos generated by algorithms employing artificial intelligence to manipulate facial images and create movements, arousing realistic expressions and speech. We categorise the deepfakes produced and published by Sartori as "satirical deepfakes" due to their inclusion of critical, ironic, and mocking discourses that incisively censor or ridicule Jair Bolsonaro's government. This thesis is grounded in Dialogical Discourse Analysis, inspired by the works of Bakhtin (2015 [1934–1935]; 2015 [1963]; 2017 [1919–1921]; 2017 [1979]), Volochinov (2017 [1929]; 2019 [1926]), and Medvedev (2016 [1928]), alongside contemporary scholars of this theory, including Cunha (2005; 2009; 2012; 2013), Faraco (2009), Bernardi (2018), Gomes (2023), and Francelino (2007; 2021a; 2021b; 2022). Additionally, it draws on studies concerning verbal violence, including Butler (2021), Amossy (2017), Amossy and Burger (2011), Rebs and Ernst (2017), Seara (2021), Silva (2018), Candido et al. (2023), Rocha (2023), and Nodari and Salvagni (2018). The Bakhtinian perspective, integrated with contributions from those other relevant theorists, enable a deeper understanding of the research questions, considering the phenomenon of verbal violence in its sociocultural and historical context. Methodologically, this is a qualitative study with an exploratory-descriptive approach. The corpus comprises 25 comments, specifically five sequential comments among the first 30 from five satirical deepfake videos, which represent four distinct discursive moments. Those posts, selected from the journalist and activist Bruno Santori Facebook profile, address statements and actions of President Jair Bolsonaro during Brazil's response to the COVID-19 pandemic. Four discursive moments of the "pandemic chronotope" were selected, spanning the year from March 2020 to March 2021. The period includes the implementation of initial public health measures against COVID-19 and the minimisation of the disease; the promotion of hydroxychloroquine as early treatment for COVID-19; Bolsonaro's speech to world leaders at the United Nations General Assembly on September 2020; and the purchase and distribution of vaccines in Brazil (the fourth moment comprises two satirical deepfake videos). The findings reveal violent utterances on Facebook comments encouraged by Bakhtinian carnivalesque present in the posts. Moreover, social voices were identified as a contribution to the violence construction within the comments, which reveal linguistic choices guided by an emotive-volitional tone. Those choices often establish predominantly negative evaluative relations towards the discourse object and other users. It was noted that verbal violence in antagonistic positions spreads within the Brazilian sociopolitical context. Carnavalesque, by means of the categories of laughter, coronation, and dethronement, highlights discourses with mockery, assuming an injurious tone with insults and delegitimization. The ethos of arrogance among some users becomes

evident and denotes aggression towards others. This investigation into verbal violence on digital social networks aims to provide relevant multidisciplinary contributions. By delving deeper into the theoretical understanding of aggressive language and hate speech from the perspective of Dialogical Discourse Analysis, this research promotes a critical examination of digital communication, enabling the development of effective strategies to prevent and combat verbal violence. In doing so, it aims to contribute significantly to the creation of a more inclusive and respectful society.

Keywords: Dialogism. Axiological positions. Verbal violence. Deepfake. Facebook comments.

RESUMÉ

Les réseaux sociaux numériques ont intensifié de façon exponentielle les interactions en ligne. Même s'il est facile de communiquer instantanément, on constate qu'au lieu de favoriser un dialogue pour le débat de points de vue, nombre de ces discours en ligne sont agressifs les uns contre les autres ou contre un profil spécifique, conduisant à des antagonismes sociopolitiques et, par conséquent, au discours de haine, révélant les positionnements axiologiques des internautes. L'objectif général de ce travail est d'analyser les relations dialogiques entre les positionnements opposés dans les commentaires satiriques deepfake sur Facebook. À cette fin, nous proposons les objectifs spécifiques suivants: étudier comment les deepfakes satiriques encouragent la publication d'énoncés violents dans les commentaires sur Facebook; décrire comment les voix sociales contenues dans les commentaires satiriques deepfake composent des propos violents; examiner comment les positionnements opposés des internautes sur Facebook propagent les discours de haine dans le contexte sociopolitique brésilien. Les deepfakes sont des vidéos produites par des algorithmes qui utilisent l'intelligence artificielle pour manipuler des images de visages et créer des mouvements, simulant des expressions et des discours réalistes. Nous nommons les deepfakes produits et publiés par Sartori « deepfakes satiriques », car ils contiennent des discours critiques et ironiques et des moqueries qui censurent ou ridiculisent de manière incisive le gouvernement de Jair Bolsonaro. Cette thèse s'appuie sur l'Analyse Dialogique du Discours, inspirée des travaux de Bakhtin (2015 [1934-1935]; 2015 [1963]; 2017 [1919-1921]; 2017 [1979]), Volóchinov (2017 [1929]; 2019 [1926]), Medviédév (2016 [1928]), en plus des spécialistes contemporains de cette théorie, tels Cunha (2005; 2009; 2012; 2013), Faraco (2009), Bernardi (2018), Gomes (2023), Francelino (2007, 2021a, 2021b, 2022). Par ailleurs, elle s'appuie également sur des études sur la violence verbale, dont les travaux de Butler (2021); Amossy (2017); Amossy et Burger (2011); Rebs et Ernst (2017); Seara (2021); Silva (2018); Candido et coll. (2023); Rocha (2023) et Nodari et Salvagni (2018). L'approche dans une perspective bakhtinienne, articulée avec les contributions d'autres théoriciens pertinents, permettra une compréhension plus approfondie des questions de recherche, en considérant le phénomène de la violence verbale dans son contexte socioculturel et historique. Sur le plan méthodologique, cette recherche est de caractère qualitatif, avec une approche exploratoire-descriptive. Notre corpus se compose de 25 commentaires, la séquence de cinq étant parmi les trente premiers des cinq deepfakes satiriques, qui représentent quatre moments discursifs distincts. Ces messages, sélectionnés à partir du profil du journaliste et activiste Bruno Sartori sur Facebook, abordent les déclarations et attitudes du président de l'époque, Jair Bolsonaro, lors de la lutte contre la pandémie du nouveau coronavirus au Brésil. Pour cela, quatre moments discursifs du « chronotope pandémique » ont été sélectionnés, couvrant une période d'un an, entre mars 2020 et mars 2021. Cette période couvre la mise en œuvre des mesures sanitaires. Ce laps de temps couvre la mise en œuvre des mesures sanitaires initiales contre le COVID-19 et la minimisation de la maladie; la défense de l'hydroxychloroquine comme traitement précoce contre le COVID-19; le discours de Jair Bolsonaro aux dirigeants mondiaux à l'assemblée des Nations Unies en septembre 2020; et l'achat et la distribution des vaccins contre le virus dans le pays (le quatrième moment discursif se compose de deux deepfakes satiriques). Pour ce qui est des résultats de l'analyse, nous avons identifié des énoncés violents dans les commentaires Facebook, stimulés par la carnavalisation bakhtinienne présente dans

les publications. De plus, nous avons identifié des voix sociales mobilisées dans les énoncés qui constituent le sens de la violence, révélant des choix linguistiques orientés par le ton émotionnel-volontaire. Ces choix établissent des relations de valeur souvent négatives par rapport à l'objet du discours et à l'autre internaute. Nous avons constaté que la violence verbale entre les positionnements opposés se répand dans le contexte sociopolitique brésilien. La carnavalisation, par les catégories du rire, du couronnement et du détronement, réaccentue les discours avec un ton de moquerie, prenant un ton d'injure avec des insultes et des disqualifications. L'éthos arrogant de certains internautes est évident, devenant agressif envers les autres. Cette recherche sur la violence verbale sur les réseaux sociaux numériques vise à proposer des contributions multidisciplinaires pertinentes. En approfondissant théoriquement le langage agressif et le discours de haine dans la perspective de l'analyse dialogique du discours, cette recherche encourage une analyse critique de la communication numérique, permettant le développement de stratégies efficaces pour prévenir et combattre la violence verbale. Nous espérons ainsi contribuer de manière significative à la construction d'une société plus inclusive et respectueuse.

MOTS-CLÉS: Dialogisme. Positionnements axiologiques. Violence verbale. Deepfake. Commentaires sur Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro de análise do corpus	93
Figura 2: <i>Print</i> da <i>deepfake</i> satírica do primeiro momento discursivo	95
Figura 3: Quadro síntese dos resultados do primeiro momento discursivo	105
Figura 4: <i>Print</i> da <i>deepfake</i> satírica do segundo momento discursivo	106
Figura 5: Quadro síntese dos resultados do segundo momento discursivo	119
Figura 6: <i>Print</i> da <i>deepfake</i> satírica do terceiro momento discursivo	121
Figura 7: Quadro síntese dos resultados do terceiro momento discursivo	128
Figura 8: <i>Print</i> da primeira <i>deepfake</i> satírica do quarto momento discursivo	129
Figura 9: Quadro síntese dos resultados do quarto momento discursivo (I)	140
Figura 10: <i>Print</i> da segunda <i>deepfake</i> satírica do quarto momento discursivo	141
Figura 11: Quadro síntese dos resultados do quarto momento discursivo (II)	149

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E A VIOLÊNCIA VERBAL NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA ESTUDO DO <i>CORPUS</i>	30
1.1 ALGUMAS NOÇÕES BAKHTINIANAS PARA INVESTIGAÇÃO DA VIOLÊNCIA VERBAL NOS COMENTÁRIOS DO <i>FACEBOOK</i>	30
1.1.1 A concepção dialógica da linguagem e o enunciado na comunicação discursiva: um ato responsável	33
1.1.2 O processo de valoração do mundo: ponto de vista e axiologia	39
1.1.3 A noção de autoria e a orquestração de vozes em uma concepção bakhtiniana	46
1.1.4 O caráter dialógico da polêmica	50
1.1.5 O riso e a coroação-destronamento na carnavalização bakhtiniana	54
2 AS INTERAÇÕES NO <i>FACEBOOK</i>: <i>DEEPPFAKE</i>, PÓS-VERDADE, COMENTÁRIOS E VIOLÊNCIA EM REDE	60
2.2.1 <i>Deepfake</i> satírica e pós-verdade nas redes sociais digitais	61
2.2.2 Interação e diálogo nos comentários do <i>Facebook</i>	68
2.2.3 Discurso de ódio: o que caracteriza essa prática?	70
2.2.4 Algumas noções relevantes para compreensão do discurso de ódio: injúria, desrespeito, incivilidade	74
2.2.5 Os <i>haters</i> e a retórica do ódio: disseminação da violência na <i>internet</i>	78
3 PERCURSO METODOLÓGICO: A PERSPECTIVA BAKHTINIANA PARA NOSSAS ANÁLISES	84
3.1 Escolha do <i>Corpus</i> e cronotopo pandêmico	88
3.2 Categorias de análise	91

4 CRONOTOPO PANDÊMICO: COMENTÁRIOS ANTAGÔNICOS EM DEEPFAKE SATÍRICA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19, NO BRASIL, NOS ANOS 2020 E 2021	95
4.1 Primeiro momento discursivo: o negacionismo diante das primeiras medidas sanitárias para conter o novo Coronavírus.	95
4.2 Segundo momento discursivo: a defesa da hidroxicloroquina como tratamento conta o Covid-19	106
4.3 Terceiro momento discursivo: a repercussão do discurso de Jair Bolsonaro na ONU em 22 setembro de 2020.	121
4.4 Quarto momento discursivo: a repercussão da compra das vacinas contra o Covid-19	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	154

INTRODUÇÃO

A polêmica nos comentários foi objeto de nossas análises na pesquisa do mestrado. Na dissertação, analisamos como se configuraram os comentários polêmicos envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no *Facebook*. Considerando que a polêmica se insere em um contexto dialógico e pode conter violência verbal (Amossy; Burger, 2011), este estudo de doutorado visa aprofundar a investigação sobre esse tipo de discurso.

Nosso interesse de pesquisa é a análise, numa perspectiva dialógica, da violência verbal entre internautas em comentários antagônicos de *deepfake* satírica no *Facebook*, pois, a polarização¹ se acentua cada vez mais na internet e influencia o comportamento no mundo físico.

A evolução tecnológica e a popularização das redes sociais digitais fomentam interações *on-line*, potencializando tensões entre pontos de vista divergentes. Essa dinâmica de interação, ao permitir a expressão de crenças, muitas vezes gera uma percepção de que a própria opinião é absolutamente relevante, levando indivíduos a acreditarem que seus comentários possam influenciar significativamente o posicionamento alheio.

Observamos que os comentários revelam que as convicções ideológicas dos internautas são frequentemente defendidas de maneira radical, desencadeando em insultos e ataques verbais que ofendem indivíduos, tanto anônimos quanto celebridades digitais. Esse comportamento evidencia a complexidade da intrínseca relação entre o mundo físico e o virtual.

Nesse contexto, concordamos com Stein, Nodari e Salvagni (2018, p. 44) ao afirmarem que "as redes sociais se tornaram um veículo no qual diferentes pessoas, em qualquer lugar, de qualquer especialidade, têm a chance de participar e se engajar". Embora a disseminação de conteúdo seja benéfica, é essencial questionar a confiabilidade das informações compartilhadas e verificar sua veracidade.

¹ Nesta tese, o termo "polarização" é usado de acordo com Amossy (2017), definido como um processo através do qual o público extremamente diversificado se divide em dois ou vários grupos fortemente contrastados e mutualmente excludentes. Para Amossy (2017, p. 56), a polarização exacerba posições até torná-las inconciliáveis, gerando uma atmosfera de exclusão do discurso do outro, o que acaba tornando inaceitável qualquer posicionamento entre os envolvidos numa situação comunicativa.

No entanto, observa-se que muitos internautas defendem cegamente figuras públicas *on-line*, compartilhando conteúdo sem discernimento. Esse comportamento gera tensões entre vozes sociais, evidenciando fragilidade nas interações digitais. Isso, frequentemente, se transforma em discursos de ódio que promovem campanhas preconceituosas e difamatórias que influenciam relações no ambiente digital.

Em um cenário marcado por uma imagem predominantemente negativa, onde opiniões divergentes são quase sempre desrespeitadas, observamos que diálogos violentos permeiam os espaços digitais. Nesse contexto, compreender a construção da linguagem e suas implicações se torna fundamental.

De acordo com o relatório² sobre o uso de dispositivos e serviços digitais no Brasil em 2024, verificou-se que 187,9 milhões de brasileiros acessavam a *internet* (86,6% da população), 144 milhões utilizavam mídia social (66,3% da população) e o *Facebook* alcançava 51,3% da população. Conforme dados desse mesmo site, *DataReportal*, os recursos publicitários da Meta no *Facebook* alcançavam 51,3% da população brasileira em janeiro de 2024.

Nesse cenário, o *Facebook*³ mantém-se como uma das plataformas de mídia social mais populares, com aproximadamente 3,065 bilhões de usuários ativos mensais mundialmente (brasileiros passam 3 horas e 46 minutos por dia em redes sociais, acima da média global de 2 horas e 31 minutos⁴). Além disso, essa plataforma ocupa o terceiro lugar em aberturas de aplicativos, superado apenas pelo *YouTube* e *WhatsApp*, com um tempo médio de utilização de 19 horas e 27 minutos. Destaca-se, ainda, como líder no *ranking* de alcance publicitário entre as mídias sociais.

Ao observarmos a distribuição etária dos usuários do *Facebook*, verificamos que o segmento majoritário compreende indivíduos entre 25 e 34 anos. Em seguida, destacam-se os jovens entre 18 e 24 anos, que representam 22,6% da base de usuários. Conjuntamente, esses dois grupos demográficos constituem uma parcela substancial do público-alvo da plataforma, superando outras faixas etárias.

Considerando os dados apresentados, optamos pelo *Facebook* como rede social digital na qual os objetos de estudo para a análise da violência verbal foram

² Embora o relatório date do início de 2024, ele representa a fonte mais atualizada sobre dados de uso da internet no Brasil. As complexidades inerentes à coleta e análise de dados de usuários *on-line* implicam um prazo considerável para a finalização e publicação dessas pesquisas. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em 05/01/25.

³ Disponível em: <https://adamconnell.me/social-media-statistics/>. Acesso em 05/01/25.

⁴ Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/estatisticas-redes-sociais/>. Acesso em 05/01/25.

publicados, uma vez que essa plataforma reúne internautas de uma faixa etária engajada em discussões digitais. A coleta do *corpus* nessa plataforma justifica-se pela presença de posicionamentos axiológicos relacionados a eventos sociais e pessoais, refletindo diversidade ideológica⁵. As postagens analisadas revelam uma estreita relação entre contexto histórico, social e político, evidenciando produções discursivas instantâneas e viralizadas.

Diante do exposto, trazemos para análises os comentários antagônicos de internautas em *deepfake* satíricas relacionados à pandemia do novo coronavírus. No Brasil, além de enfrentar um vírus devastador, a população conviveu com uma série de atitudes controversas do então Presidente da República (doravante PR) de 2019 a 2022, Jair Bolsonaro (doravante JB), bem como de governadores e prefeitos no que tange ao enfrentamento da pandemia.

Enquanto algumas autoridades políticas seguiam as orientações da Organização Mundial da Saúde (doravante OMS), em março de 2020, o PR adotou atitudes polêmicas. Conforme relata uma reportagem do Jornal *Folha de São Paulo*⁶, de março de 2021, JB minimizou a pandemia, afirmando que a COVID-19 era apenas uma "gripezinha". Ademais, ele criticou a mídia, acusando-a de gerar histeria e negando responsabilidade pela crise sanitária e econômica que afetava o país.

Durante a publicação do *corpus*, muitos opositores se manifestaram nas redes sociais digitais contra as atitudes de JB diante da maior crise sanitária do século. Ilustrativamente, uma pesquisa *PoderData* (junho/2022), divulgada pela revista *Carta Capital*⁷, revelou que o pré-candidato candidato à reeleição, do Partido Liberal (PL), apresentou alta taxa de reprovação entre o eleitorado feminino e juvenil, especialmente na faixa etária de 16 a 24 anos.

Apesar da gravidade das ações, os apoiadores de JB defendem-no veementemente. Além disso, observamos que durante os anos de 2020 e 2021,

⁵ O *Facebook* marcou o início de uma era de discórdias nas redes sociais digitais, caracterizada pela atuação de algoritmos que favorecem a formação de bolhas de opinião. Essa plataforma também esteve no centro de diversas polêmicas, destacando-se o mapeamento controverso de comportamentos dos usuários para fins publicitários ou políticos, muitas vezes sem a devida autorização expressa dos internautas para o uso de seus dados. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/02/04/aos-20-anos-facebook-volta-aos-altos-lucros-e-busca-likes-dos-jovens-para-superar-turbulencias-e-se-manter-no-topo.ghtml>. Acesso em: 05/01/25.

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em 31/08/24.

⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-bolsonaro-e-reprovado-por-52-dos-eleitores-brasileiros-mostra-poderdata/>. Acesso em: 31/08/24.

período de auge da pandemia, ocorreu uma ampla disseminação de informações falsas sobre o coronavírus, frequentemente promovida por indivíduos contrários às orientações médicas, *haters* e outros internautas especializados em disseminar ódio *on-line*. Destacam-se, entre essas publicações, as *deepfake* satíricas que permearam as redes sociais digitais, influenciando a opinião de membros da comunidade virtual.

Para análise dos comentários antagônicos em *deepfake* satíricas, nossa teoria é fundamentada na Análise Dialógica do Discurso (ADD), que concebe a linguagem em sua concretude dinâmica e viva. Nessa perspectiva, consideramos os comentários das *deepfake* satíricas como enunciados concretos, inseridos em um repertório diversificado de gêneros discursivos que atendem a necessidades enunciativas específicas. Com isso, queremos esclarecer que compartilhamos de uma visão bakhtiniana sobre gêneros, que não adota critérios linguísticos, mas sim enunciativos (Cunha, 2000, p. 02).

Como sabemos, o *corpus* desta pesquisa envolve *deepfake*, tecnologia que emprega inteligência artificial (IA) para produzir vídeos falsos, apresentando indivíduos realizando ações inverídicas, mas verossímeis, não ocorridas na realidade física (Cabral, 2021, p. 1). Essa técnica ganhou relevância nas redes sociais digitais, graças a aplicativos de fácil utilização que oferecem a possibilidade de caluniar indivíduos ou figuras públicas, gerando vídeos manipulados, como conteúdos pornográficos ou discursos fictícios de políticos influentes, fomentando desordem social. Nesse contexto, emergem debates sobre a ética e as consequências do uso dessa tecnologia, tanto benéficas quanto nocivas (Cabral, 2021, p. 1).

Em países onde a tecnologia com *deepfake* é utilizada, é comum encontrarmos montagens com celebridades políticas e sociais em situações incompatíveis com seu comportamento no mundo físico. No Brasil, contudo, esses vídeos ganharam notoriedade por meio da produção de conteúdo humorístico, visando satirizar temas polêmicos relacionados a questões sociais, políticas e econômicas, como exemplificado pelas *deepfake* produzidas e publicadas por Bruno Sartori⁸ no *Facebook*.

⁸ Bruno Donizeti Sartori (Iturama, 16 de maio de 1989), conhecido como "Bruxo dos Vídeos", é um jornalista, humorista e influenciador digital brasileiro pioneiro na criação de sátiras através da técnica *deepfake* no Brasil. Sartori ganhou notoriedade com vídeos satíricos sobre figuras públicas como JB, Sérgio Moro e Lula. Iniciou sua carreira como videomaker aos 15 anos, produzindo conteúdo humorístico e paródias sobre política local em Unaí-MG. Em 2017, conheceu a tecnologia *deepfake* no fórum *Reddit* e incorporou-a em seu trabalho para aprimorar seus conteúdos. Seu vídeo "Chapolin

Considerando esses tipos de publicações, esta tese analisa os comentários das *deepfake* publicadas por Sartori, jornalista e *deepfaker*, especificamente aquelas que satirizam a postura política de JB durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, entre 2020 e 2021. Essas *deepfake* apresentam personagens criados por IA proferindo declarações reais compiladas em um único vídeo. Denominaremos essas montagens como “*deepfake* satíricas”, pois contêm paródias, críticas e ironias que suscitam reações adversas de apoiadores de JB e de figuras políticas de seu governo.

No contexto pandêmico brasileiro, as *deepfake* de Sartori criticam a postura de JB, desde a participação nas manifestações de março de 2020 até as polêmicas em torno das vacinas contra a COVID-19 em março de 2021. Essas publicações permitem uma análise dos posicionamentos axiológicos entre os apoiadores do PR e de Bruno Sartori, possibilitando uma investigação mais aprofundada da materialidade discursiva desses enunciados.

O estudo das relações nas redes sociais digitais é de suma importância, considerando o crescimento significativo da adoção digital global, com destaque para algumas das plataformas de mídia social do mundo, conforme aponta o relatório do *DataReportal*⁹. Segundo Recuero (2016, p. 17), a análise dos fenômenos linguísticos nas redes permite uma reflexão sobre os agrupamentos de indivíduos nesses espaços digitais, incluindo estruturas sociais, dinâmicas de cooperação e competição, bem como as diferenças entre os variados grupos.

Ao estudarmos esses fenômenos, observamos discursos nas redes sociais digitais que, em vez de fomentarem um diálogo construtivo, assumem um tom agressivo contra indivíduos, perfis ou objetos de discussão. Essa agressividade está diretamente relacionada à sensação de anonimato e liberdade percebida pelos internautas, que se sentem protegidos pela distância virtual. Esse contexto permite uma expressão emocional mais desinibida, onde a desqualificação do outro é utilizada como estratégia para validar seus posicionamentos.

Bolsonaro" viralizou em maio de 2019, alcançando milhões de visualizações. Em 2020, Sartori foi citado pelo jornal *The Economist* por outro vídeo satírico que viralizou. Em 2021, participou do *Marte Festival* ao lado de nomes conhecidos das artes. Sartori é considerado um dos principais atuantes no mundo da *deepfake*, tornando-se pioneiro na utilização dessa tecnologia para criar paródias e vídeos de humor. Ele relata ter sido procurado por partidos políticos para desmoralizar figuras públicas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Sartori. Acesso em: 10/09/2022.

⁹ Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-october-global-statshot>. Acesso em 05/01/25.

Em algumas publicações, observamos um grande engajamento dos seguidores de algum perfil, geralmente acompanhado de discussões acaloradas entre os envolvidos, seja na retomada do discurso da publicação ou no discurso do outro, concordante ou discordante. Essa tensão de vozes, frequentemente, é um verdadeiro palco de ameaças e injúrias. Os internautas conferem credibilidade a figuras públicas ou lideranças sociais que compartilham suas perspectivas ideológicas. Assim, formam-se comunidades virtuais agregadas em torno de interesses comuns, nas quais as publicações refletem as características e valores compartilhados pelos membros.

Destacamos, ainda, que a interação no *Facebook* é marcada pelas reações dos internautas às publicações, manifestadas por meio de *emojis*. Esses símbolos, presentes no mundo digital, permitem expressar e traduzir emoções em formato digital, contribuindo para a construção do discurso nas redes sociais. Conforme Fonte e Caiado (2014, p. 479), esses ícones são “carinhas capazes de expressar variadas emoções”, “ícones [que] passaram a ser usados no texto digital, elegendo desenhos com a função de expressar ideias específicas ou um estado de humor”.

Desse modo, essas reações constituem uma ferramenta desenvolvida para facilitar interações *on-line*, oferecendo uma série de *emojis* que permitem aos internautas responderem a publicações de forma expressiva. As opções disponíveis incluem: “Gostei” (Like), “Amei”, “Ha-ha”, “Uau”, “Grr” (zangado) e “Triste”. Reagir com o polegar para indicar aprovação, ou utilizar *emojis* de raiva, coração, risos, além dos comentários, configuram formas de expressão de pontos de vista, contribuindo ou não para destruição de valores moralmente aceitos pela sociedade, que se fundamentam na dignidade da pessoa humana.

Cabe destacar que a recusa ao diálogo ou o apagamento do ponto de vista do outro pode transcender o ambiente digital e chegar ao mundo físico. Nesse contexto, observamos um acentuado antagonismo sociopolítico, no qual os indivíduos frequentemente não conseguem ultrapassar as limitações de suas bolhas ideológicas, reproduzindo discursos hegemônicos de seus líderes ou representantes.

Um discurso de ódio pode desacreditar indivíduos ou espaços democráticos, acarretando danos irreparáveis. Dessa forma, entendemos que o contexto sociohistórico contemporâneo é fundamental para compreender os enunciados analisados no *Facebook*, plataforma onde emerge um novo sujeito, caracterizado por sua onipresença e autoproclamada expertise em diversas áreas.

Considerando que a compreensão dos discursos violentos nos comentários exige uma análise além da materialidade linguística, optamos pela ADD, fundamentada nos estudos de Bakhtin (2015 [1934-1935]; 2015 [1963]; 2017 [1919-1921]; 2017 [1979]) e Volóchinov (2017 [1929]; 2019 [1926]), para orientar nossa investigação. A compreensão das relações dialógicas, bem como dos horizontes axiológicos, sociais e culturais presentes nos comentários, só pode ser plenamente revelada por meio de um estudo científico. O ser humano, inserido em um contexto de diálogo constante, estende essa dinâmica às interações nas redes sociais digitais, onde concebe novas formas de pensar, agir, compreender e interagir.

Considerando que o ser humano é constituído e mediado pela linguagem, se torna indispensável compreender o comportamento violento a partir dessa mesma linguagem, pois é por meio dela que o indivíduo atribui significado e sentido ao mundo. Adotamos uma perspectiva dialógica para análise desses enunciados, pois nas redes sociais digitais identificamos vozes divergentes que refletem visões de mundo distintas, frequentemente promovendo condutas antissociais. Os confrontos radicais entre posicionamentos antagônicos nesse ambiente digital evidenciam uma polarização extrema, resultando em violência verbal.

Diante do embate de posicionamentos antagônicos nas redes sociais digitais, selecionamos a sequência de cinco entre os trinta primeiros comentários e suas réplicas das *deepfake* de Bruno Sartori, uma sequência elencada pelo algoritmo do *Facebook* no momento da coleta do *corpus* em agosto de 2024. Escolhemos o momento discursivo da pandemia, pois foi um evento que gerou uma abundante produção midiática e “que deixa igualmente alguns indícios a mais ou menos a longo prazo nos discursos produzidos ulteriormente a propósito de outros eventos” (Cunha, 2009, p. 30). Cada atitude de JB, entre o surgimento da COVID-19 e a descoberta da vacina, causou indignação em Sartori.

Os quatro momentos discursivos do cronotopo pandêmico, ocorridos entre março de 2020 e março de 2021, que inspiraram as *deepfake* satíricas, foram: (1) o início das medidas sanitárias no Brasil com o aparecimento de contaminações em solo nacional, em março de 2020; (2) a defesa do uso da hidroxicloroquina como tratamento precoce contra a COVID-19; (3) o discurso de JB na ONU em 22 setembro de 2020; e (4) a discussão sobre a eficácia e compra das vacinas contra a COVID-19, em março de 2021.

Os pronunciamentos de JB foram controversos durante a maior crise sanitária enfrentada pelo mundo desde o início de 2020. Enquanto outros países combatiam a devastação causada pelo novo coronavírus, o Governo Federal do Brasil buscava minimizar seus efeitos. Para verificação de dados consistentes sobre esse episódio, o site *sanarmed*¹⁰ publicou uma linha do tempo sobre o coronavírus no Brasil, apresentando o cenário mundial de surgimento da COVID-19 e o contexto sociopolítico brasileiro durante a pandemia.

Entre os fatos antecedentes ao nosso cronotopo pandêmico destacam-se: 1. dezembro de 2019: surgimento dos primeiros casos de infecção na China; 2. janeiro de 2020: a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu o alto risco de epidemia global e na data 3 fevereiro de 2020: confirmação dos primeiros casos importados de coronavírus no Brasil, envolvendo indivíduos infectados no exterior que retornaram ao país. No Brasil, apenas em março de 2020 foi registrada a primeira transmissão interna do coronavírus. Posteriormente, várias medidas foram adotadas à medida que os casos de infecção e óbitos aumentaram exponencialmente nos meses subsequentes.

Diante desse contexto e considerando uma abordagem dialógica para investigação da violência verbal no *Facebook*, as seguintes questões norteiam esta pesquisa: (1) Como as *deepfake* satíricas impulsionam enunciados violentos no *Facebook*?; (2) Como a polarização entre os seguidores de JB, representada nas *deepfake* satírica, e seus opositores se materializa em posicionamentos exacerbados nos comentários?; (3) Que valores carregam os enunciados axiologicamente negativos nos comentários do *Facebook*?; (4) Como a retórica político-partidária contribui para violência verbal entre internautas?

A partir das questões apresentadas, formulamos as seguintes hipóteses para orientar esta pesquisa: (1) Diante do discurso satírico de uma *deepfake*, inicia-se um confronto violento entre os internautas, no qual cada um se posiciona axiologicamente como dono da verdade; (2) A ideologia político-partidária compõe os comentários violentos no *Facebook*; (3) Os comentários violentos não podem ser reduzidos a um comportamento incivilizado de internautas comuns, pois neles estão presentes diversas vozes sociais que constituem o comportamento no *Facebook*; (4) A ascensão da extrema-direita no Brasil fez emergir discursos violentos no *Facebook* a ponto de

¹⁰ Disponível em: <https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em: 14/10/24.

membros de uma mesma esfera ideológica aceitarem os seus próprios discursos como verdades absolutas.

Assim, nosso objetivo geral é analisar as relações dialógicas entre posicionamentos antagônicos em comentários de *deepfake* satírica no *Facebook*. E, junto a ele, temos como objetivos específicos: investigar, a partir das categorias do riso, coroação e destronamento, como as *deepfake* satíricas estimulam a postagem de enunciados violentos em comentários no *Facebook*; identificar as vozes sociais mobilizadas nos enunciados que constituem o sentido de violência verbal em comentários antagônicos de *deepfake* satíricas no *Facebook*; descrever como as escolhas linguísticas operadas em função do tom emotivo-volitivo, imprimem ao enunciado uma relação valorativa tanto em relação ao objeto do discurso quanto aos outros internautas; e examinar como os posicionamentos antagônicos dos internautas do *Facebook* disseminam enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro.

Em pesquisa realizada na plataforma da CAPES¹¹, procedemos à busca de teses relacionadas à "violência verbal" no Brasil, nos últimos cinco anos, sem obter resultados relevantes. Posteriormente, redefinimos os descritores para "discurso de ódio", obtendo 29 resultados. Dentre esses, apenas quatro atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos, sendo teses nas áreas de Linguagem – Letras, Linguística e Literatura e que abordam o seu objeto de análise nas redes sociais digitais.

Assim, selecionamos os seguintes títulos: “Nordestino é... análises das discursivizações sobre os nordestinos nas redes sociais digitais”, “Discurso de ódio: práticas discursivas, conflitos e poder na rede”, “Detecção automática de discurso de ódio punitivista em redes sociais” e “Linchamento virtual e política: um estudo do discurso de ódio em mídias sociais”. Para alcançar nossos objetivos, consideramos essencial discutir o estado da arte sobre violência verbal no Brasil, a partir desses trabalhos acadêmicos.

Santos (2020) investigou os discursos sobre os nordestinos no *Twitter* durante as eleições presidenciais brasileiras de 2010, 2014 e 2018. Com base na teoria da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, o autor analisou os efeitos de sentido nos discursos que reproduzem evidências sobre o Nordeste e os nordestinos, envolvendo ódio, preconceito e xenofobia. Esses discursos operam para desumanizar os

¹¹ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 05/01/25.

nordestinos, permeando espaços institucionais, jornalísticos, midiáticos e familiares, além de viralizar no Twitter.

Para Santos (2020), esses discursos constituem práticas de violência que atentam contra os direitos humanos, a democracia e a harmonia social brasileira. A pesquisa revelou que discursos de ódio e xenofobia contra nordestinos são estruturais no Brasil, resultantes de antagonismos de classe e lutas político-econômicas.

Alves (2022) analisou o discurso de ódio à luz da Análise do Discurso Francesa, especialmente dos conceitos foucaultianos sobre relações de poder e força entre a ordem do discurso e mecanismos de resistência. Seu *corpus* de pesquisa compreendeu três processos judiciais envolvendo personalidades políticas: dois relacionados ao ex-deputado federal Jean Wyllys e um movido pela família de Marielle Franco contra a desembargadora Marília de Castro.

Alves (2022) identificou o discurso de ódio como uma prática discursiva histórica que visa defender uma ordem discursiva hegemônica. Segundo o autor, o discurso de ódio busca a destruição moral do indivíduo, promovendo sua aniquilação enquanto sujeito detentor de direitos, por meio de práticas de extermínio simbólica.

Guide (2022) investigou a detecção automática de discurso de ódio punitivista em redes sociais. Para isso, revisou a literatura sobre detecção automática de discurso de ódio e contextualizou historicamente o discurso de ódio punitivista. Em seguida, compilou o *corpus* de Discurso de Ódio Punitivista (DOP), constituído por postagens de redes sociais, para testar modelos de aprendizado de máquina capazes de classificar textos contendo discurso de ódio.

O autor destaca que as redes sociais são ambientes inevitáveis de socialização, enfatizando a importância de monitorar, identificar e alertar sobre comportamentos que estimulem ódio e violência. Nesse contexto, a detecção automática de discurso de ódio se configura como ferramenta essencial para combater a disseminação de conteúdos tóxicos e agressivos.

A tese de Mercuri (2023) analisou discursos de ódio motivados por discussões políticas em mídias sociais, especificamente no *Facebook* e *Twitter*. Utilizando um *corpus* coletado em 2018, durante a prisão do ex-presidente Lula e a campanha eleitoral, a autora examinou discursos de ódio direcionados aos candidatos presidenciais e seus apoiadores.

Mercuri investigou padrões discursivo-avaliativos, considerando a linguagem no contexto social, para compreender sentimentos e julgamentos sobre ações

humanas. Sua análise revela que o discurso de ódio transcende o âmbito virtual, afetando relações sociais e, em alguns casos, culminando em agressões físicas.

Embora existam quatro estudos que analisam o discurso de ódio nas redes sociais digitais na área de linguística nos últimos cinco anos, nós, pesquisadores em Ciências da Linguagem, nos sentimos motivados a contribuir com uma análise dialógica desses discursos violentos. Nosso objetivo é compreender mais profundamente a lógica subjacente a essas relações conflituosas, identificar os diálogos sociais que esses enunciados estabelecem e adotar uma postura crítica diante da disseminação do ódio no ambiente digital, contribuindo socialmente para erradicação desse tipo de comportamento.

Após a introdução, que contextualiza a pesquisa, justifica sua relevância, apresenta questões de pesquisa, hipóteses e objetivos, além do Estado da Arte, nossa tese está organizada em quatro seções principais. Na primeira, discutimos algumas noções teóricas da ADD para o estudo da violência verbal nas redes sociais digitais: linguagem, enunciado concreto, ponto de vista, axiologia, autoria, polêmica e carnavalização. Na segunda seção, apresentamos a definição de *deepfake* satírica, os comentários do *Facebook* e características do discurso de ódio. Na terceira seção, apresentamos a perspectiva metodológica baseada na ADD, incluindo a seleção do *corpus*, o cronotopo pandêmico e as categorias de análise. A quarta seção consiste na apresentação dos resultados das análises realizadas, explorando os dados coletados e interpretando os resultados à luz da fundamentação teórica.

O contexto da pandemia do novo coronavírus exacerbou o confronto ideológico nas redes sociais digitais. O antagonismo sociopolítico, evidente desde o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff (PT) em 2016, intensificou-se ao longo dos últimos anos no Brasil e a politização da pandemia potencializou ainda mais a emergência de discursos de ódio.

Diante disso, consideramos que o tema da violência verbal suscita grande interesse para pesquisadores da ADD, fomentando o desenvolvimento do pensamento crítico sobre linguagem e comunicação, bem como a reflexão sobre o impacto das palavras na interação social. É fundamental que haja cidadãos responsáveis e respeitosos, conscientes dos limites entre liberdade de expressão e respeito aos direitos e deveres cívicos. Além disso, esta pesquisa visa contribuir para o registro acadêmico do período catastrófico da pandemia da COVID-19 no Brasil.

1 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E A VIOLÊNCIA VERBAL NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA ESTUDO DO *CORPUS*

Para Bakhtin (2015 [1934-1935]), a linguagem é heterodiscursiva e as assimilações ideológicas e os posicionamentos axiológicos diante da vida a constituem numa contínua formação sociohistórica. Nessa perspectiva, os discursos coexistem concretamente, em uma tenção de contradições socioideológicas das diversas esferas sociais, que se cruzam na diversidade de vozes em diferentes situações comunicativas.

Assim, a violência verbal passa a ser analisada considerando as relações dialógicas que a permeiam. São discursos de ódio que dialogam em um constante embate de vozes antagônicas e povoam as redes sociais digitais. Dessa forma, não há neutralidade nos discursos, pois eles são subordinados tanto à intencionalidade do falante quanto às intenções alheias (Bakhtin, 2015 [1934 – 1935], p. 70).

1.1 ALGUMAS NOÇÕES BAKHTINIANAS PARA INVESTIGAÇÃO DA VIOLÊNCIA VERBAL NOS COMENTÁRIOS DO *FACEBOOK*

O advento das redes sociais digitais, além da possibilitar a comunicação instantânea entre pessoas próximas e distantes fisicamente, expôs um lado negativo desse avanço tecnológico: a facilidade na troca de injúrias e calúnias entre internautas. Isso decorre de um monitoramento pouco eficaz de comportamentos agressivos, tanto por parte de autoridades sociais e políticas quanto das próprias redes sociais digitais. Esse comportamento gera comentários violentos e torna a interação no mundo digital mais conflituosa, o que se evidencia ainda mais diante de uma publicação polêmica. É comum vermos, nas publicações, o diálogo entre o dono de um perfil, seus seguidores ou internautas que acompanham certos conteúdos, gerando assim os mais diversos tipos de enunciados.

Ao falarmos de comentários no *Facebook*, é necessário considerar a publicação que os gerou, ou seja, o texto-fonte ao qual determinado comentário responde, que pode ser, também, uma resposta a outro comentador. Na verdade, dificilmente um internauta comenta sobre uma publicação na íntegra; geralmente, apenas alguns tópicos do *post* chamam a atenção, motivando a exposição de seu ponto de vista. Compreendemos que, nos comentários, há um “embate das vozes que

perpassam o momento histórico de determinada situação comunicativa, com o objetivo de mostrar um espetáculo, muitas vezes, de injúrias e de violência verbal, sem a finalidade de diálogo para propor uma solução” (Oliveira, 2020, p. 19). Isso ocorre porque os sentidos dos enunciados retratam as vivências de cada internauta e os mais diversos conflitos sociais.

A violência verbal entre posicionamentos antagônicos retrata apenas uma camada da linguagem socioideológica de um grupo que se posiciona contra ou a favor das publicações de um determinado perfil no *Facebook*. Como acreditamos que a violência verbal é constituída e construída dialogicamente, com uma análise dialógica entendemos que todo e qualquer enunciado só pode ser compreendido considerando sua responsividade, com “já-ditos” situados em um contexto e repleto de posicionamentos axiológicos.

Toda linguagem produzida pelo homem é fruto das interações e intenções comunicativas de uma situação. Dessa forma, os internautas assumem posturas diante de algum objeto, considerando o ponto de vista da sua esfera social. Ao analisar o funcionamento dialógico das polêmicas em rede, Oliveira (2020, p. 19) afirma que “é comum que na comunicação humana haja conflitos entre as diferentes vozes sociais, pois cada indivíduo, em algum momento da vida, se contrapõe a voz do outro [sic]”. As contraposições ao posicionamento alheio frequentemente geram desconfortos na comunicação. Essa resistência à diversidade de perspectivas muitas vezes se manifesta como intolerância, impedindo o diálogo respeitoso e a troca de ideias.

Essa agressividade contribui significativamente para a indiferença nas interações em uma plataforma digital. Assim, em uma relação conflituosa, dificilmente encontramos uma solução para apaziguar os internautas, pois os enunciados adquirem significados de acordo com o horizonte ideológico de cada um. Então, tudo que é dito, é dito em um contexto e com uma finalidade, fazendo com que o internauta seja um “participante ativo do diálogo social” (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 49).

Ao analisar a materialidade linguística, propomos uma abordagem de análise baseada em algumas noções da ADD, na qual o enunciado assume um significado a partir do momento em que é reacentuado para expressar o sentido de determinada expressão. Oliveira (2020, p. 20) afirma que os enunciados “possuem uma memória discursiva que traz em si a história de outros usos e em outros contextos”. Dessa

forma, eles vivem num emaranhado de fios dialógicos, pois é na relação entre os já-ditos que são criadas possibilidades de usos e interpretações.

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou (Bakhtin, 2015 [1963], p. 232).

Ao propormos um estudo sobre o funcionamento dos discursos de ódio, tomamos como base os estudos de Pavel Medviédov, Valentin Volóchinov e Mikhail Bakhtin, pensadores¹² da Rússia Soviética do início do século XX, preocupados com o fenômeno linguageiro, assim como de estudiosos contemporâneos da ADD. Esses teóricos refletem sobre a realidade da linguagem como realidade vivida e não apenas como uma construção teórica, reflexão essa essencial para os estudos linguísticos. Cada enunciado é dito em um evento discursivo único, marcado pelo inacabamento e pela singularidade. Proferido por um sujeito responsável e responsivo, ele se inscreve em um contexto espaço-temporal específico, estabelecendo um diálogo permanente com o outro.

O pensamento dialógico tem como princípio a ideia de abertura, diferença, não coincidência, relação e movimento (Cunha, 2012, p. 24), e a linguagem é sempre inacabada, pois é uma construção valorativa de sujeitos autônomos e responsáveis pelos seus atos. A responsividade nos diálogos, abordada pela ADD, revela não apenas a intenção do falante ao considerar o outro no momento de elaborar os seus discursos, mas também elucida discursos marcados por enunciados alheios. É o fenômeno dialógico da linguagem, de enunciados repletos de palavras de outros nas nossas repostas, que discutimos no próximo tópico.

¹² Nesta tese, utilizamos os termos “pensadores da teoria/análise dialógica”, “Bakhtin e seus pares” e citamos cada autor em relação à sua obra. Não empregaremos a expressão “Círculo de Bakhtin”, pois, segundo Seriôt (2015, p. 28), essa expressão é uma invenção tardia e apócrifa, jamais utilizada por quem quer que fosse na época do suposto “Círculo”. Pelo simples fato de ser proferida como uma evidência, ela cria a ilusão retrospectiva de que Bakhtin teria sido uma espécie de líder, o chefe carismático de um grupo com estabilidade institucional reconhecida. A ideia de “Círculo de Bakhtin” contribui para a construção do mito, do Grande Relato em que a encantação e a íntima convicção substituem a prova e o argumento. Dessa forma, se ignora o papel dos outros membros dessa nebulosa informal de pessoas que se encontravam com frequência, mas que também participavam, cada uma, de outros agrupamentos.

1.1.1 A concepção dialógica da linguagem e o enunciado na comunicação discursiva: um ato responsável

A linguagem é essencialmente dialógica, vivendo e se desenvolvendo na interação entre os sujeitos da língua, que agem com diferentes propósitos comunicativos. Considerando que o objetivo desta pesquisa é analisar os enunciados violentos entre comentários antagônicos de *deepfake* satíricas no *Facebook*, buscamos em Bakhtin o entendimento do que é o dialogismo e como essa concepção de linguagem também constitui “uma reflexão sobre o homem” (Cunha, 2005, p. 96). Dessa maneira, compreendemos como o ser humano manifesta seus valores em seus discursos, frutos das experiências cotidianas. Cunha (2021, p. 04) afirma que a linguagem é heterogênea sob múltiplos pontos de vista. Isso faz com que as unidades da língua façam sentido de acordo com as situações, contextos e modos de recepção.

Os fenômenos da linguagem consideram o contexto sociohistórico no qual o ser humano está inserido para produção da linguagem e as interações que ele estabelece durante suas vivências. Se atentarmos para o início da ADD, veremos que ela começou a ser desenvolvida por Jakubinskij (1892-1945), fundador da Sociedade de Estudo da Linguagem Poética e um dos iniciadores da criação do Instituto da Palavra Viva, responsável pela origem da sociolinguística na Rússia. Em seu ensaio “Sobre a fala dialogal” (2015 [1923]), Jakubinskij defende a tese de que a atividade languageira é um fenômeno multiforme, sendo simultaneamente um fato psicológico, biológico e sociológico, pois depende da vida coletiva do homem (Jakubinskij, 2015 [1923], p. 49-50).

Jakubinskij afirma que a vida em sociedade exerce influência sobre a atividade languageira, inovando nos estudos linguísticos ao abordar a funcionalidade da fala e associação intrínseca aos propósitos comunicativos humanos. Posteriormente, Medviédev, Volóchinov e Bakhtin continuaram desenvolvendo uma teoria da linguagem para análise de textos literários, que pode ser aplicada à análise do discurso em redes sociais digitais, como o *Facebook*. Dessa forma, com base na concepção bakhtiniana de linguagem, nossa abordagem ao objeto de pesquisa será de natureza dialógica.

Medviédev (2016 [1928], p. 152) e Volóchinov (2017 [1929], p. 219; 2019 [1930], p. 181) afirmam que a linguagem cotidiana constitui a única realidade da língua, ou seja, é nas interações discursivas que a língua vive e se desenvolve. Sendo

assim, seria um equívoco dissociar o discurso do contexto de sua produção. Conforme afirma Volóchinov (2017 [1929], p. 218-219; 2019 [1930], p. 181), “a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados”.

Para evitar a banalização do termo dialogismo ou o risco de reduzi-lo a uma simples noção teórica ou conceito, concordamos com Faraco (2009, p. 61) quando afirma que Bakhtin e seus pares se ocupam do que ocorre no diálogo, no complexo de forças que atua e condiciona a forma e as significações do que é dito na situação comunicativa.

Sendo assim, ao conceber o “diálogo como a forma clássica da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 29), vamos além de uma simples designação de “sequência de fala dos personagens no texto dramático, assim como o desenrolar da conversa na interação face a face” (Faraco, 2009, p. 60). Isso ocorre porque atribuímos significado ao mundo de maneira dialógica, concordando ou discordando do outro nas interações cotidianas.

Para Volóchinov (2017 [1929], p. 219), não é possível reduzir o fenômeno do dialogismo a uma simples denominação de diálogo, que, em sentido estrito, constitui apenas uma das formas da interação discursiva, embora seja a mais significativa. O diálogo deve ser compreendido de maneira mais ampla, não apenas como a comunicação direta e vocal entre pessoas em interação face a face, mas sim como qualquer forma de comunicação discursiva, independentemente do tipo. Desse modo, entendemos que os comentários do *Facebook* são repletos de significados, uma vez que se relacionam com outros enunciados, evidenciando a dialogicidade nas interações.

A orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso se depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só o Adão mítico, que chegou com a sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não preconizado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto. (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 51)

Nenhum falante de uma língua está livre da orientação dialógica, que norteia os discursos na linguagem e possibilita as mais diversas manifestações entre os enunciados. Consideramos os fenômenos da linguagem em sua integridade concreta e viva, constituídos nas relações dialógicas entre sujeitos concretos, reais, únicos e ancorados numa situação comunicativa. Como afirma Sériot (2015, p. 15), essa situação comunicativa “tem a particularidade de estar em ‘diálogo’ permanente com a fala dos outros indivíduos, isto é, de responder ao outro e de antecipar a sua reação”. Essa dinamicidade torna a língua integralmente concreta e viva, constituída por aspectos extralinguísticos. É precisamente a comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem, conforme afirma Bakhtin (2015 [1963], p. 207).

Estamos diante de uma língua constituída socialmente e que também importa o seu funcionamento na *práxis*, nas relações extralinguísticas. Uma língua onde não existe o ineditismo em seus discursos, pois, ao falar de qualquer objeto ou expressar opiniões a respeito, podemos acreditar que estamos dizendo algo novo, quando, na verdade, estamos retomando o que já foi dito anteriormente. Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 51) ilustra essa ideia por meio da metáfora do Adão mítico. Desse modo, nada na língua é por acaso e não podemos considerar inocente ou ignorante quem profere discursos difamatórios. Esses enunciados são retomados de outros falantes que assumem novos significados nas situações em que são usados para justificar ou refutar um ponto de vista.

O enunciado concreto e vivo é trazido para as discussões linguísticas, pois se relaciona com outros enunciados, está saturado em seus diversos usos e exige um novo acento para expressar o ponto de vista dos falantes em cada nova situação. Segundo Bakhtin (2017[1979], p. 26), “não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem”. Desse modo, quando o homem enuncia, direciona seus enunciados para alguém, já que, conforme Volóchinov (2013 [1926], p. 157), “cada expressão linguística é sempre orientada para o outro”.

Os enunciados são proferidos de maneira inédita por um falante, sempre se forma no clima de já-ditos e apresentando um caráter responsivo. Ao enunciar, consideramos o conteúdo a ser transmitido, a forma de expressão e o outro, bem como nossa intencionalidade. Nesse processo, antecipamos a reação do outro a determinado enunciado, o que configura uma provocação para que ele responda. À

medida que respondemos com já-ditos, inseridos nesse contexto dialógico, retomamos discursos anteriores ao nosso, moldando-o de acordo com a nossa intencionalidade comunicativa.

Todo discurso está voltado para uma resposta e não pode evitar a *influência do discurso responsivo antecipável*.

O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. Formando-se num clima do já-dito, o discurso é, ao mesmo tempo, determinado pelo não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo (Bakhtin, 2015 [1934 – 1935], p. 52 – 53, grifo do autor).

Todo discurso é construído a partir do outro e se reflete nas diversas manifestações da linguagem. Mesmo utilizando o mesmo código linguístico, não é possível proferir um enunciado que não seja um já-dito, o que constitui uma das dimensões do *dialogismo*. Quanto à outra dimensão, retomamos o que foi dito a respeito da responsividade dos discursos, encontramos em Medviédov (2016 [1928], p. 152), Volóchinov (2017 [1929], p. 205) e Bakhtin (2015 [1934 -1935], p. 53-54) a afirmativa de que qualquer enunciado é orientado para um ouvinte específico e para uma determinada forma de comunicação social. Sendo assim, podemos afirmar que o outro é o pilar da enunciação.

Sabemos que o discurso é determinado por uma diretriz dialógica, estabelecida entre enunciados alheios no âmbito da mesma língua e do mesmo universo socioideológico. Este universo constitui um chão comum para os enunciados, pois eles estão em constante tensão entre as mais diversas convicções ideológicas. Nessa perspectiva, definimos ideologia como um conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pela palavra humana nas diversas manifestações languageiras (Volóchinov (2017 [1929], p. 243). Em outras palavras, toda organização e compreensão do mundo da vida é consequência da ideologia humana, das experiências vividas ao longo da vida.

Para Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 65), cada momento histórico da vida verboideológica possui sua própria linguagem. Nessa mesma linha de raciocínio, podemos afirmar que os discursos violentos acompanham os fatos polêmicos da vida cotidiana. Para compreender seu funcionamento, é necessário analisá-los sob seus aspectos sociais, políticos e culturais, visando uma explicação mais aprofundada.

Os meios de comunicação estão em constante evolução devido aos avanços tecnológicos, e não podemos deixar de investigar essas novas possibilidades de interação sem considerar o elemento extraverbal presente na constituição da linguagem. Como afirma Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 66), “em cada dado momento da sua existência histórica a língua é inteiramente heterodiscursiva: é uma coexistência concreta de contradições socioideológicas”. Somente quando analisamos a violência verbal sob a perspectiva da ADD é que podemos compreender a relação entre os valores materializados nos discursos dos internautas.

Já que a nossa comunicação cotidiana se dá por meio de enunciados e esses enunciados são proferidos a partir da nossa experiência em uma esfera comunicativa, cremos que “a palavra é um fenômeno ideológico *par excellence*” (Volóchinov (2017 [1929], p. 98). Além disso, ela é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social (Volóchinov, 2017 [1929], p. 99). Desse modo, a compreensão da significação dos fenômenos languageiros somente será plena a partir do seu contexto de uso.

Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepetível da comunicação discursiva. É justamente esse material linguístico que evidencia as diferentes ideologias nos discursos de ódio nas redes sociais digitais. Segundo Volóchinov (2017 [1929], p. 99), a comunicação cotidiana é extremamente importante e rica em conteúdo, relacionando-se diretamente com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas na sociedade. Sendo assim, os enunciados constituem um campo privilegiado para estudo da ideologia, pois o homem atribui sentidos ao mundo por meio da linguagem, e é através dela que as ideologias se disseminam, se tensionam e se afirmam na vida humana.

A linguagem, pensada no mundo da vida vivida, permite compreender que ela configura um espaço de constituição do sujeito, singular e marcado pela alteridade, implicando um traço de responsabilidade no que enuncia. É fundamental considerar o enunciado concreto na comunicação cotidiana, porém é imprescindível reconhecer que a responsividade é acompanhada da responsabilidade moral e ética para com o outro. Para Bakhtin (2017 [1919-1921], deve existir um laço moral e ético na enunciação, pois o meu ato é singular, mas não egoísta e o ser humano vive, simultaneamente, influenciando e sendo influenciado pelo outro na sociedade, de maneira dialógica.

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir (Bakhtin, 2017 [1919-1921], p. 44).

O conteúdo e os sentidos atribuídos ao meu enunciado refletem meu posicionamento axiológico, determinado pelos valores adquiridos nas experiências vividas. Embora a discussão sobre verdade e veracidade seja abordada mais adiante, é importante ressaltar que o dever ético, sob a perspectiva bakhtiniana, fundamenta-se nas vivências. Bakhtin (2017 [1919-1921], p. 47-48) afirma que não existe um ser moral abstrato e, conseqüentemente, uma moral absoluta teorizada de forma transcendental, separada do ser humano constituído historicamente.

Dessa forma, o enunciador “deveria a cada vez encarnar-se em um ser humano real, efetivo, pensante para incorporar-se, com o mundo todo do existir que lhe é inerente enquanto objeto de seu conhecimento, no existir do evento histórico real, simplesmente como seu momento” (Bakhtin, 2017 [1919-1921], p. 49). Como um ser pensante, o homem deve ser íntegro, o que, segundo Bakhtin (2017 [1919-1921], p. 81), significa ir além da racionalidade, pois essa integridade pressupõe uma responsabilidade, já que a racionalidade constitui apenas um momento na cadeia ininterrupta da fala.

Bakhtin (2017 [1919-1921], p. 98) aproxima o existir-evento dos fenômenos da linguagem, afirmando que da vida emerge o meu dever singular a partir do meu lugar singular no existir. É a minha singularidade que reconhece a singularidade do outro, e, a partir do meu lugar no existir, conheço o outro, penso nele, pois existo em função dele.

Cabe destacar mais um pensamento bakhtiniano sobre a singularidade do ato responsável, que é a afirmação do *meu não-álibi no existir* (Bakhtin, 2017 [1919-1921], p. 99, grifo do autor), referindo-se à ideia de que o ser humano não pode se esquivar da sua responsabilidade existencial. O ato de enunciar pressupõe responsabilidade pelo próprio existir no meu lugar no mundo.

Reconhecer a responsabilidade dos meus atos nos discursos e como eles podem afetar a imagem do outro, influenciando seus comportamentos diante da vida, nos leva a reconhecer o caráter dialógico da linguagem, que nos permite compreender

os enunciados concretos, uma vez que estes são plenos de pontos de vista/valores axiológicos. Abordaremos essa questão no próximo tópico, relacionada ao processo de valoração do mundo, uma vez que a linguagem é parte integrante da realidade social e, simultaneamente, reflete e refrata realidades que transcendem seus próprios limites (Volóchinov, 2017 [1929], p. 91).

1.1.2 O processo de valoração do mundo: ponto de vista e axiologia

O caráter dialógico da linguagem permite discutir as noções de escolha do ser humano por valores, pois estes influenciam diretamente os modos de dizer e, conseqüentemente, as interações comunicativas. Como afirma Bakhtin (2023 [1920-1924], p. 262), “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente”. Considerando que o homem valora o mundo por meio da linguagem, o estudo dos valores, das crenças e das hierarquias presentes nas práticas discursivas é de fundamental importância para uma análise aprofundada em seu contexto. Nas palavras de Gomes (2023):

A valoração do mundo é imprescindível e porque essa valoração não pode passar alheia ao processo enunciativo pelo qual o ser humano se constitui sujeito no seio da sociedade. Em outras palavras, todo enunciado se configura um enunciado-resposta somente porque todo enunciado apresenta um posicionamento valorativo forjado na fornalha das relações sociais concretas. Para ser ainda mais direto, direi que só há enunciado-resposta porque a todo enunciado a que, efetiva ou virtualmente, se responde subjaz uma posição apreciativa a ser respondida (Gomes, 2023, p. 17).

Nessa perspectiva, constatamos que o diálogo entre internautas é caracterizado por enunciados formados a partir de convicções ideológicas e produzidos para responder ao outro, considerando um discurso já-dito na sua esfera ideológica, retomado e modificado em relação a um objeto específico.

Todo enunciado concreto carrega consigo um significado e uma interpretação de sentidos. Como afirma Cunha (2012a, p. 23), transformar o ponto de vista em um objeto de análise é uma tarefa complexa, pois só podemos identificá-lo parcialmente nos discursos. A partir da convicção da presença do outro nos enunciados, poderemos notar como os já-ditos moldam as vozes que compõem o discurso do falante.

Acreditamos que a ideologia presente nos enunciados colabora para percepção dessa valoração e, conseqüentemente, do ponto de vista do internauta. Todo enunciado deve ser observado não apenas no momento da enunciação, mas também em sua história, ou seja, em um contexto além do contexto imediato. Como afirma Cunha (2012, p. 250), "o enunciado se configura, portanto, como ponto de encontro de visões de mundo, discursos, tendências, teorias e etc.". Esse ponto de encontro entre os falantes gera uma tensão de pontos de vista, pois nem sempre os posicionamentos são similares.

O ser humano é um centro de valores, pois a cada nova enunciação, exteriorizamos nossas convicções ideológicas, valores e crenças que aceitamos como verdade. Desse modo, podemos afirmar que a maneira como nos posicionamos diante da vida completa o sentido dos enunciados, influenciado pela própria experiência existencial. Segundo Volóchinov (2019 [1926]):

Costumamos atribuir as seguintes características e avaliações aos enunciados cotidianos: "é mentira", "é verdade", "é corajoso", "não podia ter dito isso", e assim por diante. Essas avaliações, e outras semelhantes a elas, independentemente do critério pelo qual elas se guiam - ético, cognitivo, político ou de outros tipos incluem muito mais do que se encontra nos aspectos verbal e linguístico do enunciado: as avaliações englobam, junto com a palavra, a situação extraverbal do enunciado (Volóchinov, 2019 [1926], p. 117).

O internauta se posiciona ao comentar determinado *post*, expressando explicita ou implicitamente sua opinião, o que nos permite identificar a concordância ou discordância com o conteúdo publicado. Como afirmamos no tópico anterior, os enunciados são repletos de intencionalidade e refletem os valores atribuídos aos fatos da vida, evidenciando um posicionamento nos discursos.

Segundo Bakhtin (2015 [1934 – 1935], p. 67), as línguas do heterodiscurso são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de compreensão verbalizada, bem como horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos. Desse modo, o ser humano expressa, juntamente com o seu posicionamento, suas experiências nas diversas esferas sociais por meio dos enunciados que produz.

Por estabelecerem correlações axiológicas, os posicionamentos podem ser confrontados, complementados e contraditados entre si (Bakhtin, 2015 [1934 – 1935], p. 67). Por exemplo, nas interações nas redes sociais digitais, pontos de vista coexistem em constante tensão, de tal modo que alguns internautas recorrerem à

violência verbal para sobrepor seu ponto de vista sobre o dos outros. Essa coexistência dos discursos no mundo da vida faz com que o objeto do discurso esteja sempre envolvido pela palavra do outro sobre ele, condicionado, contestado, diversamente apreendido, apreciado e inseparável da sua apreensão social heterodiscursiva (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 121). No entanto, isso não justifica a disseminação de discursos violentos – porque alguém já apreciou tal objeto – devemos proporcionar condições para a vida do diálogo.

Para Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 48), todos os enunciados são enunciados dos outros sobre um objeto, “envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista e avaliações alheias, acentos”. É sobre o mundo preconizado pelas diversas esferas sociais que o ser humano enuncia, demonstrando, assim, seus posicionamentos. Da mesma forma, assim como os objetos no mundo estão imersos nessa teia de fios dialógicos, o homem se encontra envolto pela dialogicidade. Desse modo, os pontos de vista são posicionamentos sociais de um sujeito inserido em um contexto específico de tempo e espaço.

Segundo Cunha (2012a, p. 26), o ponto de vista se elabora dialogicamente, mediante a confrontação com outro ponto de vista. Além disso, Cunha afirma que é difícil fornecer uma definição ou descrição linguística precisa para essa noção teórica, pois, como ela mesma destaca, “se existe ponto de vista é porque há diferentes percepções e maneiras (de outros sujeitos) de se posicionar em relação a uma realidade comum” (Cunha, 2012a, p. 26-27). Com base nessa afirmação, entendemos que não dispomos de um conceito formado sobre “ponto de vista” em Bakhtin, mas podemos nos basear em suas discussões sobre o “diálogo”, “enunciado”, “avaliações”, “axiologia”, “acento” e outras temáticas relacionadas ao posicionamento do falante presentes em seus escritos.

Nossos discursos são produzidos com base nas nossas experiências da vida social, envolvendo um processo de retomada do discurso alheio para expressão dos nossos pontos de vista. O discurso é determinado pelo contexto extraverbal no qual estamos inseridos, e são os sentidos que atribuímos a essas significações discursivas que se materializam nos enunciados. Esses enunciados são influenciados pelo outro na convivência, seja no mundo físico ou no mundo virtual. A interação com o outro, compartilhando ideais e preferências comuns, facilita uma integração dialógica de nossos discursos, promovendo uma troca de perspectivas mutuamente enriquecedora.

Nosso discurso [...] é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (Bakhtin, 2016 [1979], p. 54)

Como o dialogismo é um fenômeno inerente à linguagem, a dimensão axiológica dos enunciados expressa pontos de vista sobre a realidade, pois a nossa relação com o mundo é sempre valorativa (Faraco, 2009, p. 49). Além disso, é possível afirmar que todos os enunciados estão no “interior da grande corrente da comunicação sociocultural, com uma dimensão axiológico-social em sua significação” (Faraco, 2009, p. 45-46). Desse modo, é nas relações sociais que encontramos o ponto de partida para entender a dimensão axiológica dos enunciados.

O ser humano é constituído e constitui-se pela linguagem da vida vivida e ele não existe fora da relação com o outro. Como afirma Medviédev (2016 [1928], p. 185), “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico”. Além disso, são as avaliações sociais que vão determinar a escolha de cada enunciado, como afirma Volóchinov (2019 [1926], p. 131), pois cada falante somente o escolhe, de acordo com a sua intenção.

Ao se posicionar com injúrias e agressões em rede, supomos que a intenção do internauta o levou a escolher o enunciado violento, que pode ser legitimado por sua esfera social. Quando começamos a falar sobre determinado objeto, estabelecemos uma relação interessado-afetiva, posicionando-nos com uma atitude avaliativa (Bakhtin, 2015 [1934-1935], p. 85). Isso ocorre porque é impossível separar interpretação de avaliação; ambas são simultâneas e constituem um ato único, integral (Bakhtin, 2017 [1979], p. 36).

Desse modo, a linguagem carrega consigo a experiência singular, impregnada de afetos e valores na sua produção. Como sujeito da linguagem, o ser humano também deve ser capaz de interpretar o que lhe é dito. A linguagem, por si só, não possui valor intrínseco; as palavras só atribuem sentido nas interações, nas saturações de seu uso. Destacamos a afirmação de Bakhtin (2017 [1919-1921]) sobre a valoração do mundo por meio das palavras:

A palavra viva, a palavra plena, não tem a ver com o objeto inteiramente dado: pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com a sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto o que nele é desejável e não desejável – e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo. (Bakhtin, 2017 [1919-1921], p. 85-86)

O falante expressa o seu ponto de vista no discurso por meio da entonação, que revela sua atitude valorativa do objeto do discurso. Volóchinov (2019 [1926], p. 123) afirma que a entonação é o elemento que determina o significado do enunciado, que permanece semanticamente vazio até o momento em que é utilizado pelo falante. Nesse sentido, Bakhtin (2016 [1979], p. 48) afirma que, por si mesmas, as palavras não se valoram, são apenas um recurso linguístico. No entanto, quando carregadas de expressão emocional e valorativa em relação à realidade, tornam-se enunciados concretos que refletem os juízos de valor do falante em diversas expressões.

A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado, pois não é possível definir as particularidades do enunciado sem essa expressão valorativa do falante que é a entonação. É fundamental destacar que o contexto é determinante para a entonação, uma vez que, por meio dela, a palavra entra em contato direto com a vida e o falante estabelece conexão com os ouvintes. Para Volóchinov (2019 [1926], p. 123), a entonação é *par excellence*”, conferindo significado ao discurso. Além disso, o autor afirma que o caráter compartilhado das avaliações constitui o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entonacionais (Volóchinov, 2019 [1926], p. 124).

Na entonação, encontramos “o limite entre a vida e a parte verbal do enunciado, é como se ela bombeasse a energia da situação cotidiana para a palavra, atribuindo ao todo linguisticamente estável um movimento histórico vivo e um caráter irrepetível” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 129). Podemos afirmar que o enunciado vivo assume novos significados a partir da entonação nas interações sociais, nas diferentes correntes socioideológicas. Ao falar sobre avaliação e entonação, cabe-nos destacar o tom emotivo-volitivo nos enunciados cotidianos.

Tudo [...] me é dado em certo tom emotivo-volitivo, já que tudo me é dado como momento do evento, do qual eu sou participante. Se eu penso num objeto, estabeleço com ele uma relação que tem o caráter de um evento em processo. Na sua correlação comigo o objeto é inseparável da sua função no evento. Mas esta função do objeto na unidade do evento real que nos abarca é o seu valor real, afirmado, o seu tom emotivo-volitivo (Bakhtin, 2017 [1919-1921], p. 86).

Se o ser humano participa ativamente dos eventos da vida, supomos que a relação estabelecida entre o objeto do discurso e com outros falantes abarca uma valoração que considera o tom emotivo-volitivo. Esse tom, segundo Bakhtin (2017 [1919-1921], p. 87), é essencial na existência, pois não é possível permanecer indiferente ao se posicionar na vida. É na integração social que a atmosfera axiológica pessoal se forma e se desenvolve. Nenhum valor surge na cabeça do ser humano por acaso, as diversas significações são atribuídas pelas esferas sociais. Nas palavras de Gomes:

Só obtém forma sógnica e, assim, adentra ao processo de interação social, aquilo que recebe alguma ênfase valorativa por parte de algum grupo da sociedade. Dito de modo mais direto, ser socialmente valorado é a condição para que um evento, fenômeno e/ou objeto do/no mundo seja introduzido na interação social. Consequentemente, aquilo que não é axiologizado é, involuntariamente, ignorado. O corolário disso, penso eu, não poderia ser outro: a interação social não é mera troca de mensagens, mas, sim, a dialogização de axiologias. (Gomes, 2023, p. 51)

O ser humano é um centro de valores que valora a todo momento e em cada situação comunicativa. Tudo que é “axiologizado” é por meio dos diálogos cotidianos, ou seja, influenciados pelas situações da vida. Essa discussão sobre enunciados situados no espaço social e em um determinado tempo nos permite compreender que os valores são atribuídos a partir das vivências em um contexto socioideológico. Essa é a condição do existir-evento, conforme proposto pelo pensamento bakhtiniano.

A discussão sobre a importância da vida social para os estudos dialógicos se entrelaça com a axiologia, pois o homem valora a partir do seu lugar no mundo, juntando-se a outras vozes, compartilhando opiniões e avaliações da mesma esfera social à qual pertence. Em alguns momentos, essa voz coletiva surge como uma segunda voz, representando o ideal típico da nossa esfera social, porque a linguagem é parte integrante da realidade social e material que circunda o ser humano,

constituindo um momento do horizonte ideológico materializado (Volóchinov, 2019 [1926], p. 275; Medviédev, 2016 [1928], p. 50).

A materialização das vozes na linguagem está intrinsecamente ligada à esfera ideológica, e, como afirma Volóchinov (2019 [1926], p. 275), “a avaliação social está presente em cada palavra viva, já que a palavra faz parte de um enunciado concreto e singular. [...] Por isso, qualquer enunciado concreto é um ato social”. Isso ocorre porque a linguagem permeia as relações humanas, e seu estudo considera cada estratificação social, situada no tempo e no espaço, que possui uma linguagem própria, partilhada entre seus membros e que serve aos mais distintos juízos de valor e propósitos comunicativos. Segundo Volóchinov (2013 [1926], p. 77), a linguagem se relaciona com a vida e conserva um vínculo estreito com a situação extraverbal. Dessa maneira, “a realidade da linguagem é a comunicação social” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 99).

Considerando que a linguagem é permeada por posicionamentos axiológicos, concordamos com Hessen (1980, p. 57) quando afirma que “a cultura humana é essencialmente uma realização de valores”. Não é possível iniciar uma reflexão sobre o valor a partir de uma concepção já formada, ou seja, de um sistema de ideias já estabelecido. Como destaca Hessen (1980, p. 39), “a *teoria dos valores* parte do fenômeno *valor*. *Fenômeno* é, como se sabe, tudo aquilo que nos é imediatamente dado. Todo o valor nos é, porém, dado precisamente na nossa *consciência dos valores*, na vivência que deles temos”.

Ao considerarmos os valores a partir das situações concretas da vida, não podemos dissociá-los do mundo físico. Nessa conjuntura, analisamos a violência verbal nas redes sociais digitais, uma vez que, nos enunciados, os “juízos valorativos são polarizados, ou seja, julgamos coisas como valiosas ou desvaliosas, atribuindo-lhes valores positivos ou negativos (valor, desvalor)” (Lucas; Passos, 2015, p. 132).

Sempre julgamos se determinado objeto possui valor ou não, a partir de um escopo específico. A axiologia perpassa toda a obra de Bakhtin, portanto, uma reflexão sobre os valores, e a vivência dos valores constituintes da vida proporciona mais sentido às nossas análises dos enunciados violentos. Ao atribuir valores às coisas no mundo, atravessamos processos seletivos guiados por normas afetivas, presentes na estruturação e no funcionamento das esferas sociais das quais fazemos parte.

No próximo tópico, abordaremos a noção de autor/autoria e vozes na perspectiva bakhtiniana, temas presentes na obra do nosso teórico russo, que exigem uma articulação com outras noções da ADD para uma elaboração precisa desse pensamento.

1.1.3 A noção de autoria e a orquestração de vozes em uma concepção bakhtiniana

Em Bakhtin, não encontramos uma definição precisa sobre a noção de autor/autoria, mas podemos afirmar que o autor é aquele que articula as vozes no texto, já que todo texto é constituído dialogicamente e possui múltiplas vozes. Nesse sentido, o autor atua como um orquestrador de vozes, realizando essa articulação de maneira singular e única, distinguindo-se assim de qualquer outra pessoa.

Ao orquestrar as vozes que constituem os discursos, o autor não age de maneira automática, pois ninguém é uma máquina de reprodução, ele envolve o tom emotivo-volitivo em seus enunciados. Isso ocorre porque, em função do contexto, do projeto discursivo e do propósito, o discurso é recortado, condensado e acentuado, enfatizando o aspecto pretendido. Além disso, o discurso pode ser expandido, articulando partes que não estavam previamente articuladas no discurso anterior.

Francelino (2007, p. 102-103) afirma que, para configurar uma noção de autoria, é necessário considerar algumas características que se fundamentam na conjunção de três domínios, nos quais o sujeito se relaciona com a linguagem. Esses domínios permitem observar a manifestação da instância produtora de sentidos. E podemos caracterizá-los como: (1) O da (meta)enunciação, no qual o autor se assume como tal a partir de sua inserção em um plano sociohistórico da produção de linguagem; (2) O domínio da discursividade, no qual o autor se assume a partir do momento em que faz parte de uma determinada condição de produção do discurso, de uma formação discursiva que produz determinados efeitos de sentido; (3) O domínio do linguístico, instância em que o autor marca sua posição autoral, evidenciando-se por meio de pistas empíricas no eixo de suas formulações materializadas em um gênero.

Para Francelino (2007, p. 103), esses domínios não apresentam uma ordem hierárquica, mas são instâncias nas quais o autor se constitui de forma integrada. Isso ocorre porque todo autor pressupõe uma tomada de sentidos axiológicos expressos

em seu texto, e, conseqüentemente, suas criações são produzidas com uma função estético-formal. Além disso, para formularmos a noção de autor/autoria, é necessário considerar que qualquer texto tem como ponto de partida e elemento estruturante um posicionamento axiológico, ou seja, uma posição autoral (Faraco, 2009, p. 90). Bakhtin analisa o autor na arquitetura ligada à atividade estética, enquanto engendrador de uma obra. No entanto, discutiremos essas ideias relacionadas à atividade estética da vida vivida, especificamente nos comentários dos internautas no *Facebook*.

Segundo Faraco (2009, p. 89), Bakhtin, em sua obra “O autor e a personagem na atividade estética” (1920-1924), distingue entre o autor pessoa (o escritor) e o autor criador (quem sustenta a unidade do todo esteticamente consumado). No nosso caso, interessa-nos especificamente a definição do autor criador, uma vez que ele materializa os posicionamentos axiológicos em relação ao mundo (Faraco, 2009, p. 89).

Sabemos que os internautas expressam o seu ponto de vista diante de uma publicação por meio de enunciados breves, *emojis*, memes, *links* ou textos longos. Esses comentários possuem um autor que assume uma posição axiológica multiforme e heterogênea, composta a partir das coerções da exterioridade e determinantes na produção de linguagem, bem como da iniciativa de um “querer dizer” e de um “intuito discursivo” (Francelino, 2007, p. 103).

Cabe ao desvelar minuciosamente os traços característicos de sua personagem na sua obra. Segundo Bakhtin (2023 [1920-1924], p. 45), “o autor acentua cada particularidade e cada traço da sua personagem, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam”. No entanto, Bakhtin (2023 [1920-1924], p. 45) nos alerta que, na vida, nossas respostas são de natureza dispersa, pois se trata de manifestações particulares que não expressam a totalidade do ser humano. Como afirma o teórico:

Mesmo onde apresentamos definições acabadas de todo o homem – bondoso, mau, bom, egoísta, etc. –, essas definições traduzem a posição prático-vital que assumimos em relação a ele não o definem tanto quanto fazem um certo prognóstico do que se deve e do que não se deve esperar dele, ou, por último, são apenas impressões fortuitas do conjunto ou de uma generalização empírica precária; na vida não nos interessa o todo do homem, mas apenas alguns de seus atos, com

os quais operamos na prática, e que nos interessam de uma forma ou de outra. (Bakhtin, 2023 [1920-1924], p. 45)

Conhecemos uma obra a partir do que autor elabora sobre seu personagem, pois em uma obra artística conhecemos o todo de tal arquitetônica em razão desses traços, nos quais estão todas as experiências desse autor. É o autor quem responde, de fato, axiologicamente às situações apresentadas no mundo da obra. Se o autor é o tradutor de valores materializados em seu texto, enxergamos o todo que está posto na unidade estética. Diferentemente do mundo da vida vivida, no qual não temos uma visão do todo do ser humano, em sua totalidade, mas apenas impressões precárias, embora tenhamos respostas acabadas para alguns momentos de valoração ou um certo prognóstico sobre o que se pode esperar dos nossos discursos.

A análise bakhtiniana conduz-nos à reflexão sobre a interação no *Facebook*, identificamos um cronotopo pandêmico, caracterizado pela produção de discursos em um tempo e espaço perpassado pela pandemia do COVID-19. Nesse contexto, o autor da *deepfake* orchestra vozes de um presidente, satirizado por seu comportamento diante de uma crise global. Outros autores, os internautas comentadores, se posicionam com impressões (também orquestrando vozes), ora em apoio ao conteúdo da publicação, ora em oposição ao dono do perfil. O que se revela interessante é a retomada de vozes proferidas por autoridades político-sociais para disseminar um ponto de vista específico naquela situação.

É importante salientar que “a posição autoral é, no fundo, uma *máscara autoral* – *autorar* é assumir uma máscara (determinada posição axiológica, determinada voz social)” (Faraco, 2009, p. 91, grifo do autor), pois o autor criador não deixa transparecer sua verdadeira face por meio de sua criação. A partir do tratamento axiológico único, desenvolve-se o conjunto da personagem, que exibirá máscaras casuais, gestos falsos e atos inesperados em função das respostas volitivo-emocionais (Bakhtin, 2023 [1920-1924], p. 46).

Nessa perspectiva, a comunicação mediada por uma tela facilita o uso de “máscaras”, uma vez que observamos posicionamentos que muitas vezes extrapolam os limites do respeito às opiniões alheias e ao próprio ambiente público social digital. Com base no que é publicado, o autor do comentário reorganiza esteticamente as manifestações verbais sobre os eventos da vida, pois os comentários constituem respostas que reagem em uma situação comunicativa.

Segundo Francelino (2007, p. 104-105), existem dois princípios fundamentais de autoria na perspectiva bakhtiniana. O primeiro princípio considera que o autor é uma instância individual que se constitui na alteridade, ou seja, em relação ao outro. Já o segundo princípio destaca que o autor instaura seu interlocutor no processo enunciativo. Em relação ao primeiro princípio, ao enunciar sua subjetividade e visão de mundo, o autor simultaneamente relaciona e contrapõe as vozes presentes na sua esfera social, das quais se vale para construir o seu discurso. No segundo princípio, o sujeito é impelido a responder ao outro, tornando-se, assim, um participante ativo da situação comunicativa.

Esses princípios de autoria conduzem-nos a relacionar o autor ao dialogismo, pois, ao mesmo tempo em que é singular, é responsivo, considerando o outro em seu discurso. Na concepção de Faraco (2009, p. 92), essa voz criativa (isto é, o autor criador enquanto elemento estético-formal) deve ser sempre uma voz segunda. O discurso do autor criador não corresponde à voz direta do escritor (do autor pessoa), mas sim a um ato de apropriação refratada de uma voz social qualquer, com o objetivo de estruturar um todo estético.

No dialogismo das vozes, o autor criador encontra a possibilidade de exercer seu ato criativo. Isso nos remete às reflexões de Cunha (2017), que afirma que, na perspectiva bakhtiniana, não nos interessam as formas de discurso reportado, mas sim o que o sujeito faz com o discurso do outro.

Todo discurso recebe uma nova formulação em cada situação, compondo um todo estético ou constituindo uma publicação na rede social digital. Se nos interessamos pelo diálogo, pela interação entre as vozes, pelo discurso emoldurador e pelo enunciado citado, nossas análises incluem as formas de presença do outro, sejam elas marcadas ou não, nos diálogos do cotidiano (Cunha, 2017, p. 97). Assim, a voz criadora se “perde” em meio às outras vozes do discurso, pois, em determinado momento, a referência a um discurso do outro se entrelaça com uma única voz.

A questão fundamental é que o enunciadador tem sempre um interesse, um propósito quando retoma o discurso do outro: apreciar, julgar, reforçar seu ponto de vista, desenvolver o seu discurso, usar como argumento de autoridade, explicar, criticar, refutar etc. A posição em relação ao discurso do outro manifesta-se nas formas de enquadramento dos dizeres do outro, nos comentários prévios ao discurso citado, nas reacentuações, na escolha das palavras, nas formulações etc. (Cunha, 2017, p. 97).

Dessa forma, as ideias e vivências do autor criador são exteriorizadas em sua produção estético-formal. Isso é o que caracteriza o autor como um artista: a maneira como ele arquiteta os seus dizeres a partir de outras vozes e de seus propósitos.

Segundo Bakhtin (2023 [1920-1924], p. 64), a relação do autor com o personagem complexifica-se e varia em função das definições ético-cognitivas do todo do personagem, as quais, como vimos, são indissociáveis de sua “enformação” puramente artística. Isso não implica dizer que um personagem seja desprovido de liberdade para expressar seus pensamentos e valores, conforme discutido por Bakhtin (2015 [1963]) em sua análise da obra de Dostoiévski. No entanto, pode ocorrer que, diante da sátira e da ironia, o autor seja desmascarado por transgredir a autoconsciência da personagem, afirma Bakhtin. Pois, o eu e o outro são as categorias axiológicas basilares, e verificamos que apenas o outro, como tal, pode ser o centro axiológico da visão artística (Bakhtin, 2023 [1920-1924], p. 262).

Para evitar a sobreposição de noções na discussão sobre autor/autoria, considerando que já abordamos algumas noções da ADD que contribuem para a definição desse conceito, gostaríamos de enfatizar que as vozes entram no discurso do autor já com seus temas, significados, elementos figurativos e expressivos que marcam a singularidade da enunciação, a qual é, ao mesmo tempo, complexa e amplamente saturada (Francelino, 2007, p 112).

Na interpretação e compreensão dos comentários consideramos um internauta como um autor criador, mobilizando forças axiológicas para compor seus enunciados. Vale destacar que, ao elaborar os discursos, o outro é sempre considerado, pois é um elemento indispensável da comunicação.

Segundo Francelino (2021, p. 242), as escolhas linguísticas que fazemos para enunciar são determinadas pelos interesses comunicativos. Quando temos em mente quem são nossos interlocutores, poderemos projetar uma representação valorativa destes em nossos enunciados. São os valores ideologicamente saturados e determinados pela esfera social do indivíduo que possibilitam uma orquestração de vozes em um texto. Seguindo a lógica bakhtiniana, discutiremos na próxima seção, como a polêmica se forma nessa atmosfera de “já-ditos” e as formas pelas quais elas são apresentadas em nossos discursos.

1.1.4 O caráter dialógico da polêmica

Ao analisar a violência verbal nos comentários de *deepfake* satírica no Facebook, é necessário discutir a noção de polêmica, que, segundo Amossy e Burger (2011, p. 1), configura-se como uma modalidade do conflito verbal. Além disso, a polêmica parece ser inseparável de uma inscrição em um espaço público, na medida em que é dependente de uma dinâmica e julgamento coletivo em larga escala.

Nesta pesquisa, consideramos as redes sociais digitais como um espaço público, onde os internautas têm a liberdade de reagir como quiserem a determinadas publicações. Além disso, entendemos que a violência verbal é um ponto de partida para a interação entre os internautas e aponta para uma polêmica, exemplificada pelos fatos do cronotopo pandêmico apresentados nesta tese, os quais provocam a publicação de comentários. É a partir dessas polêmicas originadas no mundo físico que são produzidas as *deepfake*, as quais, posteriormente, originam injúrias.

Bakhtin (1997 [1963], p. 196) afirma que “qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela ataca polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto”. É comum, na polêmica, o conflito entre vozes sociais que compartilham de visões diferentes de mundo. Ao publicar uma *deepfake* satírica, Sartori impulsiona diferentes opiniões tanto a favor, quanto contra seu posicionamento. Seus vídeos viralizam porque ele reproduz, de maneira sarcástica, o discurso de autoridades políticas, que são difundidos polemicamente com uma nova interpretação, já que “o discurso polêmico é dialógico” (Cunha, 2013, p. 242).

Segundo Bakhtin (1997 [1963]), ao analisar a obra de Dostoiévski, identificam-se dois tipos de polêmica: a velada e a aberta. O discurso polêmico velado do outro traz implícito o discurso subentendido do autor e pode atacar abertamente o objeto da polêmica: “Orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. Ele não se reproduz, é apenas subentendido; a estrutura do discurso seria inteiramente distinta se não houvesse essa reação ao discurso subentendido do outro”.

Nos estudos de Francelino (2021, p. 207), encontramos que a polêmica velada diz respeito ao modo como, de forma não (tão) ostensiva, o autor do enunciado imprime um tom valorativo a um determinado objeto de discurso. Enquanto que “a polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto”. (Bakhtin, 1997 [1963], p. 196), ou seja, a palavra do outro é contestada

explicitamente, entra diretamente no discurso e podemos ver marcas visíveis desse discurso.

Na dissertação do mestrado, não realizamos um estudo aprofundado sobre a violência verbal. No entanto, é comum observarmos nos discursos polêmicos o uso de expressões agressivas, já que os interlocutores não podem praticar a violência física (Oliveira, 2020, p. 46). Na comunicação mediada por aparelhos tecnológicos, especificamente por meio de telas, surge uma possibilidade de expressar opiniões sem restrições, independentemente de uma modalização dos discursos e das emoções que frequentemente prevalecem, pois, nesses discursos, “há o desdobramento de debates inflamados sobre determinada questão” (Oliveira, 2020, p. 46). Os internautas geralmente não demonstram pudor ao proferir discursos odiosos ou não possuem filtro em seus discursos, e, dificilmente, as redes sociais digitais têm um monitoramento eficaz dessas interações.

Segundo Amossy (2017, p. 8), vivemos na sociedade do espetáculo, onde as polêmicas atraem pelos confrontos e rivalidades, sem necessariamente suscitar reflexão sobre o objeto em questão. Essa dinâmica é frequentemente observada nas redes sociais digitais, pois, o exemplo das *deepfake* satíricas envolvendo JB ilustra como polêmicas geram injúrias e outros confrontos verbais. Nesse contexto, elas exploram choques de opiniões contraditórias, permitindo coexistir posições e interesses divergentes (Amossy, 2017, p. 13). Essa polarização gera excessos, resultando em dissensões profundas, onde premissas divergentes impedem consensos racionais.

Os discursos polêmicos nas redes sociais digitais refletem a percepção de liberdade de expressão entre os internautas. Uma publicação sobre um tema relevante pode despertar debates acalorados, frequentemente transcendendo limites de respeito mútuo. Conforme Amossy (2017, p. 9), essa liberdade de expressão é viabilizada pela sociedade democrática, que permite manifestar posicionamentos axiológicos. Essa exposição pública de opiniões é exacerbada pelo acesso facilitado às plataformas digitais, conforme destacado por Amossy (2017, p. 9), que enfatiza a exposição pública de opiniões como característica intrínseca da polêmica.

Dessa forma, o *Facebook* configura-se como um espaço de tensões discursivas, onde polêmicas baseadas em argumentos não racionais e no senso comum disseminam, sem preocupação com a veracidade factual. A ausência de diálogo característica dessas discussões polêmicas não apenas compromete a

harmonia social, mas também prejudica o funcionamento democrático, contribuindo para uma desordem ética e moral (Amossy, 2017, p. 18).

Conforme Amossy (2017, p. 53), a polêmica pode ser classificada em três categorias: *dicotomização*, *polarização* e *desqualificação*. A dicotomização caracteriza-se pela oposição de discursos antagônicos, apresentando duas opções mutuamente excludentes. Essa modalidade evidencia a recusa em aceitar o posicionamento alheio, fundamentando-se exclusivamente em suas próprias premissas.

O segundo tipo, a polarização, conforme destacado por Amossy (2017, p. 56), envolve tensões entre grupos diversificados, difundindo-se em dois ou vários grupos contrastados e mutuamente excludentes. A atmosfera de exclusão do discurso alheio e rejeição de perspectivas divergentes torna inaceitável qualquer posicionamento contrário à opinião do polemista. Nessas modalidades de polêmica, não se busca o diálogo para alcançar consenso, mas sim manter o contraponto e o dissenso. Amossy (2017, p. 58-59) identifica outro tipo de polêmica: a desqualificação. Essa estratégia retórica visa desacreditar o adversário, empregando táticas de má-fé para desqualificar o discurso contrário. Nisso, o polemista ataca o oponente, comprometendo sua credibilidade e capacidade de argumentação.

Conforme afirmam Cabral e Lima (2017, p. 87), “a instauração da polêmica acontece a partir das interações verbais conflituosas nas redes sociais”. Para as autoras, “nas redes sociais o usuário expõe de forma mais explícita suas opiniões, podendo até tornar-se agressivo. Essas redes funcionam como uma máquina que protege quem está do outro lado da tela, contra agressão direta e, assim, o internauta se sente livre para agir de maneira mais violenta”.

Como as polêmicas contidas nas *deepfake* satíricas funcionam como gatilhos para os discursos violentos nos comentários, sua análise possibilita uma compreensão desses discursos de ódio. Segundo Oliveira (2020, p. 49), “podemos dizer que a polêmica é uma construção gradativa de discursos, a fim de construir um ponto de vista no público em geral que concorde com o ponto de vista do polemista”.

Diante das *deepfake* satíricas de Bruno Sartori, os usuários das redes sociais digitais ganham voz, interagindo com o responsável pela postagem e entre si. Essa movimentação, à medida em que reflete tomadas de posição, assume um caráter argumentativo e, por estabelecer posicionamentos dicotômicos (contra e a favor), amplia o caráter polêmico de algo que já carregava em si uma dose de polêmica,

como, por exemplo, a contrariedade em relação às medidas sanitárias e vacinas sugeridas pela OMS.

Nesse contexto, ao abordarmos algumas noções da ADD, acreditamos que a abordagem do riso, coroação e destronamento na carnavalização bakhtiniana contribui para a análise das *deepfake*, pois a compreensão dos comentários depende da interpretação do texto-fonte. E, além de aparecerem nas *deepfake*, alguns internautas publicam comentários carnavalizados, com o objetivo de debochar de autoridades políticas do mundo oficial e de outros internautas. Frequentemente, os comentadores utilizam esses recursos para disseminar insultos no *Facebook*.

1.1.5 O riso e a coroação-destronamento na carnavalização bakhtiniana

A noção de carnavalização constitui um elemento fundamental em nossa tese para análise dos comentários nas *deepfake*, uma vez que, para alcançar nosso objetivo de pesquisa, é necessário compreender por que se propagam comentários de ódio a partir de uma publicação satírica.

Ao investigarmos a violência verbal nas redes sociais digitais e como as *deepfake* funcionam como gatilhos para seu desenvolvimento, recorreremos às categorias de riso, coroação e destronamento, inseridas na noção de carnavalização. Segundo Bakhtin (2010 [1945]), no carnaval, oferecia-se uma visão de mundo e de relações humanas distintas do mundo real, criando um segundo mundo e uma segunda vida, uma espécie de dualidade do mundo. A vida, no carnaval, era recriada a partir do riso, já que “era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (Bakhtin, 2010 [1945], p. 08).

No carnaval, não existiam barreiras e as normas e proibições eram suspensas, pois se tratava de um período de liberdade temporária para alegria universal e um contrato livre. Nele, revogam-se, antes de tudo, o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive etária) entre os homens (Bakhtin, 2018 [1973], p.140). A carnavalização desconstrói a rigidez dos sistemas sociais, uma vez que a linguagem utilizada está sujeita a variações de pronúncia, entonação e alusões distintas. Além

disso, são apresentadas hierarquias artificiais que ironizam as hierarquias oficiais de maneira irônica.

Considerando que a linguagem acontece na vida em sociedade, é interessante discutir o conceito de carnavalização, definido por Bakhtin, que se caracteriza pelo diálogo entre dois mundos: o mundo oficial, normativo, onde vivem os donos do poder e o mundo fantasiado pelo espírito carnavalesco, extraoficial, onde se encontram os homens oprimidos pelo poder (Bernardi, 2018, p. 78-79).

O Carnaval é o período do ano em que se permite a inversão dos valores, ou seja, um momento de riso, parodia e sátiras dirigidas a figuras oficiais, inclusive seus atos. Numa retomada do folclore carnavalesco desde a antiguidade até o período medieval, Bakhtin (2015 [1963], p. 139) afirma que o Carnaval é uma forma sincrética de espetáculo de caráter ritual, que apresenta diversificadas matrizes e variações dependendo da época, povo e festejos particulares. Além disso, o Carnaval desenvolveu uma linguagem própria, composta por formas concreto-sensoriais simbólicas.

Segundo Renfrew (2017, p. 163-164), o carnaval é uma noção profundamente reflexiva do pensamento bakhtiniano como um todo e está relacionada com o cronotopo – noção que abordaremos mais diante –, pois, “ao elaborar, em sua ênfase sobre o *vir-a-ser*, a insistência em que nada é mais significativo do que a resistência ao fechamento, ao inacabamento do ser humano, à questão do processo de “como uma pessoa vem a ser outra”, Bakhtin relaciona diretamente a ideia de carnaval à ideia de cronotopo. Essa afirmação é particularmente interessante, pois, ao mesmo tempo em que discutimos sobre o espetáculo do carnaval e seus efeitos, seus ritos e o festival de simbolismos, estamos tratando de um tempo que, conforme Renfrew (2017, p. 164), “não está ausente do carnaval – se estivesse, não poderia produzir o desenvolvimento, o *vir-a-ser* requerido para a renovação e o renascimento (inacabamento)”.

Desse modo, se o carnaval é um período em que a inversão de hierarquias é permitida, podemos afirmar que é um tempo de suspensão de valores do mundo oficial.

No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval, mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca.

Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (“*monde à l’envers*”). As leis, proibições e restrições, que determinavam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extracarnavalesca, revogam-se durante o carnaval: revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens (Bakhtin, 2015 [1965], p. 140).

As hierarquias do mundo oficial contribuem significativamente para a perpetuação da desigualdade entre os indivíduos, e as interações sociais ocorrem, frequentemente, entre os seres humanos que compartilham da mesma esfera social. No entanto, durante o período do carnaval, as distâncias hierárquicas são temporariamente eliminadas em função dos festejos. Segundo Bakhtin (2015 [1965]), é notável essa cosmovisão carnavalesca, pois as diferenças são superadas, dando lugar à igualdade, inclusive no que diz respeito aos discursos.

Elimina-se toda a distância entre os homens e entra em vigor uma categoria carnavalesca específica: o livre contato familiar entre os homens. Este é um momento muito importante da cosmovisão carnavalesca. Os homens, separados na vida por intransponíveis barreiras hierárquicas, entram em livre contato familiar na praça pública carnavalesca. Através dessa categoria do contato familiar, determina-se também o caráter especial da organização das ações de massas, determinando-se igualmente a livre gesticulação carnavalesca e o franco discurso carnavalesco (Bakhtin, 2015 [1965], p. 140).

Sendo assim, todas as ações da vida são reorganizadas em função desse período específico. O espírito carnavalesco está relacionado à ideia de “eventicidade” do sentido, e sua criação ao vivo no processo de interação é explicitamente clara (Renfrew, 2017, p. 169). Por isso, ao discutir sobre o carnaval, abordamos relações de coroação e de destronamento de maneira cômica e o humor desempenha um papel fundamental na negação das hierarquias de poder vivenciadas no mundo oficial.

Segundo Renfrew (2017), o riso carnavalesco apresenta-se ambivalente, pois também se dirige àqueles que riem, uma vez que, de certa forma, estão rejeitando a verdade hegemônica/triunfante da cultura oficial. Assim, a cultura popular não oculta essa verdade finalizada, já que Bakhtin defende o inacabamento. Nessa perspectiva, o riso carnavalesco assume um caráter dialógico (Renfrew, 2017, p. 170).

Em uma discussão sobre a história do riso na época de Rabelais, Cervantes e Shakespeare, Bakhtin (2010 [1945], p. 57) aponta uma mudança de atitude em relação ao riso, afirmando que a atitude do renascimento pode ser caracterizada da seguinte forma: “o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, sendo uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo”. Em outras palavras, até então, o riso revelava certos aspectos importantes do mundo. Mas, a partir do século XVII, ocorre uma mudança significativa: o riso, “não pode ser uma forma universal de concepção do mundo; ele pode referir-se apenas a certos fenômenos parciais e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo; o que é essencial e importante não pode ser cômico” (Bakhtin, 2010 [1945], p. 57).

Dessa forma, o riso adquire um novo significado no século XVII: ele “estava relegado para fora de todas as esferas oficiais da ideologia e de todas as formas oficiais, rigorosas, da vida e do comércio humano” (Bakhtin, 2010 [1945], p. 63). Desde o culto religioso até o cerimonial feudal e estatal, o riso era considerado abominável. Segundo Bakhtin, o tom sério prevalecia e caracterizava a cultura medieval oficial, marcada por categorias como o pecado, a redenção, o sofrimento. Essa seriedade imposta representava uma forma de opressão e intimidação extremas. Como afirma Bakhtin (2010 [1945], p. 63). “O tom sério afirmou-se como a única forma que permitia expressar a verdade, o bem, e de maneira geral tudo que era importante, considerável”.

Nessa perspectiva, para a cultura popular, o riso configura-se como um ato subversivo, pois contraria toda uma ideologia oficial e impositiva. A *deepfake* criada com tecnologia de inteligência artificial, reproduz performances de JB, evidenciando a noção de coroação-destronamento, que ilustra como a autoridade máxima de uma nação é destronada da sua função oficial. Assim, a sátira se tornou uma provocação que instiga os internautas a se manifestarem a favor ou contra a publicação. Discursos solenes, como os proferidos pelo Presidente do Brasil durante o enfrentamento da pandemia e na ONU em 2020, são reinterpretados de maneira crítica, e, assim como no Carnaval, encontramos um ritual de coroação e destronamento, acompanhado do riso.

Segundo Bakhtin (2015 [1963], p. 141), a ação carnavalesca principal é a coroação de um rei e o seu posterior destronamento. Em uma ação carnavalizada, é

característico o ritual de coroação-destronamento, o qual representa uma cosmovisão específica desse cronotopo: “O carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova” e “não se trata de uma ideia abstrata, mas de uma cosmovisão viva, expressa nas formas concreto-sensoriais vivenciáveis e representáveis de ação ritual” (Bakhtin, 2015 [1963], p. 142). Diferente da cultura oficial, que é fechada e acabada, o carnaval encerra a ideia de movimento e de renovação, evidenciando o caráter efêmero do rei da festa: ou seja, no carnaval nada é permanente. Além disso, por se tratar de um ritual, é expressão da cultura viva, da vida vivida de maneira concreta. Como afirma Bakhtin (2015 [1963]),

A coroação-destronamento é um ritual ambivalente biunívoco, que expressa a inevitabilidade e, simultaneamente, a criatividade da mudança-renovação, a alegre relatividade de qualquer regime ou ordem social, de qualquer poder e qualquer posição (hierárquica). Na coroação já está contida a ideia do futuro destronamento; ela é ambivalente desde o começo (Bakhtin, 2015 [1963], p. 142).

Nessa ação, é coroado um rei às avessas, com o objetivo de satirizar o comportamento de uma autoridade extracarnavalesca. Nesse contexto, estabelecemos uma analogia entre as noções de carnavalização e um personagem criado com inteligência artificial, que representa o presidente da república, eleito democraticamente no mundo físico.

Assim como no carnaval, “o cerimonial do rito do destronamento se opõe ao rito da coroação”, pois, no destronamento o rei “é despojado de suas vestes reais, da coroa e de outros símbolos de poder, ridicularizado e surrado” (Bakhtin, 2015 [1963], p. 143). Muitos internautas, alinhados politicamente à extrema direita, reagem negativamente à ridicularização de JB. Isso ocorre porque é característica da lógica da ação carnavalesca seguir o caminho da crítica por meio de imagens e símbolos significativos da vida concreta.

As noções de coroação-destronamento e riso estão intrinsecamente relacionadas na carnavalização bakhtiniana. Conforme afirma Bakhtin (Bakhtin, 2015 [1963], p. 145), “o riso carnavalesco também está dirigido contra o supremo; para a mudança dos poderes e verdades” [...]. No ritual da coroação-destronamento, é utilizada a figura de um rei desprovido de função na cultura oficial, e o riso apresenta-se ambivalente, combinando “a negação (a ridicularização) e a afirmação (o riso de júbilo)” (Bakhtin, 2015 [1963], p. 145). Esses rituais são vivenciados de forma desviada

da ordem habitual, configurando, em certo sentido, de uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (Bakhtin, 2015 [1963], p. 140).

No carnaval, é comum que seja destronado alguém que ocupa uma alta posição hierárquica na sociedade, visando eliminar toda a distância entre os indivíduos e vigorar uma categoria carnavalesca específica: o livre contato familiar entre os seres humanos, como afirmamos anteriormente. É o que observamos nas redes sociais digitais, onde os indivíduos se sentem à vontade para expressar suas convicções, igualando vozes sociais que debatem temas importantes, independentemente das hierarquias.

Segundo Renfrew (2017, p. 179), a expressão do riso enfatiza a resistência, sobrevivência e de destemor. Trata-se de uma carnavalização, sinônimo de sátira decorrente de comportamentos sociopolíticos, que assume um tom de denúncia contra comportamentos controvertidos. Na próxima seção, discutiremos como as interações no *Facebook* expressam intolerância diante de pontos de vista antagônicos, transformando-se em discursos de ódio que difamam o outro sem nenhum pudor.

2 AS INTERAÇÕES NO *FACEBOOK*: *DEEPPFAKE*, PÓS-VERDADE, COMENTÁRIOS E VIOLÊNCIA EM REDE

As redes sociais na internet oferecem inúmeras possibilidades, dentre elas, a liberdade de expressar pontos de vista de forma livre e espontânea por meio de perfis pessoais ou página de divulgação. Nesta tese, analisaremos os comentários do *Facebook*, que são caracterizados por constantes interações toda vez que há uma postagem em um perfil, seja próprio ou de terceiros.

Quanto mais interações ocorrem, maior é a visibilidade alcançada por um perfil, seus *posts* viralizam, sua comunidade virtual cresce e, conseqüentemente, seu círculo de amigos se expande. Essa provável “celebridade” no *Facebook* fomenta a sensação de liberdade entre internautas para expor seu ponto de vista. Essa liberdade se torna mais evidente nos comentários dos internautas, pois refletem a participação de diversos usuários nesses ambientes.

Durante a pesquisa realizada no mestrado, constatamos que, nas publicações das redes sociais digitais estão presentes vozes de diversas ideologias na sociedade. No entanto, os diálogos assumem maior intensidade quando são compartilhados *links*, *emojis*, fotos, memes, marcações ou enunciados verbais sobre determinada publicação, especialmente quando esta possui teor polêmico. Por conseguinte, nos comentários de *deepfake* satíricas observamos uma interação intensa entre internautas, uma vez que essas surgem a partir de temas de grande relevância na sociedade. Além disso, notamos que há liberdade para postar conteúdo de interesse do usuário, embora muitos se sintam no direito de ofender e difamar o outro. Assim, o nosso foco de estudo recai sobre a questão da linguagem, considerando que várias áreas científicas investigam os fenômenos das redes sociais digitais.

Há uma pluralidade de vozes no *Facebook* marcada pela mediação tecnológica, incluindo celulares, *tablets*, *notebooks*, entre outros dispositivos. Isso propicia a reunião de novas formas e expressões em um meio digital, resultando em uma ressignificação dessas formas de expressão.

Por exemplo, um tema polêmico, pode desencadear uma exposição implacável ou desrespeitosa entre perfis, evidenciando a valoração de uma esfera ideológica sobre determinado tema e servindo de retomada de discursos por parte dos seus adeptos. Diante dessas novas configurações, as interações no *Facebook* apresentam um desafio para os cientistas da linguagem, que buscam entender essas práticas

discursivas que ganham força nas conexões *on-line*. Trata-se de discursos que retomam discursos anteriores de autoridades político-sociais ou de influenciadores da mesma esfera ideológica.

O *Facebook* se apresenta como uma plataforma caracterizada por discursos que muitas vezes são violentos, influenciados por publicações que divergem do ponto de vista do internauta. Na era da pós-verdade, constatamos que as interações em rede se caracterizam por dois polos: o diálogo sobre a temática publicada ou disseminação de ódio por meio de injúrias. Neste tópico do referencial teórico, caracterizamos a *deepfake* satírica como um enunciado concreto e a pós-verdade. Além disso, discutimos como os comentários do *Facebook* são estruturados, a configuração da violência verbal nas redes sociais digitais e a facilidade com que os discursos de ódio se disseminam nos comentários, bem como a presença de *haters* em situações conflituosas.

2.2.1 *Deepfake* satírica e pós-verdade nas redes sociais digitais

No relato de pesquisa intitulado *Deepfake e violência verbal nos comentários de internautas no Facebook*, publicado nos Cadernos de Linguística, Oliveira, Albuquerque e Cunha (2021) analisam a violência verbal nas redes sociais digitais relacionada à publicação de *deepfake* no perfil de Bruno Sartori. Os autores demonstram como os vídeos produzidos por meio de inteligência artificial se assemelham à realidade do mundo físico, levando os internautas a associarem os fatos representados nas *deepfake* aos fatos verossímeis no contexto sociopolítico. Discursos supostamente atribuídos ao presidente da república, JB, durante seu mandato (2019-2022), são satirizados em uma encenação de seu pronunciamento na ONU em setembro de 2020. Como resultado, seus apoiadores reagiram com comentários ofensivos contra Bruno Sartori e contra os internautas contrários ao governo federal na época.

Muniz (2021) analisa duas *deepfake* produzidas e publicadas em 2020 por Bruno Sartori, defendendo a tese do humor como prática de resistência. Em sua análise, ela aborda o tema da COVID-19, utilizando o gênero paródia no campo discursivo do humor, destacando alguns aspectos como tema, gêneros humorísticos, função autoral e posicionamento nas *deepfake* produzidas por Sartori. Segundo a autora, “pensar o humor como campo discursivo implica considerar também tomadas

de posição”. Nessa perspectiva, suas análises demonstram como o gênero em evidência traduz uma visão carnavalesca bakhtiniana de autoridades políticas, revelando o posicionamento de Sartori contra as atitudes do Governo Federal durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. Antes de definirmos uma nomeação para as *deepfake* do nosso *corpus*, discutiremos sobre a origem desse tipo de montagem.

Para uma análise da violência verbal presente nos comentários em *deepfake* no *Facebook*, precisamos entender a origem das *deepfake* que, segundo Medon (2021, p. 262):

O nome *deepfake* se popularizou a partir da história de um usuário do site *Reddit*, que se apelidou de *Deepfake* e, especializado em inteligência artificial, passou a substituir rostos de pessoas em filmes. O termo passou então a ser associado a essa técnica, que opera a fusão de imagens em movimento, gerando um novo vídeo, cujo grau de fidedignidade é elevado a um patamar que somente com muita atenção se consegue notar se tratar de uma montagem (Medon, 2021, p. 262).

Com base na pesquisa de Medon (2021), podemos afirmar que *deepfake* é uma técnica que emprega recursos de inteligência artificial para substituir rostos em vídeos e imagens, visando aproximar-se o máximo possível da realidade no mundo físico. O resultado do uso dessa técnica é, na maioria das vezes, uma montagem videográfica de pessoas reais, criada para parecer realista, mas produzida com inteligência artificial. Devido à sua capacidade de manipulação dos perfis reais, as *deepfake* são facilmente utilizadas para disseminar informações falsas, injúrias contra figuras famosas e incitar o ódio.

Dessa maneira, em um contexto em que notícias falsas circulam na internet de maneira instantânea, as *deepfake* adquirem uma má reputação e com razão. Além de ataques às celebridades e/ou perfis de influenciadores digitais, existe o risco de que essa tecnologia seja utilizada por políticos para gerar e disseminar notícias falsas, convencendo seus seguidores de sua versão dos fatos.

Embora as *deepfake* tenham viralizado com o intuito de insultar perfis de famosos e de autoridades públicas e sociais, continuamos com a discussão sobre como essa técnica também abriu possibilidade para produção de sátiras. No nosso *corpus*, por exemplo, encontramos personagens famosos em filmes e seriados criados com inteligência artificial, utilizando a face de JB, que proferem discursos polêmicos,

embora não sejam reais, ecoam enunciados proferidos em momentos específicos de eventos do mundo físico pelo então presidente do Brasil.

Nomeamos as *deepfake* produzidas e publicadas por Bruno Satori como “*deepfake* satíricas”. Com essa definição, o significado passa a estar mais alinhado com os nossos propósitos de pesquisa. Como Satori produz suas *deepfake* a partir de fatos polêmicos ocorridos em contextos sociopolíticos, preferimos classificar seus enunciados como satíricos, pois eles criticam, ironizam e censuram as atitudes de JB durante a pandemia do COVID-19. Satori ridiculariza autoridades políticas de maneira incisiva, transcendendo um tom meramente humorístico, especialmente porque as ideias difundidas pelos órgãos federais no auge da pandemia divergiam das orientações da OMS.

Nos estudos de Bakhtin (2015 [1965]), encontramos análises pertinentes sobre a sátira menipeia, especificamente na obra de Dostoiévski. Segundo o teórico russo, a sátira menipeia tem suas origens diretamente ligadas ao folclore carnavalesco e configura-se como um gênero sério-cômico, que se opõe aos gêneros sérios, tais como epopeia, a tragédia história e retórica clássica (Bakhtin, 2015 [1965], p. 121-122). É importante notar que, como parte do campo sério-cômico, a sátira menipeia apresenta três particularidades fundamentais: primeiramente, oferece um novo tratamento da realidade, caracterizado por uma atualidade viva. Em segundo lugar, essa abordagem está inseparavelmente vinculada à experiência e à fantasia livre; e, por fim, destaca-se pela pluralidade de estilos e pela variedade de vozes.

Na discussão sobre as características da sátira menipeia, que Bakhtin (2015 [1965], p. 129) passa a denominar simplesmente como menipeia, este afirma que se trata de um gênero que “aumenta globalmente o peso específico do elemento cômico”. Além disso, Bakhtin ressalta que “a menipeia se caracteriza por uma excepcional liberdade de invenção do enredo e filosófica” (Bakhtin, 2015 [1965], p. 130).

A particularidade mais importante do gênero da *menipeia* consiste em que a fantasia mais audaciosa e descomedida e a aventura são interiormente motivadas, justificadas e focalizadas aqui pelo fim puramente filosófico-ideológico, qual seja, o de criar *situações extraordinárias* para provocar e experimentar uma ideia filosófica: uma palavra, uma verdade materializada na imagem do sábio que procura essa verdade. Cabe salientar que, aqui, a fantasia não serve à materialização positiva da verdade, mas à busca, à provocação e principalmente à experimentação dessa verdade (Bakhtin, 2015 [1965], p. 130).

Nessa perspectiva, as sátiras abordam questões filosóficas relacionadas à vivência do homem e se caracterizam pelo confronto (Bakhtin, 2015 [1965], p. 132). Desse modo, elas provocam uma busca por justificativas para um determinado ponto de vista, o que pode gerar desentendimentos ou uma tensão entre vozes na defesa dessa afirmação. Discutimos a noção de sátira menipeia em Bakhtin porque, conforme Andrade e Wanderley (2019, p. 132), “podemos entender antiga sátira menipeia como um gênero que se aproxima do que chamamos atualmente de sátira”.

Por exemplo, as *deepfake* de Bruno Sartori são frequentemente acompanhadas de comentários odiosos, tornando-se possíveis gatilhos para enunciados violentos. O internauta que apoia JB considera esse tipo de publicação um insulto, atacando o perfil que publicou a *deepfake* e aqueles que concordam com tal publicação, e vice-versa. Segundo Muniz (2021, p. 65), as *deepfake* de Bruno Sartori traduzem uma visão carnavalesca bakhtiniana, transformando o chefe máximo da nação em um personagem de filme ou seriado de comédia. Esses traços são marcados não apenas pela evocação da memória discursiva de cenas reais de seriados, filmes, propagandas, mas também pelas declarações do chefe do poder executivo do Brasil sobre negros, índios, mulheres e membros da comunidade LGBTQIAPN+.

A definição de *deepfake* satírica é fundamental para alcançar o objetivo desta tese e compreender essas produções no campo sério-cômico, ligado ao folclore carnavalesco, o que é essencial para a análise dos comentários. Embora as *deepfake* de Sartori apresentem características satíricas, é necessário ter cautela ao engajar-se com publicações desse tipo, pois, mesmo sendo satíricas, algum internauta pode notar um “grau tão elevado de realidade que faz com que seja quase impossível se detectar a fraude” (Medon, 2021, p. 163). Isso é especialmente perigoso nos tempos atuais, marcado pela “economia da atenção”. Além disso, a característica da “montagem criada com inteligência artificial” pode levar à interpretação errônea de seu enunciado.

Nessa perspectiva, acreditamos que o conteúdo das *deepfake* suscita a discussão sobre a pós-verdade, pois os internautas defensores de JB acreditam fielmente em seus discursos em todos os momentos de sua vida política. Consideramos imprescindível essa discussão, diante da disseminação de mentiras nas redes sociais. Concordamos com Marques (2021, p. 140), quando afirma que a discussão sobre a “verdade” não é objeto das ciências da linguagem, mas sim que estas trabalham sobre a sua construção discursiva. É na concepção da relação

linguagem-mundo que são investigados os discursos que representam, interpretam o mundo e, assim, interpretam a verdade.

Considerando que as *deepfake*, segundo Robles-Lessa, Cabral e Silvestre (2020, p. 481), são vídeos manipulados com inteligência artificial, criando situações embaraçosas e disseminando conteúdo informações falsas, é interessante relacionar isso com a pós-verdade na atualidade. Segundo esses autores, o uso dessa tecnologia pode gerar consequências graves quando associado à política (Robles-Lessa, Cabral, Silvestre, 2020, p. 481). Embora o texto-fonte gerador dos comentários se refira à *deepfake* satíricas, acreditamos que, em qualquer caso, a veiculação de qualquer discurso que atacam indivíduos no nosso círculo de afeto é passível de indignação.

Como a nossa tese possui um *corpus* coletado nas redes sociais digitais, muitos dos discursos analisados são elaborados a partir de pós-verdades, já que a discussão ocorre em um contexto sociopolítico que envolve internautas. É interessante ressaltar que o conceito de “verdade” tem sido objeto de debate entre filósofos e sofistas desde a Grécia Clássica, onde inquietações filosóficas exploram a relação entre consciência, linguagem e mundo. Essas relações estão intrinsecamente ligadas, de forma subjetiva, à experiência humana.

O estudo da verdade articula-se aos processos de subjetivação. A pesquisa sobre as práticas de constituição do sujeito - sobre os modos de subjetivação/objetivação do ser humano em nossa cultura - exibem as formas de atividade do sujeito sobre si mesmo, que mantém sua busca pela verdade. Os questionamentos sobre a verdade remontam à antiguidade greco-romana, isto é, às sociedades que compreendiam a busca da verdade como uma prática de si, que pudesse levar o sujeito ao cuidado de si (Sargentini, Carvalho, 2021, p. 74).

Nas discussões filosóficas na antiguidade greco-romana, destacavam-se duas correntes: o *Logos* (discurso fundamentado) e a relatividade dos discursos, que enfatizava a adequação da palavra à situação comunicativa. A tensão entre Sócrates, Platão, Aristóteles e os Sofistas suscitou a possibilidade de discussão sobre a verdade. Contudo, foi principalmente graças aos Sofistas que a arte da retórica adquiriu lugar de destaque, uma vez que eles podiam relativizar “uma verdade” para atender aos seus interesses.

Segundo Santos (2002, p. 47), de modo geral, os sofistas eram acusados e atacados, sobretudo devido à sua arte retórica, que, paradoxalmente, deveria servir à

verdade e à justiça. Contudo, essa arte era vista como uma ferramenta para obtenção de prestígio e lucro. Destacamos, assim, que a discussão sobre a “verdade” remonta aos primórdios do pensamento ocidental. A validação de um ponto de vista em face dos fatos do mundo percorre a história, constituindo uma postura axiológica manifestada na linguagem sobre o mundo vivido.

Consoante o domínio retórico, uma pessoa pode elaborar um discurso persuasivo e relativizar a verdade dos fatos do mundo, convencendo o outro em uma situação comunicativa. Segundo Piovezani, Curcino e Sargentini (2021, p. 7), a verdade é expressão da linguagem. Desse modo, a validação de uma afirmação nos diferentes contextos sociais depende, em alguns momentos, do enunciador. Ou seja, existe uma estreita relação entre linguagem e verdade. Além disso, os autores destacam que a verdade está ligada aos discursos de quem detém o poder e à forma como esses discursos a constroem.

Dessa forma, a “verdade” tem a possibilidade de uma construção retórica por um grupo ideológico, independentemente da validação pelos fatos sociais. Neste sentido, propomos nesta tese uma distinção entre dois conceitos de “verdade”: a “verdade ideológica”, que é defendida por uma esfera ideológica sem considerar a justificativa com os fatos da realidade; e a “verdade factual”, que se relaciona com os fatos da vida cotidiana ou fatos objetivos, passíveis de comprovação e justificação empírica. A pós-verdade está, assim, intrinsecamente ligada ao conceito de verdade ideológica. Nesse contexto, incorporamos em nossa discussão o conceito de “pós-verdade”, definido como:

[...] um neologismo que descreve a situação na qual, na hora de criar e modelar a opinião pública, os fatos objetivos têm menos influência que os apelos às emoções e às crenças pessoais. Na cultura política, se denomina *política da pós-verdade (ou política pós-factual) aquela na qual o debate se enquadra em apelos emocionais*, [...] A pós-verdade difere da tradicional disputa e falsificação da verdade, dando-lhe uma importância “secundária”. [...] Para alguns autores *a pós-verdade é simplesmente mentira, fraude ou falsidade encobertas com o termo politicamente correto de “pós-verdade”* que ocultaria a tradicional propaganda política (Fontana, 2021, p. 89, grifo do autor).

Ao considerarmos a opinião pública e o apelo às emoções, logo nos remetemos à esfera política, palco de várias polêmicas e discussões acaloradas em defesa de um ponto de vista. Segundo Fontana (2021, p. 89), o termo incorpora diversas acepções

atribuídas a uma expressão em seu uso social. Além disso, os sentidos interpretados com base em diferentes discursos, como no campo da cultura política, onde a pós-verdade se configura como um modo de enunciar que recorre a apelos emocionais (Fontana, 2021, p. 89).

Dessa forma, a pós-verdade se ocupa da formação da opinião pública e dos apelos à emoção e crenças pessoais, preterindo as circunstâncias dos fatos objetivos. Com essa definição, podemos afirmar que o enunciador pode criar ou moldar a opinião pública sobre um fato. As relações sociais se realizam tanto no modo do “ser verdadeiro”, quanto no “acreditar verdadeiro”, tanto na “força lógica” dos argumentos, quanto na “força emocional” desses (Charaudeau, 2022, p. 13). Por conseguinte, alguns internautas aderem dogmaticamente aos discursos da sua esfera político-ideológica. Em diversos casos, a força emocional desses discursos excede a capacidade de convencimento dos fatos objetivos.

Em um contexto em que falsificações, mentiras, fraudes ou falsidades são nomeadas de “pós-verdades”, enunciados são trazidos para o centro do debate sem verificação factual. Nesse cenário nas redes sociais digitais, concordamos com Charaudeau (2022, p. 13) quando afirma que podemos falar em manipulação da verdade, considerando que é pela linguagem que o indivíduo se inscreve no mundo e que o ser humano se vincula aos outros. Para ele, a manipulação sempre será abordada, portanto, sob uma perspectiva verbal.

O conceito de pós-verdade é fundamental para nossa reflexão, pois, quando os internautas se posicionam diante de qualquer publicação, constantemente aderem ao conteúdo do *post* ou se opõem à página ou perfil, podendo inclusive discordar de outros posicionamentos. O desafio reside em distinguir a verdade em uma sociedade saturada por uma vasta quantidade de informações que servem aos interesses dos nossos representantes em todas as esferas sociais.

O que observamos na contemporaneidade é um dogmatismo ultraconservador, que resiste a modificações, enraíza-se em crenças e opiniões, e muitas vezes, conduz ao fanatismo. Em outras palavras, trata-se de uma verdade convencionada e compartilhada por um grupo com crenças em comum. No entanto, existem diversos contextos sociais e o que pode ser considerado uma verdade incontestável para um indivíduo pode ser vista como um conjunto de falsidades por outro.

2.2.2 Interação e diálogo nos comentários do *Facebook*

É inegável que as redes sociais digitais revelam cada vez mais as intimidades, experiências, padrões sociais e outras particularidades da vida dos internautas. Essas plataformas constituem um meio pelo qual as pessoas se agrupam em rede, com base nas afinidades compartilhadas. Nesse contexto, as barreiras geográficas não representam obstáculos, pois as conexões ocorrem independentemente da localização global, dinamizando a comunicação instantânea.

Dentre as diversas possibilidades comunicativas na interação digital, destacamos os comentários do *Facebook*, que consistem em manifestações de pontos de vista dos internautas sobre publicações do seu interesse. Ao comentar, o internauta, em essência, legitima sua participação no diálogo, reagindo e expressando seu posicionamento, indicando que a mensagem foi compreendida.

Recuero (2014, p. 120) afirma que os comentários são práticas evidentemente conversacionais e passam uma mensagem visível tanto para o dono do perfil, autor da postagem, quanto para os demais comentaristas que interagem em rede. Segundo a autora, essa prática de comentar sinaliza uma participação que contribui efetivamente para a conversação. Assim, compreendemos que uma participação mais efetiva pressupõe um maior engajamento no diálogo, pois ao receber uma resposta, o internauta tende a continuar respondendo e tentando afirmar seu ponto de vista. Destacamos que a prática de comentar se torna mais comum entre internautas, pois, como mencionado anteriormente, o outro participa do diálogo de maneira mais ativa, impulsionando o autor a produzir mais conteúdo para engajamento.

Ao comentar, o internauta expressa a sua intenção comunicativa, destacando o que lhe chamou mais a atenção na publicação. Ressaltamos que os comentários não apresentam um formato organizacional pré-definido, podendo representar variados gêneros, pois, como afirma Oliveira (2020, p. 63), “eles são formatados de acordo com o desejo do internauta, assim podem ser fotos, vídeos, *emojis*, marcações de outros perfis do FB, *links* em formato hipertextual, textos curtos ou textos longos e bem estruturados”. Sendo assim, os subgêneros dos comentários, em seus estilos, temas e funções são definidos de acordo com a situação e a intenção comunicativa dos diversos perfis. Nessa perspectiva, inspirada na concepção bakhtiniana, concebemos os comentários numa perspectiva enunciativa, ou seja, como enunciados concretos.

Segundo Cunha (2012, p. 28), os comentários constituem uma prática discursiva com propósito e regras próprias, na qual, a partir de um texto-fonte, o internauta constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu ponto de vista.

Acreditamos que, para uma compreensão aprofundada desses conteúdos, é necessário analisá-los em sua linearidade, considerando as relações dialógicas interdiscursivas e interlocutivas estabelecidas entre o texto-fonte e os internautas, bem como as práticas de diálogos entre eles (Oliveira, 2020, p. 62). Apesar disso, os internautas, independentemente de compreenderem ou não o conteúdo publicado, reagem conforme interpretaram o perfil em rede, muitas vezes com o objetivo de gerar engajamento.

Observamos que há uma falta de preocupação com a coerência das respostas aos comentários e com o conteúdo exposto na publicação, o que denota uma falta de foco na discussão. Cabe ressaltar que todos os internautas agregados a um perfil têm a possibilidade de se manifestar. Se o perfil for público ou aberto, tanto os seguidores quanto outros internautas podem comentar sobre uma publicação. Já em perfis particulares, a permissão para comentar é restrita a amigos autorizados, considerados membros de um círculo íntimo grupo específico.

De todo modo, é comum surgirem “especialistas” leigos que comentam e fomentam interações no ambiente digital com outros membros da sociedade, independentemente de formação acadêmica específica na área em discussão. Afirmamos isso porque, ao visitar um perfil de um comentador, não encontramos detalhes sobre sua trajetória escolar ou acadêmica, o que é confirmado pelos próprios comentários.

Destacamos que, no momento discursivo escolhido para coleta do *corpus*, de publicação das *deepfake* satíricas e dos seus comentários no *Facebook*, o site *rdstation*¹³ publicou uma matéria segundo a qual a empresa de Mark Zuckerberg ocupou o primeiro lugar no *ranking* das redes sociais digitais mais utilizadas no Brasil em 2020 e 2021. O *Facebook* é uma rede social versátil e abrangente, que reúne muitas funcionalidades em um único espaço, permitindo que os usuários conheçam pessoas, interajam com amigos e familiares, informem-se, entre outras atividades

¹³ Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em 18/06/2024.

observamos que a prática de comentar se torna uma ação por meio da qual o internauta se sente mais participativo nas interações com outros da sociedade, especialmente aqueles que compartilham do mesmo posicionamento.

Mesmo que no mundo físico o internauta não participe ativamente das discussões sociais, o fenômeno comunicativo no *Facebook* constitui uma das principais fontes de interação, talvez a única, para muitos usuários. Nos comentários, encontramos opções de reações com emojis de “curtir”, “amei”, “força”, “haha”, “uau”, “triste” ou “grr”, que influenciam representando o diálogo em rede. Em cada reação ou comentário, fica evidente como o outro recebe a mensagem e é impelido a reagir, para expressar seu ponto de vista sobre a publicação. Toda publicação está sujeita à rejeição ou aceitação, cabendo ao internauta escolher completar o enunciado do outro, podendo viralizar na rede entre diversos grupos.

Segundo Emediato (2015, p. 174), “cada reação individual por ato de comentário tem sempre o destinatário coletivo como destinatário indireto, e algum locutor individual anterior como destinatário direto”. Esse destinatário direto é sempre destacado no comentário em azul, indicando que o perfil pode ser acessado com um clique na marcação. Trata-se de uma interação específica com outro comentador, ou seja, uma prática que fomenta uma maior interação. Na concepção de Recuero (2014, p. 120), um comentário é uma prática de apoio a um perfil, manifestando engajamento e indicando que a publicação foi visualizada ou que o comentário lido. Nesse contexto, observamos que existe uma intencionalidade de participar da conversa, concordando e demonstrando que a mensagem foi vista, lida e compreendida.

O comentário permite a expressão de diversos posicionamentos axiológicos nos diálogos em rede. Expandindo-se como uma prática corriqueira em razão do crescente uso de redes sociais digitais e das novas tecnologias em geral. Soma-se a isso uma outra função: a agressão verbal, a injúria e o ódio disseminado em vários perfis, quando não se estabelece um diálogo construtivo. Com base na ADD, é possível analisar de forma mais evidente “a construção dialógica do comentário, bem como a construção dialógica da violência verbal” (Cunha, 2013, p. 243). No próximo tópico, caracterizaremos o discurso de ódio presente nas redes sociais digitais, visando compreender melhor esses fenômenos.

2.2.3 Discurso de ódio: o que caracteriza essa prática?

As redes sociais digitais desempenham um papel fundamental na comunicação cotidiana das várias esferas da sociedade. Isso contribui para tensão entre internautas, que não se intimidam ao expressar seu posicionamento, chegando a lançar mão de discursos violentos contra aqueles que pensam diferente. Verificamos uma elevada incidência de injúrias no mundo digital, um tipo de violência verbal contra o outro, o que mostra como a linguagem também tem a capacidade de nos agredir verbalmente (Butler, 2021, p. 12).

Como discutimos anteriormente, as redes sociais digitais são constituídas por interações e pela linguagem. Quando utilizada de forma violenta, essa linguagem nos fere porque somos seres linguísticos, pois, como afirma Butler (2021, p. 16), “a injúria linguística atua de forma similar à injúria física”. Diante disso, surge uma dificuldade na delimitação entre esses campos de violência física e linguística, pois uma se entrelaça com a outra, ambas representando ameaça ao bem-estar físico e psicológico.

Os enunciados violentos são proferidos nas redes sociais digitais em diálogo com outros discursos da mesma natureza. Para Recuero (2016, p. 19-20), “o discurso não está apenas no enunciado e em sua construção, ele está sistematicamente imbricado como conjunto ideológico que se reflete no corpo de presenças e ausências de elementos de falas dos usuários”. Por trás de cada insulto, há uma intencionalidade de criar um clima desagradável e de manter o nível polêmico, seja para desacreditar o outro, seja para fortalecer a polarização diante de um tema.

Na maioria das vezes, não se estabelece um diálogo construtivo que debata uma ideia, recorrendo-se assim à violência verbal. Cunha (2013, p. 242) define a violência verbal como constitutivamente dialógica, pois se configura em uma relação conflituosa. Além disso, a autora afirma que “a violência verbal é interpretada, de um lado, pelo contexto enunciativo e, de outro, pelo contexto social, midiático, ético” (Cunha, 2013, p. 243).

O lugar social de cada internauta é fundamental para compreensão dos discursos violentos, assim como o tom que esse tipo de discurso assume nas redes sociais digitais. A repercussão de situações polêmicas, tais como temas ou fatos sociais publicados de forma sensacionalista na rede, desperta o interesse e provoca diversas reações de diferentes esferas sociais. Segundo Amossy e Burger (2011, p. 04), a violência verbal é uma estratégia para a polêmica de ordem estrutural, que confronta posições radicalmente antagônicas.

Portanto, surge uma relação de interdependência entre a violência verbal e a polêmica, tornando o antagonismo nas redes sociais digitais uma constante, já que os pontos de vista divergentes são representados e defendidos tanto pelo proponente quanto pelo oponente. No entanto, para fins desta análise, adotaremos a definição proposta por Cunha (2013, p. 241), segundo a qual a violência verbal configura-se como um conjunto de palavras e enunciados axiologicamente negativos no contexto em que são utilizados.

Ao publicar ou comentar em rede, observamos que a linguagem dos usuários é desinibida, a ponto de não haver um filtro para os comentários repletos de insultos. Embora as redes sociais digitais disponham de filtro para situações mais graves ou enunciados denunciados por outros usuários por conterem algum conteúdo de ódio e violarem as regras da plataforma, grande parte dos discursos violentos permanece circulando na internet por longos períodos.

Ao expor o seu ponto de vista, internautas permitem que as emoções prevaleçam, pois, conforme Bakhtin (2017 [1919-1921], p. 87), as palavras do falante carregam uma carga emotiva. Nos discursos violentos, o ódio é o sentimento que mais dissemina-se na internet, como uma forma de expressão do indivíduo no mundo digital. Assim, nos discursos carnavalizados, plenifica-se a participação do internauta em situações comunicativas que coróam e destronam o seu representante político. A expressão do ponto de vista satirizados das atitudes de JB nas redes sociais digitais gera o embate de vozes, que muitas vezes são ocultadas pelo ambiente *on-line*.

A comunicação mediada pela internet favorece a ocultação da identidade concreta dos sujeitos (através dos perfis fakes), desenvolvendo um sentimento de uma “proteção física”, onde o sujeito tem autonomia com mais liberdade de expressão, diferente do que era observado em outros meios de comunicação (como a televisão e o rádio, por exemplo). Assim, uma simples postagem de caráter polêmico é capaz de mobilizar um número infindável de pessoas que passam a discutir e a expor seus diferentes pontos de vista em discursos que, por vezes, emanam o ódio relacionado à discordância de pensamentos/ideologias. (Rebs; Ernst, 2017, p 25).

Embora as redes sociais digitais permitam a ocultação da identidade de qualquer usuário, isso não justifica a falta de restrição a discursos violentos. Por outro lado, as organizações sociais têm utilizado o *Facebook* como plataforma para estabelecer relação com seus públicos e conquistar confiança (Stein, Nodari; Salvagni, 2018, p. 46), mesmo que isso não garanta a harmonia na rede.

Possivelmente, essa confiança interacional torna essa plataforma em um espaço em que “os grupos sociais se estruturam e interagem para estabelecer as normas e padrões comportamentais de determinada sociedade” (Stein; Nodari; Salvagni, 2018, p. 47). Além disso, os internautas podem transgredir as práticas de boa convivência em sociedade, que proíbem a agressão verbal.

Temas relacionados à esfera política, frequentemente polêmicos, atraem a atenção dos usuários do *Facebook*. Segundo Silva (2018), o discurso de ódio torna-se evidente nas interações de alguns parlamentares com internautas no *Facebook*, por meio da relação entre postagens e comentários desrespeitosos e incivis. Nessa perspectiva, as autoridades políticas muitas vezes legitimam o discurso de ódio de seus apoiadores em relação a assuntos polêmicos, ou seja, alguns encontram respaldo no posicionamento do representante da sua esfera ideológica. O discurso de ódio pode ser velado ou explícito nos comentários e postagens, que colaboram para a compreensão dos comportamentos envolvendo as redes sociais e a esfera política.

Nos perfis de parlamentares, é comum encontrarmos *posts* e comentários que extrapolam a função mobilizadora e informativa da rotina dos deputados. As *fanpages*¹⁴ também são caracterizadas como espaços de fomento ao ódio e incitação à violência. Essa observação permitiu classificar alguns usuários como *haters*¹⁵, considerando a forma como exercem intolerância. Conforme Silva (2018), é possível constatar a materialidade do discurso de ódio no *Facebook*, especialmente quando relacionado a figuras públicas e autoridades. Os comentários de ódio têm a função de polarizar as discussões nas redes sociais digitais e desqualificar o outro, mantendo assim a polêmica discursiva.

Na análise das interações verbais em rede, observamos a atuação dos internautas nas trocas de mensagens, exercendo influências mútuas e engajando-se na interação, bem como reagindo às manifestações verbais de seus parceiros. Nessas de situações comunicativas, que envolvem postagens, reações, comentários, diálogos e ataques injuriosos, as interações no *Facebook* possibilitam, por um lado, o diálogo

¹⁴ *Fanpage* ou Página de fãs é uma página específica dentro do *Facebook* direcionada para empresas, marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização com ou sem fins lucrativos que desejem interagir com os seus clientes no *Facebook*.

¹⁵ O termo “*hater*” vem da expressão americana “*haters gonna hate*” e remete à pessoa que, se aproveitando da situação de estar em frente a um computador, se permite ter liberdade para odiar. “Odiar por odiar” esse é seu lema. Os *haters* são sujeitos que buscam violência sem justificativa clara nas interações *on-line*. Eles tentam se opor a qualquer um dos lados em uma situação conflituosa (Silva, 2018, p. 63-64).

entre diferentes pontos de vista. Por outro lado, alguns internautas se dedicam exclusivamente à propagação do ódio em rede. Portanto, é fundamental definir como nomeamos esses enunciados violentos, o que será abordado na próxima seção.

2.2.4 Algumas noções relevantes para compreensão do discurso de ódio: injúria, desrespeito, incivilidade

Depois de caracterizado o discurso de ódio, podemos definir algumas noções relevantes para o estudo desse comportamento. Butler (2021, p.22) afirma que produzimos efeitos com a linguagem, ou seja, ao mesmo tempo que a constituímos com aquilo que fazemos, temos como efeito o ato e suas consequências. Em sua obra “Discurso de ódio: uma política do performativo”, Butler (2021) analisa casos de violência verbal a partir da perspectiva performativa da linguagem de Austin. Nessa abordagem, Butler destaca que, como seres linguísticos, somos simultaneamente vulneráveis aos efeitos da linguagem.

Sendo assim, as palavras proferidas têm um impacto significativo no mundo vivido e estamos expostos a posicionamentos injuriosos que possuem o poder de nos ferir. Nesta pesquisa, não abordaremos especificamente a teoria da linguagem performativa a partir de Austin, mas apresentaremos algumas ideias de Butler sobre a injúria.

Acreditamos que a linguagem é dinâmica e deve ser compreendida em seu contexto de uso nas redes sociais digitais, especificamente o *Facebook*, que constitui nosso campo de pesquisa. Conforme Butler (2021, p. 23), a linguagem pode ser violenta e não substitui a experiência de violência, mas coloca em ação sua própria forma de violência. Portanto, ao proferir certos enunciados, estamos efetivamente comunicando ódio.

Para definir o que é uma ameaça ou, ainda, o que é uma palavra que machuca, não basta um simples exame das palavras. Poderíamos pensar que uma análise detalhada das condições institucionais do enunciado é necessária para a identificação da probabilidade que certos tipos de palavras têm de machucar sob certas circunstâncias. Mas não são somente as circunstâncias que fazem com que as palavras machuquem (Butler, 2021, p. 30).

Compreender o contexto de uma situação comunicativa não é suficiente para identificar o que constitui discurso e ódio, pois, a caracterização de comportamentos agressivos no ser humano implica considerar uma gama de fatores. Esses comportamentos manifestam-se mediante expressões verbais, como insultos, ofensas, ameaças, críticas destrutivas, ironia e sarcasmo, bem como humilhação. Além disso, apresentam-se através de comportamentos não verbais, incluindo expressões faciais agressivas, contato visual hostil, postura corporal tensa, gestos ameaçadores e alterações no tom de voz.

Notamos que a violência verbal envolve uma complexidade de fatores que transcendem o mero uso de palavras agressivas, difamatórias e injuriosas. Este estudo se inspira na abordagem enunciativo-pragmática de Seara (2021), que examina as estratégias linguísticas empregadas nas redes sociais digitais, destacando esses ambientes como cenários de agressividade e violência verbal.

Segundo Seara (2021, p. 389), a injúria está relacionada a estratégias “que visam exercer uma força para contradizer alguém ou algum grupo, expressa através de atos de ameaça, de ordenação, de intimidação, de crítica e de avaliação negativa”. Além disso, a autora afirma que, nesses casos, outra estratégia utilizada é a expressão de desprezo, de indiferença e da raiva que contribuem para a perda da face pública, provocando um mal-estar. Essas estratégias são veiculadas preferencialmente principalmente por meio de atos de injúria, de acusação e de insulto.

A injúria¹⁶ consiste na ofensa à honra subjetiva, na atribuição de qualidades negativas a alguém. Nesse contexto, a dignidade é ofendida quando se depreciam qualidades morais. Em outras palavras, a injúria pode ser entendida como xingamento ou uso de palavras ofensivas, com o intuito de ferir a dignidade de uma pessoa. Observamos que a injúria está presente nas redes sociais, motivada por diversos eventos sociais, e geralmente apresenta um cunho discriminatório, relacionado a

¹⁶ O crime de injúria está previsto nos artigos 140, §2º, 141 e 142 do Código Penal Brasileiro. De acordo com o dispositivo legal, “a injúria consiste em ofender a dignidade ou o decoro de alguém, por meio de palavras, gestos ou outras formas de expressão” (Art. 140, §2º). Caracteriza-se como uma ofensa pessoal, com intenção de humilhar ou desrespeitar. A injúria pode manifestar-se de forma verbal, escrita ou gestual. As penalidades para o crime de injúria variam conforme o tipo, incluindo: Injúria comum (detenção ou multa); Injúria racial ou religiosa (reclusão e multa) e Injúria contra funcionário público (detenção ou multa). Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10622653/artigo-140-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 04/01/25.

questões de raça, etnia, religião, ou ideologia, que foi definida de acordo com Volóchinov (2017 [1929]), na discussão sobre a concepção de linguagem.

Outra categoria de análise relacionada à injúria é o insulto que, Segundo Seara (2021, p. 389), assume múltiplas funções, incluindo confrontação, refutação e, sobretudo, ofender a imagem do outro. Essa estratégia discursiva visa construir um *ethos* de arrogância e de agressividade por parte do emissor. Além disso, os insultos são atos ameaçadores e agressivos que comprometem a civilidade social, necessária para harmonia entre pessoas.

Para Butler (2021), a memória e a historicidade de um nome permitem com que o discurso de ódio sobreviva em uma sociedade. Como afirma Butler (2021, p. 67), “o nome carrega consigo o movimento de uma história que ele mesmo interrompe”. Isso sugere que não podemos ignorar o diálogo entre enunciados ao longo do tempo e em diversas situações comunicativas. Sempre que a injúria acontece, enunciados são proferidos com a intenção de atingir o outro de maneira direta.

Evidentemente, os nomes injuriosos têm uma história, que é invocada e reforçada no momento do enunciado, mas que não é contada de maneira explícita. Não se trata simplesmente de uma história dos seus usos, dos seus contextos e objetivos; é o modo como tais histórias são introduzidas e interrompidas no e pelo nome. O nome tem, portanto, uma historicidade, que pode ser entendida como a história que se tornou interna ao nome, que veio a constituir o significado contemporâneo do nome: a sedimentação de seus usos conforme eles se tornam parte do próprio nome, uma sedimentação, uma repetição que se fixa, que dá ao nome a sua força (Butler, 2021, p. 67).

Podemos afirmar que, a cada uso, as palavras injuriosas atribuem características que se atualizam conforme são empregadas na contemporaneidade. Muitas vezes, determinadas esferas ideológicas apropriam-se de palavras com o objetivo de machucar o outro, construindo significados pejorativos.

As palavras podem machucar, dependendo de como são ditas e não podemos reduzir isso apenas às circunstâncias contextuais da situação comunicativa. Isso porque, considerando a historicidade de seu uso, não é possível dissociar o poder de ferir que elas carregam no tempo. Em todo caso, é sabido que essas palavras causam dor no seu alvo. Nesse sentido, como afirma Butler (2021, p. 82), “a fim de estabelecer uma consequência injuriosa no domínio da responsabilidade, é necessário instituir um sujeito e estabelecer o caráter singular e pontual do ato em si, bem como a efetividade do ato que produz a injúria”.

Segundo Cabral e Lima (2018, p.45), os autores de injúrias “colocam o contexto de interação como um parâmetro importante para analisarmos os atos de violência”. Além disso, eles afirmam que as injúrias encontram no *Facebook* “um contexto propício a interações conflituosas”. Nessa plataforma, há uma diversidade de perfis, debates de temas polêmicos e a possibilidade de troca injúrias, causando desrespeito. Como destaca Seara (2021, p. 389), o *Facebook* é um ambiente virtual que fomenta mecanismos favoráveis à disseminação de informações e de conhecimento, ao reencontro de amigos, à integração de grupos com interesses comuns. Mas, igualmente um terreno fértil para a ampliação de aspectos conflituosos. Essa dinâmica é facilitada pela mediação da tela, que impede o confronto face a face. Assim, a expressão de comportamentos agressivos se mescla com a exposição de pontos de vista, enquanto alguns internautas se sentem autorizados a enunciar suas opiniões sem restrições.

Em todas as interações em rede, é fundamental evitar que o desrespeito prevaleça. Quando a exposição exacerbada nas redes sociais digitais se transforma em ataques pessoais, os enunciados ofensivos não devem prevalecer no diálogo, a ponto de desconsiderar a perspectiva do outro, o que contraria o valor de respeito, de apreço e de consideração caracterizado como desrespeito, gerando desacato e desconsideração. Sendo assim, a violência verbal pode desencadear uma afronta ao oponente em uma discussão, a ponto de desacreditar o que é dito. Alguns indivíduos preferem desenvolver discursos injuriosos, abandonando o diálogo e recorrendo apenas a ataques pessoais, descartando o tema em questão.

Essa situação conflituosa, marcada pela prevalência de injúrias e desrespeito, característica do discurso de ódio, conduz à incivilidade. Segundo Candido *et al.* (2023, p. 3) a incivilidade configura-se como um desrespeito às tradições coletivas de democracia, consistindo em um conjunto de comportamentos, atitudes e crenças que ameaçam a democracia, negando direitos e liberdades pessoais, além de reforçar estereótipos de grupos sociais.

A agressividade manifestada na retórica de internautas com pontos de vista opostos é intensificada em um contexto de polarização política e social em que vivemos e interagimos em rede. O conceito de incivilidade pode ser entendido como o oposto da civilidade, caracterizada por comportamentos educados, corteses e respeitosos. Para Candido *et al.* (2023, p. 3), a incivilidade se manifesta quando uma pessoa age de forma rude ou indelicada, sem consideração pelos outros, violando as

normas de respeito nas interações sociais, incluindo críticas rudes, xingamentos, discurso desconexo e declarações ofensivas.

Em um mundo permeado por interações *on-line*, manter um tom de respeito é crucial para uma boa convivência, mesmo diante de discussões acaloradas. A incivilidade prejudica a comunicação nas redes sociais digitais e o estabelecimento de conexões positivas, essenciais para construir um conhecimento eficaz na exposição de um posicionamento. Segundo Candido *et al.* (2023, p. 4) a incivilidade pode ter consequências catastróficas, incluindo outras formas de mau comportamento com potencial de causar danos aos afetados. Além disso, os autores afirmam que a expressão incivil aumenta a indignação moral e tem efeito prejudicial sobre a liberalidade, especialmente quando as opiniões são atacadas *on-line*, o que reduz o espaço para debate.

Para Seara (2021, p. 890), o uso recorrente da agressividade nos comentários nas redes sociais digitais ridiculariza o outro internauta por meio de enunciados irônicos e sarcásticos. Quando um internauta busca “cancelar” o outro, seu objetivo não se limita a “ofender, mas, sobretudo, chamar a atenção dos restantes leitores do *post* e dos comentários, intensificando e ampliando, assim, a construção da polêmica e da agressividade verbal” (Seara, 2021, p. 890).

No próximo tópico, abordaremos o fenômeno dos *haters* e como disseminam o ódio nas redes sociais digitais, adotando uma postura incivil em relação ao outro internauta.

2.2.5 Os *haters* e a retórica do ódio: disseminação da violência na *internet*

As redes sociais aproximaram internautas distantes fisicamente, mas também deram origem a um fenômeno preocupante: os *haters*, um exército invisível que dissemina ódio na internet. Esses indivíduos atacam, indiscriminadamente, tanto famosos quanto anônimos, por meio de comentários maldosos e sem restrições.

Segundo Stein, Nodari e Salvagni (2018, p. 44), as redes sociais funcionam como um palco para o ócio e para a disseminação do ódio. Nesse ambiente, podem ocorrer “crimes de racismo ou discriminação”. Paradoxalmente, essas plataformas também possibilitam a difusão rápida e interativa de informações, além de empoderar os internautas para participar e se engajar em questões sociais relevantes.

Nessa perspectiva, Recuero (2012) argumenta que as redes sociais impactaram profundamente o cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, bem como constroem significados e sentidos. Além de refletir essas dinâmicas, as redes sociais influenciam sua construção e, conseqüentemente, os fluxos de informação que circulam nessas comunidades. Quando se consideram os grupos nas redes sociais, é importante destacar que as interações nessas plataformas se caracterizam por “construções de perfis” (Recuero, 2014, p. 131). Esses perfis estabelecem conexões, formando uma rede de relacionamento, de relações sociais estabelecidas em ambientes *on-line*, como observa Recuero (2014, p. 129).

Os perfis nas redes sociais, resultado de uma construção racional e uma sedimentação de valores, como intimidade e confiança social (Recuero, 2014, p. 129), podem dar origem a comentários aleatórios que, por sua vez, favorecem a disseminação de discursos de ódio. Segundo Rebs e Ernst (2017, p. 25), a violência verbal vem atrelada ao discurso de ódio e aos *haters*, que são disseminadores de discursos preconceituosos contra o outro. Essa voz incentiva maus comportamentos *on-line*, que se refletem no mundo físico.

Os *haters*, também conhecidos como odiadores, se caracterizam por buscar a violência sem justificativa clara frente à sociedade em suas interações *on-line*, priorizando o conflito e a disseminação do ódio nas redes digitais (Rebs e Ernst, 2017, p. 25).

Estamos naturalizando os discursos de ódio, pois eles se constroem em páginas pessoais, conforme afirmam Rebs e Ernst (2017, p. 25), e posteriormente ganham visibilidade em sites das grandes redes. A produção do discurso de ódio torna-se mais comum quando uma publicação desagrade alguns internautas. É interessante notar que o modo como os *haters* constroem o discurso de ódio se baseia em discursos anteriores, que são reapropriados e recontextualizados na situação comunicativa em questão.

É por meio dele que ideologias são passadas, capazes de caracterizar quem são estes indivíduos e como eles são identificados ou mesmo construídos [...]. Ainda que moralmente não aceitos na sociedade, estes sujeitos parecem encontrar um espaço para consolidar, autoafirmar e viralizar os seus discursos violentos e mesmo as suas identidades, construindo um perfil social (ou antissocial) capaz de disseminar (ou dar visibilidade) às suas ideologias. (Rebs; Ernst, 2017, p 25-26)

Os discursos de ódio estabelecem relações dialógicas entre as *deepfake* satíricas e os discursos oficiais, caracterizando-se pela retomada ou reacentuações de declarações de autoridades políticas e discursos científicos. Essa dinâmica contribui para a disseminação de discursos que geram e frequentemente se baseiam em inverdades. Esse tipo de comportamento pode causar danos reais à vida de indivíduos ou até de instituições. O contexto de mentiras e desinformação também molda a interação e comunicação nas plataformas digitais, como o *Facebook*. Consequentemente, esses discursos comprometem a interpretação de fatos e a compreensão da realidade, representando uma transgressão das normas sociais.

O termo “*haters*” tem sido frequentemente empregado, cuja tradução literal é “odiadores”. Entretanto, o conceito de *haters* abrange indivíduos detratores, com uma conotação mais profunda. Uma pessoa detratora é aquela que difama e desvaloriza a importância de algo ou de alguém. É importante ressaltar que o termo *haters* está especificamente associado ao contexto da internet. Dessa forma, esses indivíduos agem com liberdade, convivendo com uma diversidade de vozes, convergindo e atacando pontos de vista. Trata-se de um discurso de ódio proferido com o objetivo de ridicularizar perfis ou conteúdos, propagando críticas ofensivas. Segundo Rebs e Ernst (2017, p. 26), a construção do discurso de ódio frequentemente se inicia em sites pessoais e se propaga às redes sociais *on-line*, onde ganha visibilidade e mobiliza audiências.

O discurso de ódio nas redes sociais digitais, especialmente em postagens polêmicas, mobiliza muitas pessoas que passam a discutir e expor seus diferentes pontos de vista, resultando, por vezes, em ódio relacionado à discordância de pensamentos e ideologias. Entre os sujeitos presentes na internet, destacam-se os que priorizam a violência, os *haters*. Rebs e Ernst (2017) alertam que essa violência verbal no mundo digital deve ser tratada como um fator que provoca agitação social massiva. Trata-se de uma forma de violência simbólica, perceptível através da linguagem, gramática e discurso, que, embora não seja física, pode desencadear comportamentos que afetam o outro de forma direta ou indireta.

É interessante destacar que as mensagens com conteúdo racista, misógino, homofóbico, entre outros, nas redes sociais digitais encontram, por meio do humor, uma via de disseminação rápida, perpetuando um teor violento legitimado pelos pressupostos ideológicos dominantes. Esses pressupostos são reforçados quando os usuários compartilham ou apoiam acriticamente tais mensagens, validando agressões

que nem sempre são evidentes. Mas, como a nossa tese analisa comentários em *deepfake* satíricas veremos um efeito contrário: apoiadores de autoridades políticas e civis frequentemente rejeitam o humor apresentado nessas publicações e atacam, muitas vezes de forma explícita, o autor da *deepfake* e aqueles que concordam com ele.

Para Reds e Ernst (2017), a violência verbal por meio do discurso de *haters*, visa justamente disseminar a ideologia que é centrada na potencialização do ódio. Os *haters* são conhecidos por empregar um discurso maldoso e pejorativo, buscando atrair a atenção das audiências nos sites de redes sociais digitais. Essa atenção é conquistada por meio de discursos violentos, que desencadeiam a revolta de outros atores sociais devido à falta de argumentação lógica e à adoção de atitudes consideradas antissociais. Portanto, o discurso produzido pelos *haters*, tem objetivo duplo: disseminar e provocar ódio.

Segundo Rebs (2017), as marcas do excesso presentes no discurso de ódio dos *haters* facilitam e potencializam a difusão de informações injuriosas nas redes sociais digitais. Essa apropriação do espaço visa disseminar ideologias ligadas à violência, com o objetivo de gerar mais ódio. Podemos afirmar que uma das estratégias utilizadas por esse grupo disseminador de ódio é o excesso. Entretanto, é necessário entender o contexto histórico e social desses sujeitos e como o seu discurso significa nos ambientes digitais. Para Ernst (2009), o excesso é compreendido como uma estratégia para enfatizar determinados pontos do discurso. Por meio do uso demasiado de palavras, expressões e seus sinônimos, ocorre uma constante repetição de “ideias” capaz de fixar ou estabelecer os sentidos produzidos por esses elementos por meio de memórias. Assim, o excesso se caracteriza pelo que é dito em demasia.

Nessa perspectiva, é possível compreender que atos de violência podem ser caracterizados por excessos, tanto no discurso quanto em ações físicas. No seu auge, esses atos implicam em um excesso de agressividade, culminando no "apagamento" do odiado por meio de sua aniquilação nos ambientes digitais. Cabe destacar que, ao “curtir” o comentário dos *haters*, há uma concordância com o pensamento depreciativo, conferindo legitimidade ao discurso por meio de sua violência ou depreciação do outro. Com isso, percebemos que internautas povoam as redes sociais digitais exclusivamente para disseminar o ódio contra o outro. Assim, o

antagonismo dos extremistas políticos brasileiros evidencia uma retórica do ódio, visando propagar enunciados violentos.

Ao discutir a retórica do ódio, é fundamental reafirmar que a "verdade" não é considerada um conceito absoluto e imutável, mas sim um discurso persuasivo, sujeito a construção discursiva. Sponholz (2021, p. 221) destaca que “a ascensão da extrema direita em vários países como na Índia em 2014, nos Estados Unidos e na Inglaterra em 2016, na Alemanha e na Áustria em 2017, assim como no Brasil em 2018, está intrinsecamente ligada às mídias digitais e aos discursos de ódio”. A autora destaca que, no Brasil, o candidato que levou a extrema direita ao Palácio do Planalto construiu a sua imagem pública combinando agressões verbais e pautas identitárias. Isso ocorre porque debates acalorados giram em torno de temáticas polêmicas que envolvem os direitos das minorias, incluindo LGBTQIA+, negros, índios, mulheres, pessoas em situação de rua e com baixa renda. Consequentemente, à medida que o acesso às mídias digitais se amplia, os discursos de ódio também avançam.

Relacionamos os discursos de ódio com a política, pois o discurso político engloba tudo aquilo que diz respeito à organização da vida em sociedade e ao governo da coisa pública. Nesse sentido, o fim último desse discurso é o “bem soberano”, o qual se ancora em uma espécie de pacto de reconhecimento de um determinado “ideal social” (Charaudeau, 2008). Assim, indivíduos sem visibilidade ou função social relevante frequentemente encontram nos discursos de autoridades políticas uma âncora que representa sua esfera ideológica.

Muitos discursos nas redes sociais digitais irão reelaborar e reacentuar os enunciados proferidos pelo presidente JB. Segundo Moraes (2019, p. 153), esses discursos frequentemente se constituem na contradição entre a busca por valores universais e o respeito à pluralidade de interesses entre os distintos grupos em uma dada sociedade. A discussão de pautas sociais e polêmicas que contrariam os valores ultraconservadores no Brasil assume destaque nas redes, refletindo a expansão dos grupos radicais de extrema direita no país. Isso demonstra tanto a aceitação crescente de pautas ultraconservadoras pela opinião pública quanto o aumento da sua representatividade institucional na política brasileira (Moraes, 2019, p. 154).

Rocha (2023, p. 134) afirma que estamos vivendo uma disputa de valores, caracterizada pela crítica à sociedade atual, mediante a introdução de ideias novas. Essa disputa se insere em uma guerra cultural, marcada pela ascensão da extrema-direita no Brasil nos últimos anos. Para Rocha (2023, p. 134) a retórica do ódio

configura-se como uma estratégia que visa eliminar simbolicamente aqueles que não aderem às suas crenças, considerando-os inimigos que devem ser eliminados.

Nessa perspectiva, Rocha (2023, p. 134) identifica dois traços dominantes na retórica do ódio: a desqualificação nulificadora, que ocorre quando o outro é tornado invisível ou ridicularizado por meio de insultos ou infantilizações; e a hipérbole descaracterizadora, que impulsiona a adoração cega às palavras do líder ou guru, estimulando uma postura paranoica. Afinal, a adesão acrítica às narrativas delirantes de teorias conspiratórias conduz inevitavelmente à negação de dados objetivos e, em última instância, à negação da realidade do mundo físico.

As atitudes permeadas de discurso de ódio provocam a erosão da democracia, que se fundamenta na ética do diálogo. Esses discursos, repletos de violência, implicam no apagamento do outro, invalidando sua opinião e participação em debates sociais, desde os mais simples até os mais complexos. Essa estratégia visa legitimar discursos extremistas sobre questões sociais relevantes. A retórica extremista pode acarretar consequências desastrosas para a democracia, transitando de violência verbal nas redes sociais para agressões no mundo físico.

O antagonismo sociopolítico nas redes sociais digitais provoca um distanciamento entre as posições políticas, gerando sentimentos de animosidade. Conforme Sponholz (2021, p. 225), “os discursos de ódio, ao excluir ou depreciar grupos por definição, ultrapassam a polarização e resultam em uma desintegração social, levando os alvos destes discursos a construir os seus próprios espaços sociais”, eliminando assim a interação.

Na próxima seção, apresentaremos o percurso metodológico adotado, inspirado na perspectiva bakhtiniana, discutindo como a ADD concebe o seu objeto de estudo e as noções usadas para nossas análises.

3 PERCURSO METODOLÓGICO: A PERSPECTIVA BAKHTINIANA PARA NOSSAS ANÁLISES

Nesta seção, procederemos à discussão da epistemologia e metodologia da ADD, que fundamenta a análise do nosso *corpus*. Para tanto, recorreremos às obras de Bakhtin, especificamente “Por uma metodologia das Ciências Humanas” [1979], “Fragmentos dos anos 1970-1971” [1979], e “O texto na linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas” [1979], essenciais para compreensão do nosso percurso metodológico. Esta investigação é de natureza qualitativa, com enfoque exploratório-descritivo, uma vez que busca analisar o fenômeno da violência verbal, investigando o tema por meio da relação entre o *corpus* e as noções teóricas, com o propósito de detalhar e caracterizar o objeto de estudo.

As noções teóricas são mobilizadas a partir do próprio *corpus*, considerando que o nosso objetivo geral é analisar as relações dialógicas entre posicionamentos antagônicos em comentários de *deepfake* satírica no *Facebook*. Desta forma, visamos investigar, identificar, descrever e examinar as categorias do riso, coroação e destronamento, inseridas na noção de carnavalização bakhtiniana. Nesse sentido, as noções de enunciado, de vozes, de ideologia, de polêmica e de violência verbal serão fundamentais no estudo dos posicionamentos antagônicos dos internautas nessa plataforma e, conseqüentemente, para compreensão dos enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro.

Bakhtin (2017 [1979], p. 57) afirma que “o objeto de pesquisa se abre dialogicamente para que o pesquisador mergulhe na sua compreensão, não com exatidão, mas com profundidade”. Desse modo, nas Ciências da Linguagem, é necessária uma abordagem de pesquisa que discuta as possibilidades de compreensão de um objeto que permite ser conhecido.

Para que haja uma compreensão efetiva do objeto de análise, é imprescindível considerar a interação entre o horizonte do sujeito cognoscente e o horizonte do objeto cognoscível, essencial quando se está diante “da expressão e do conhecimento (compreensão) da expressão” (Bakhtin, 2017 [1979], p. 58). Assim, qualquer objeto de análise na esfera das Ciências Humanas existe em uma complexa tensão entre os horizontes do objeto e do pesquisador.

Sabemos que a relação entre objeto e pesquisador apresenta uma complexidade que proporciona possibilidades de compreensão, pois, conforme

Bakhtin (2017 [1979], p. 59), “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante”, que “nunca coincide consigo mesmo e, por isso, é inesgotável em seu sentido e significado”. Nesse contexto, dentro da esfera da ADD, não se configura uma proposta metodológica rígida e formalizada, que pressupõe um certo “engessamento” metodológico. Em vez disso, de acordo com a concepção de linguagem que defendemos, dispomos de um conjunto de noções que, sistematicamente organizadas, funcionam como perspectiva teórico-metodológica.

Essa abordagem é viabilizada pela ideia de que nenhum objeto das Ciências Humanas autossuficiente e fechado em si mesmo, mas, ao contrário, está aberto dialogicamente ao mundo da vida.

Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados (Brait, 2006, p. 10).

Nessa perspectiva de análise, acreditamos que os comentários produzidos por sujeitos situados sócio-historicamente, se materializam nas redes sociais digitais como enunciados que só podem ser plenamente compreendidos considerando o contexto de publicação gerador desses comentários e dos seus autores.

Retomando o que foi dito na seção 1.1.1, ressaltamos a dificuldade na tradução do termo “*s/ovo*”, empregado pelos autores russófonos da ADD, que também pode significar discurso ou texto. Nesse sentido, nosso objeto de pesquisa, o texto, “só tem vida contatando com outro texto” (Bakhtin, 2017 [1979], p. 67). Portanto, os comentários só podem ser integralmente compreendidos quando lidos em sequência da sua publicação, considerando reações e respostas, pois, caso contrário, não se alcançará um conhecimento aprofundado.

Bakhtin (2017 [1979], p. 68-69) destaca que, desde o início da existência, o ser humano participa dos eventos da vida em um clima dialógico. As influências “extratextuais” possuem um significado particularmente relevante nas etapas

primárias de evolução humana. Tais influências estão incorporadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são, inicialmente, palavras de outras pessoas, especialmente palavras da mãe. Em outras palavras, nosso primeiro contato com o “mundo da linguagem” se estabelece por meio das palavras do outro, e vamos reiterando essas palavras alheias com reacentuações até que elas se tornem nossas próprias palavras.

Depois, essas "palavras alheias" são reelaboradas dialogicamente em "palavras minhas-alheias" com o auxílio de outras palavras alheias (não ouvidas anteriormente) e em seguida nas minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora. O papel dos encontros, das visões, das "iluminações", das "revelações" etc. (Bakhtin, 2017 [1979], p. 68-69).

A análise da linguagem na perspectiva dialógica pressupõe considerar que as palavras alheias exercem influência sobre a visão de mundo de cada indivíduo. Em determinado momento da vida, torna-se desafiador identificar essas influências no nosso discurso, pois, como afirma Bakhtin (2017 [1979]), as marcas de origem se dissipam, permitindo que o texto adquira um novo acento valorativo e se torne único na situação comunicativa em que é usado. Conforme Bakhtin (2017 [1979], p. 68), tudo que é enunciado é dito a partir de palavras alheias que se transformam em "palavras minhas-alheias".

Não possível escapar desse entrecruzamento de discursos, pois o ser humano vive em uma constante índole criadora, que proporciona sentidos inacabados aos discursos presentes no contexto dialógico. Como afirma Bakhtin (2017 [1979], p. 79), “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico”. Além disso, “mesmo os sentidos do passado, [...] jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo” (Bakhtin, 2017 [1979], p. 79).

O *corpus* de análise selecionado, coletado em agosto de 2024, compreende comentários publicados durante o período de maior intensidade da pandemia da COVID-19. Optamos pela opção "todos os comentários" no *Facebook*, permitindo assim a visualização integral dos comentários, incluindo possíveis *spams*. Esses comentários mantêm-se ricos e densos em significados, atribuídos no momento de sua inserção na cadeia comunicativa.

Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (Bakhtin, 2017 [1979], p. 79).

É relevante destacar que, anos após a publicação do *corpus*, cada comentário, embora produzido no contexto pandêmico, exige uma leitura atenta e aprofundada, transcendendo a compreensão inicial de seu conteúdo. Isso ocorre porque esses comentários consistem em retomadas de discursos passados, tanto convergentes quanto divergentes, capazes de provocar reações violentas. Além disso, alguns comentários são ocultados ou excluídos pela plataforma por violarem as regras da comunidade, podendo comprometer a sequência lógica das respostas aos demais internautas.

É possível que, atualmente, esses mesmos discursos sejam retomados com um novo acento emotivo-volitivo, mas essa discussão excede o escopo desta análise. Em todo caso, conforme Bakhtin (2017 [1979], p. 27), os enunciados não são isolados do contexto extraverbal e “sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”.

Conforme Bakhtin (2016 [1979], p. 72), “todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve)” e que os comentadores determinam e emolduram os seus enunciados a partir da “sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção” (Bakhtin, 2016 [1979], p. 73). Nessa perspectiva, considerar o encadeamento dos comentários é essencial para compreensão do sentido pretendido pelo internauta. O enunciado é retomado e emoldurado de diversas maneiras nas redes sociais digitais. No entanto, a reprodução do texto pelo sujeito – seja por retomada, repetição da leitura, nova execução ou citação – constitui um acontecimento novo e singular na vida do texto, representando um novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva (Bakhtin, 2016 [1979], p. 76).

Portanto, a presente tese insere-se no campo da ADD, que adota uma abordagem para a investigação dos enunciados violentos, reconhecendo o caráter singular e social dos acontecimentos discursivos. Nessa concepção, defendemos que o pesquisador estabelece uma relação dialógica com seu objeto de estudo. Assim, é

possível caracterizar cada elemento de análise, tanto o objeto quanto o sujeito, em suas especificidades e limites próprios, considerando que a linguagem é condicionada pela cultura, situada em um contexto histórico e espacial determinados.

O percurso metodológico de análise, que se respalda no pensamento de Bakhtin, Volóchinov, Medviédev e outros estudiosos contemporâneos da ADD oferecem uma metodologia aberta e inacabada para abordar o objeto cognoscente, permitindo evocar outras noções e teorias para iluminar a compreensão do *corpus*. Isso configura uma interpretação dialógica (Bakhtin, 2017 [1979], p. 61), na qual o sujeito pesquisador se posiciona responsivamente diante do seu objeto de estudo.

3.1 Escolha do Corpus e cronotopo pandêmico

A pandemia do COVID-19 constituiu um evento global que mobilizou a tomada de medidas sanitárias para reduzir a transmissão entre a população e minimizar o número de vítimas. No contexto pandêmico, emergiram diversos discursos de autoridades políticas e científicas, resultando na produção de enunciados, em alguns momentos, tensos, entre esses representantes políticos, cientistas e a OMS. São momentos marcantes de pronunciamentos do então presidente do Brasil nos anos 2020 e 2021, de líderes do seu governo e de seguidores adeptos aos discursos constituídos dialogicamente por *já-ditos*. Em diversos meios de comunicação, inclusive no meio digital, especificamente no *Facebook*, encontramos discursos que merecem ser investigados.

Na linguagem, observamos a materialização de posicionamentos axiológicos que refletem as vivências sócio-históricas de uma comunidade de falantes. Nesse contexto, com relação à coleta do *corpus* produzido durante o auge da pandemia nos anos 2020 a 2021 no Brasil, selecionamos comentários antagônicos em *deepfake* satíricas publicadas no perfil do *Facebook* de Bruno Sartori, notadamente em momentos de pronunciamentos e atitudes de JB que desencadearam polêmicas e embates contra autoridades sanitárias brasileiras e globais.

Utilizamos a noção de cronotopo, desenvolvida por Bakhtin a partir da concepção de tempo-espço presente na teoria da relatividade de Einstein, originalmente aplicada à análise de obras romanescas. Embora a noção de cronotopo tenha sido concebida inicialmente para estudos literários, ela revela-se valiosa para a

nossa tese, ao analisar um tempo-espaço específico de um ano, compreendido entre março de 2020 a março de 2021, durante o auge da pandemia.

Ao considerarmos as interações entre internautas e os enunciados constituídos por discursos produzidos no tempo e espaço pandêmicos, entendemos o cronotopo como “a unidade artística de uma obra literária em sua relação com a autêntica realidade” (Bakhtin, 2018 [1937-1939], p. 217). Assim, como nas narrativas literárias, percebemos um tempo e espaço específicos em que são produzidas, também reconhecemos que esse tempo e espaço influenciam igualmente os acontecimentos discursivos no mundo vivido.

Segundo Renfrew (2017, p. 145), o cronotopo é uma maneira para diferenciar e classificar os modos pelos quais a representação humana ocupa espaço e se move no tempo. Ao transpor a perspectiva bakhtiniana ao contexto pandêmico, identificamos, nas práticas discursivas do ambiente digital do *Facebook*, valores temporais e espaciais que facilitam a construção da eventicidade do ser.

Definimos nosso cronotopo pandêmico em quatro momentos discursivos. O primeiro momento discursivo ocorre em março de 2020, marcado pelo início das medidas sanitárias no Brasil em resposta ao aparecimento de contaminações em solo nacional. Nesse contexto, uma *deepfake* publicada em 14 de março de 2020 apresenta o personagem que representa o presidente JB cantando a música “Admirável gado novo (vida de gado)” de Zé Ramalho. Essa produção satírica crítica aos apoiadores do presidente que organizaram manifestações em todo país no dia seguinte, apesar da pandemia do COVID-19 e do início das restrições sanitárias no país.

O segundo momento de coleta do *corpus* satiriza a defesa do presidente JB sobre o uso da hidroxicloroquina como tratamento precoce contra o COVID-19. A *deepfake* selecionada apresenta a voz e a face de JB em Tiririca – cantor, compositor, palhaço, humorista e político brasileiro – cantando na melodia de um de seus maiores sucessos “Florentina”. Encontramos, na letra da *deepfake*: “cloroquina, cloroquina, cloroquina tem no SUS, não sei se funciona, mas a gente deduz”, em referência às constantes menções de JB ao tratamento com a hidroxicloroquina para combater a COVID-19.

Em março de 2020, durante uma transmissão ao vivo no *Facebook*, o presidente afirmou que “os Estados Unidos liberaram um remédio com o potencial de

tratar o coronavírus” sem mencionar nominalmente a droga. A partir daí, JB uma iniciou uma campanha de incentivo ao uso da hidroxicloroquina.

O terceiro momento de publicação da *deepfake* está relacionado ao discurso de JB na ONU em 22 setembro de 2020, no qual ele apresentou as medidas de enfrentamento da pandemia no Brasil. No vídeo da *deepfake* satírica, o presidente Harris, interpretado por Leslie Nielsen em um filme de comédia americana, é representado com a voz e as falas de JB, discursando para líderes mundiais. O vídeo apresenta uma sequência de enunciados, proferidos pelo presidente em diferentes momentos do seu governo: “raça de comunistas”, “não vai haver um centímetro de território demarcado para os indígenas”, “quer que eu faça o quê? Meu nome é “Messias”, mas eu não tenho como fazer milagres”. Esses enunciados são ditos em um contexto satírico e concluídos com o *slogan* do presidente, substituindo “Brasil” por “Trump”: “Meu deus acima de tudo, Trump acima de todos”.

O quarto momento de coleta do *corpus* refere-se ao contexto de discussão da eficácia das vacinas contra o COVID-19 no Brasil e a pressa na sua aquisição. Duas *deepfake* ilustram esse momento. A primeira, publicada em 20 de janeiro de 2021, apresenta o humorista Zacarias dos Trapalhães cantando uma paródia de “Papai eu quero me casar”, intitulada “Papai eu quero me vacinar”, com um personagem com a face e a voz de JB perguntando “minha filha, cê diga com a de quem”, em referência à escolha da vacina. A segunda *deepfake* satírica, publicada em 29 de março de 2021, utiliza uma cena do seriado do “Chaves”, onde o personagem principal, Chaves, com a face e a voz de JB, dialoga com Dona Neves sobre o desejo de se vacinar.

Ambas as publicações satirizam a negligência do Governo Federal em adquirir vacinas contra o novo coronavírus, contrastando com o avanço na vacinação da população e a minimização dos efeitos da pandemia em outros países.

Definidos os quatro momentos que inspiraram as *deepfake* satíricas: (1) início das medidas sanitárias no Brasil com o aparecimento de contaminações em solo nacional em março de 2020; (2) a defesa do presidente JB sobre o uso da hidroxicloroquina como tratamento precoce contra a COVID-19; (3) a repercussão do discurso de JB na ONU em 22 setembro de 2020; (4) o contexto de discussão da eficácia e compra das vacinas contra a COVID-19. O *corpus* selecionado é constituído por 25 comentários extraídos de 5 *deepfake* satíricas. Esses comentários estão entre os 30 primeiros e suas réplicas publicados em sequência de cinco. O último momento

discursivo é composto por duas *deepfake* que satirizam a compra e eficácia das vacinas. Assim, apresentamos no tópico a seguir as categorias de análise.

3.2 Categorias de análise

Nesta tese, aprofundamos a discussão da nossa teoria de base, inicialmente desenvolvida no mestrado, para análise do *corpus*, o que suscita novas categorias de análise e permite uma compreensão mais aprofundada do *corpus*. Assim, outras vozes podem ser convocadas para colaborar nas análises do nosso objeto de pesquisa, agregando valores e responsividade que alteram ou ampliam nossa concepção inicial de investigação.

Antes de apresentar as categorias de análise, esclarecemos que, embora as publicações apareçam em um domínio público, optamos por utilizar apenas as iniciais dos nomes e sobrenomes dos internautas, visando evitar possíveis desconfortos ou reações negativas decorrentes do uso do nome completo. Contudo, excepcionalmente, identificamos o nome completo do autor das *deepfake* satíricas, Bruno Sartori, que, em alguns momentos responde aos comentários. Além disso, queremos salientar que os comentários são apresentados em sua forma original, sem correção dos desvios ortográficos, em conformidade com a norma culta.

Outra observação relevante é que os comentários analisados foram coletados em agosto de 2024, com mais de dois anos após o cronotopo pandêmico. Dessa forma, o algoritmo do *Facebook* não os apresenta conforme sua ordem original de publicação, uma vez que a plataforma os fixou de maneira diferente ao longo do tempo.

Consideramos o contexto sociopolítico em que as *deepfake* satíricas e os comentários foram produzidos. Nesse sentido, os comentários são analisados à luz dos escritos de Bakhtin (2010 [1945]; 2015 [1934-1935]; 2015 [1965]; 2016 [1979]), Volóchinov (2013 [1926]; 2019 [1926]), Medviédev (2016 [1928]). Além disso, observamos que alguns apoiadores do presidente JB não concordam com as *deepfake*. Sobre isso, seguimos com a reflexão de como as redes sociais têm um alcance significativo e constroem discursos, conforme argumenta Recuero (2016), e podem assumir um teor conflituoso, como afirma Cunha (2013).

Em um primeiro momento das análises, contextualizamos o conteúdo de cada *deepfake* satírica. Nelas, Sartori revela suas escolhas políticas e estabelece um

diálogo com o contexto do mundo físico, no que concerne ao enfrentamento da Pandemia da COVID-19 no Brasil, nos anos de 2020 e 2021. Cada comentário constitui novos discursos sobre a *deepfake*, sobre outro tema ou assunto que o comentador considera relevante trazer à tona, relacionando-se, de alguma forma, àquela situação discursiva. Ademais, trilhamos um percurso metodológico que analisa uma sequência de 5 comentários de acordo com os nossos objetivos de pesquisa, contemplando as noções teóricas especificadas na tabela no final deste tópico.

A partir das concepções da ADD, investigamos como as *deepfake* satíricas estimulam a postagem de enunciados violentos em comentários no *Facebook*, considerando as noções de riso, coroação e destronamento ancorados em Bakhtin (2010 [1945]) e Renfew (2017). Para identificar as vozes sociais mobilizadas nos enunciados que constituem o sentido de violência verbal em comentários antagônicos de *deepfake* satíricas no *Facebook*, recorreremos às noções teóricas de vozes, ideologia e ponto de vista/axiologia, firmados em Medviédev (2016 [1928]), Volóchinov (2019 [1926]), Bakhtin (2015 [1934-1935]; 2015 [1963]), Cunha (2012), Faraco (2009) e Gomes (2023).

Para analisar como as escolhas linguísticas operadas em função do tom emotivo-volitivo, imprimem ao enunciado uma relação valorativa, tanto em relação ao objeto do discurso quanto aos outros internautas, recorreremos aos estudos de Butler (2021), Recuero (2016), Amossy e Burger (2011), Cunha (2013), Silva (2018), Seara (2021), Oliveira (2020), Candido *et al.* (2023), Rebs e Ernst (2017), Sponholz (2021), Charaudeau (2008), Moraes (2019) e Rocha (2023). Especificamente, examinamos as estratégias de injúria, incluindo insulto, arrogância, agressividade e desqualificação.

Nossas análises também examinam como os posicionamentos antagônicos dos internautas do *Facebook* disseminam enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro. Esse tipo de discurso frequentemente é acompanhado de inverdades da esfera política. Nesse sentido, a noção de pós-verdade (Sargentini; Carvalho, 2021; Piovezani; Curcino; Sargentini, 2021; Fontana, 2021; Charaudeau, 2022) pode elucidar nossa compreensão sobre como algumas autoridades e seus apoiadores enganam os outros.

Entendemos que as redes sociais digitais apresentam um alto risco de exposição pessoal para quem cria um perfil na internet. Com frequência, a publicação de informações íntimas coloca o internauta em uma posição de vulnerabilidade, gerando, por um lado, uma notória visibilidade, com milhares de seguidores que

acompanham atentamente todas as publicações de um perfil, e, por outro, uma maior fragilidade, tornando-o alvo de pessoas mal-intencionadas e sem escrúpulos. Apesar desses riscos, observamos que há uma tendência de diminuição da preocupação com a privacidade, pois as pessoas expõem livremente suas fotos, vídeos e comentários no mundo digital. Consequentemente, a segurança não é devidamente avaliada e a imagem pessoal pode ser utilizada para fins diversos.

Cabe destacar que a nossa análise possibilita uma compreensão das vozes sociopolíticas que contribuem para viralização de discursos prejudiciais ao enfrentamento da pandemia do COVID-19 no Brasil. Com o auxílio da ADD realizamos uma análise científica dos enunciados violentos presentes nos comentários das *deepfake* satíricas de Bruno Sartori. Além disso, elaboramos uma tabela para ilustrar nosso percurso de análise, refletindo sobre as interações e possibilidades nos diálogos nas redes sociais e sobre a liberdade nesse contexto digital.

Figura1: Quadro de análise do corpus

OBJETIVO GERAL: analisar as relações dialógicas entre posicionamentos antagônicos em comentários de <i>deepfake</i> satírica no Facebook.		
MOMENTO DISCURSIVO	OBJETIVO ESPECÍFICO	NOÇÕES TEÓRICAS
	(1) Investigar, a partir das categorias do riso, coroação e destronamento, como as <i>deepfake</i> satíricas estimulam a postagem de enunciados violentos em comentários no Facebook;	Riso; Coroação; Destronamento. Vozes; Ideologia; Ponto de vista/axiologia. Polêmica; Pós-verdade;
	(2) Identificar as vozes sociais mobilizadas nos enunciados que constituem o sentido de violência verbal em comentários antagônicos de <i>deepfake</i> satíricas no Facebook;	Vozes; Ideologia; Ponto de vista/axiologia.
	(3) Descrever como as escolhas linguísticas operadas em função do tom emotivo-volitivo, imprimem ao enunciado uma	Vozes; Ideologia; Ponto de vista/axiologia.

	relação valorativa tanto em relação ao objeto do discurso quanto aos outros internautas;	
	(4) Examinar como os posicionamentos antagônicos dos internautas do <i>Facebook</i> disseminam enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro.	Polêmica; Ponto de vista/axiologia; Vozes.

Fonte: Fundamentação teórica desta tese.

Não pretendemos esgotar as possibilidades de análise do *corpus* ou delimitar rigidamente a metodologia da ADD. Reconhecemos que um comentário pode ser suscetível de múltiplas interpretações, abrangendo diversas noções teóricas em diferentes momentos discursivos.

Para manter a coerência analítica, selecionamos sequências de cinco comentários e suas réplicas, representativas de cada momento discursivo, alinhadas aos objetivos específicos desta pesquisa.

4 CRONOTOPO PANDÊMICO: COMENTÁRIOS ANTAGÔNICOS EM DEEPPFAKE SATÍRICA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19, NO BRASIL, NOS ANOS 2020 E 2021

Nesta seção, propomos uma discussão sobre o cronotopo pandêmico, decorrente da pandemia deflagrada pela proliferação do novo coronavírus, o COVID-19. Caracterizamos esse cronotopo como um espaço-tempo em que se produz um conjunto de discursos relacionados a esse tema, envolvendo tanto as *deepfake* satíricas quanto os discursos de autoridades civis e científicas e os comentários publicados no *Facebook* no perfil de Bruno Sartori.

A pandemia do COVID-19 provocou uma transformação profunda na vida social em todas as suas esferas, afetando o modo de ser e de viver de cada indivíduo. Desde o convívio familiar até as rotinas de trabalho, os afetos foram desestabilizados, impactando física e psiquicamente as pessoas. É nesse contexto que situamos nossa pesquisa, considerando as diferentes experiências, frequentemente marcadas por violência.

4.1 Primeiro momento discursivo: o negacionismo diante das primeiras medidas sanitárias para conter o novo Coronavírus.

Figura 2: *Print* da *deepfake* satírica do primeiro momento discursivo.



Fonte: Oliveira, 2024. Baseado no perfil do *Facebook de Sartori*
<https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=2507468699506483>)

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PRIMEIRO MOMENTO DISCURSIVO

A primeira *deepfake* satírica¹⁷ foi publicada em 14 de março de 2020, com a seguinte legenda: “Coronavírus se espalhando em todos os cantos e os apoiadores de Bolsonaro não vão deixar de ir as manifestações do dia 15/03. Gados demais. [#Deepfakes](#) [#Bolsonaro](#) [#GadoDemais](#) [#VidadeGado](#)”.

A publicação tem 8,6 mil reações, 2,2 mil comentários e 370 visualizações. No vídeo, encontramos uma paródia da canção “Admirável gado novo (vida de gado)”, de Elba Ramalho e Zé Ramalho cujo refrão diz: *Ê, ô, ô vida de gado, povo marcado, povo feliz...* e, no final, o grasnar de pato “quá”.

Vale salientar que, apesar da expressão “gado” ter sido utilizada para se referir aos eleitores do então candidato JB em 2018, ano das eleições presidenciais no Brasil, o termo ganhou mais força entre os seus seguidores após sua posse e as atitudes polêmicas tomadas pelo presidente e membros do seu partido, principalmente dos seus familiares.

Na esfera política, “gado” é o famoso “pau mandado”, ou seja, aquela pessoa que faz tudo o que os outros fazem e pedem, sem ter personalidade própria. “Gado”, “gado de Bolsonaro” e “gado bolsominion” são algumas expressões pejorativas utilizadas para se referir aos apoiadores de JB.

Utilizamos a linha de tempo do coronavírus no Brasil do site *sanarmed*¹⁸, que é um site de uma empresa especializada na área da saúde, especificamente em cursos para formação de médicos. Em janeiro de 2020, a OMS publicou um primeiro comunicado sobre uma pneumonia de causa desconhecida na China. No mesmo mês, o primeiro código genético do coronavírus foi divulgado e a OMS admitiu que o risco de epidemia no mundo era alto. No mês seguinte, trinta e quatro brasileiros que viviam na cidade chinesa de Wuhan, epicentro do novo coronavírus, foram repatriados. E, no final de fevereiro, foram confirmados o primeiro e o segundo casos de coronavírus no

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=2507468699506483>. Acesso em: 16/07/24.

¹⁸ Disponível em: <https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em: 16/07/24.

Brasil, mas isso não mudou o cenário do país, pois não havia evidência de circulação sustentada desse vírus.

No mês de março, os casos de contaminação pelo novo coronavírus aumentaram no Brasil e foi registrada a primeira transmissão interna no país. Quando Sartori publicou a *deepfake* satírica em 14 de março de 2020, o número de casos confirmados já havia subido para 60, dos quais 9 por transmissão local e 51 de casos importados. Também estavam sendo monitorados 930 casos suspeitos e 947 haviam sido descartados.

Ignorando as recomendações do Ministério da Saúde para conter o avanço da doença, os apoiadores de JB tinham uma manifestação marcada para o dia 15 de março¹⁹. Supostamente, uma manifestação convocada pelo próprio JB, que afirmou em um evento em Boa Vista-RR: “É um movimento pró-Brasil, é um movimento que quer mostrar para todos nós, presidente, poder Executivo, poder Legislativo, poder Judiciário que quem dá o norte para o Brasil é a população”, noticiou o site *Correio Braziliense*.

A primeira análise que realizamos evidencia a heterodiscursividade da linguagem, que nasce e se desenvolve nas interações sociais. Como vimos na discussão teórica, essa perspectiva é defendida por Bakhtin (2015 [1934-1935]) e seus contemporâneos, que passaram a considerar os fatos sociológicos como influenciadores dos fenômenos linguageiros, como observamos nas discussões de Jakubinskij (2015 [1923]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]). Trata-se de uma sequência dos primeiros comentários, nos quais o autor da *deepfake* satírica responde aos outros comentadores. Assim, podemos constatar o caráter dialógico da linguagem, que traz em seus enunciados nos comentários um tom de violência. Vejamos os comentários:

- 1 **CF** Vão chupar o pau do Lula ladrão!! Pois a puta da mulher dele já não faz mais isso foi para o inferno vagabunda ladra!
 1.1 **Autor Bruno Sartori** Muge mais alto que daqui eu não te escuto.
 1.2 **TM - CF** que merda de ser humano é você, seu bosta?

1.3 Autor Bruno Sartori é o melhor

1.4 LS - CF

1.5 $\overline{AM} - \overline{CF}$ vai você seu grande filho da puta!

[illegible]

1.7 **TFO** corre que o gado ta puto kkkkkkkkkk

2 GG Gado é a vaca da tua mãe

2.1 Autor Bruno Sartori Calma, Dolores.

3 [WS](#) 🤪🤪🤪🇧🇷🍌🍌 boa o Presidente cantando 🎤 para o antigo Brasil de gados kkk O Brasil 🇧🇷 mudou dia 15/3 todos nas Ruas Contra a Corrupção Democrática de Bandidagem Oposicionista 👍

3.1✎ Autor Bruno Sartori

3.2 RCS - WS Silva se lambuze nas águas da coronavirus, bolsonaro vai pra os meus melhores hospitais e você vai pra vala kkkk

4 FR que bosta

4.1✎ Autor Bruno Sartori



5 **FI** Esse e o nosso presidente, queiram ou não só resta o choro, pra quem não gosta dele. 😂😂

5.1  **Autor Bruno Sartori** Gusttavo Lima e você.



Nesses 5 comentários e suas réplicas, constatamos a indignação de alguns internautas com a *deepfake* satírica, que não aceitam a crítica feita ao presidente JB. Neles, identificamos a presença do fenômeno da coroação, destronamento e riso conforme Bakhtin (2010 [1945]) teoriza sobre a carnavalização. Sartori emprega a carnavalização como estratégia para subverter a imagem do presidente da República, JB, valendo-se de uma performance irreverente e do humor como mecanismo de crítica à autoridade. Tal abordagem desencadeia reações entre os internautas, culminando em enunciados violentos.

O então ex-presidente Lula, também, é destronado, a partir do que consideramos, no contexto enunciativo, ter ele uma posição hierárquica superior, na qual exercia a função de presidente da República, com insultos que ganham múltiplos sentidos no primeiro momento discursivo analisado.

Exemplificando, quando CF²⁰ posta seu discurso de ódio, que contém o insulto, “vão chupar o pau”, expressão pejorativa, no nosso entendimento, que geralmente significa alguém submisso, ou seja, alguém que se submete à autoridade de outrem e perde autonomia ou vive de adulação, ratificando o que Seara (2021) propõe como injúria, e assumindo a função de ameaçar e de confrontar, tornando-se assim um enunciado axiologicamente negativo, conforme as colocações de Cunha (2013). Ao proferir essa expressão, o internauta manifesta frustração ou raiva, reagindo com desconforto à publicação de Sartori.

Após a expressão hostil, no comentário 1, identificamos o que Bakhtin (2017 [1919-1921]) afirma sobre os enunciados possuírem uma forte carga emotiva, exemplificada pela expressão “Lula ladrão”, que surge após o insulto. Isso ocorre porque esse enunciado está imbricado em um conjunto ideológico, que dá voz aos opositores do ex-presidente e mantém relações dialógicas com as acusações feitas contra ele²¹, em setembro de 2016, sobre a denúncia por corrupção e lavagem de dinheiro envolvendo o triplex do Guarujá (SP).

É importante recordar essa denúncia relativa ao triplex, que constitui um dos motivos pelos quais a oposição rotula o petista de ladrão. O ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, e a ex-primeira-dama, Marisa Letícia, falecida em 2017, foram alvo de denúncia pelo Ministério Público Federal (MPF) por supostamente serem os verdadeiros proprietários de um triplex no Guarujá. De acordo com essa denúncia, as reformas realizadas no imóvel pela construtora OAS eram parte do pagamento de propina da empreiteira a Lula, pois ele teria favorecido a empresa em contratos com a Petrobrás.

Em uma reportagem publicada no site da *Agência Brasil*²², Paulo Victor Chagas explica que as reformas realizadas no triplex foram destinadas a “um cliente específico”, no caso, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A acusação sustentava

²⁰ **1 CF** Vão chupar o pau do Lula ladrão!! Pois a puta da mulher dele já não faz mais isso foi para o inferno vagabunda ladra!

²¹ Disponível em: Acesso em: 18/09/24.

²² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-01/entenda-o-caso-triplex-em-que-lula-foi-condenado>. Acesso em: 01/11/24.

que R\$ 3,7 milhões foram destinados à aquisição e reforma do triplex no Guarujá, sem que Lula pagasse a diferença pelo apartamento de melhor qualidade, que ele e sua esposa pretendiam adquirir no prédio. Uma parte desse valor teria sido utilizada para o armazenar presentes recebidos por Lula durante seus mandatos de presidente, entre 2011 e 2016.

Na ocasião da denúncia, os advogados de defesa de Lula afirmaram que "o MPF elegeu Lula como maestro de uma organização criminosa, mas esqueceu do principal: a apresentação de provas dos crimes imputados". Em consequência, em 12 de julho de 2017, o juiz, à época, Sérgio Moro, da 13ª Vara Federal de Curitiba, condenou Lula pelo recebimento de vantagem indevida da construtora OAS e pela ocultação da titularidade do imóvel. A pena aplicada foi de nove anos e seis meses de prisão por lavagem de dinheiro e corrupção passiva²³.

Essa acusação deu visibilidade à força-tarefa da Operação Lava-Jato, que teve como coordenador Deltan Dallagnol, que divulgou as acusações de que Lula era "o comandante máximo do esquema de corrupção na Petrobras", "o grande general" e "o único vértice comum de esquemas de corrupção disseminados em vários esquemas em órgãos públicos". A acusação foi feita contra o ex-presidente e outros sete denunciados, entre os quais estava a ex-primeira-dama Marisa Letícia.

Ainda observamos nesse comentário ¹²⁴ uma forte carga emotiva evidenciada nos insultos: "puta da mulher" e "vagabunda ladra", referindo-se à Sra. Marisa Letícia Lula da Silva, à época, a esposa falecida de Luiz Inácio Lula da Silva. Ao destronar a ex-primeira dama, CF, afronta valores morais de quem é favorável a Lula e mantém relações afetivas conjugais, mexendo com a sensibilidade do internauta, ou seja, com o arcabouço familiar que, mesmo não sendo o seu, são reconhecidos pelos internautas que mantêm respeito pela representação político-social e, conseqüentemente, a posição hierárquica ocupada por essas figuras.

Além disso, insultar uma mulher chamando-a de "puta" e/ou "vagabunda" é algo extremamente ofensivo e desrespeitoso. No Brasil, esse tipo de xingamento pode ser considerado crime de injúria, conforme definido nos artigos 140 a 142 do Código

²³ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-01/entenda-o-caso-triplex-em-que-lula-foi-condenado>. Acesso em 01/11/24.

²⁴ **1 CF** Vão chupar o pau do Lula ladrão!! Pois a puta da mulher dele já não faz mais isso foi para o inferno vagabunda ladra!

Penal²⁵. Uma pessoa utiliza esses pejorativos para violar a honra e a imagem de alguém, especialmente em relação à sua conduta sexual ou moral. O comentário de CF torna-se ainda mais grave ao dirigir tal ofensa a alguém que faleceu, afirmando que ela foi condenada a um lugar que a fé cristã denomina como destino para as almas más após a morte, o inferno. É importante reconhecer que essas palavras são frequentemente usadas para oprimir e marginalizar mulheres, reforçando estereótipos sexistas e misóginos.

Esses insultos revelam um comportamento incivilizado que desrespeita e ameaça a convivência harmoniosa em uma democracia, conforme discutimos com Candido *et al.* (2023), ferindo a dignidade da pessoa humana, especialmente, de uma figura oficial que é símbolo de um período de governo na história do país.

Em Silva (2018), encontramos a afirmação de que o ódio está ligado a figuras políticas. Ao mesmo tempo, identificamos o que Bakhtin (2016 [1979]) afirma sobre o enunciado ter um tom valorativo, visivelmente nas vozes da extrema-direita que acusam Lula de ser “ladrão”, um bordão que se repete na maioria dos comentários dos seguidores de JB.

Os xingamentos, como “vagabunda” e “ladra”, publicados por CF, têm a função de ridicularizar o oponente, conforme as ideias de Rocha (2023), utilizando palavras de baixo calão para ofender a honra da ex-primeira dama, que não deixa de ser, também, um insulto com quem ocupa uma posição hierárquica superior. Com isso, constatamos que, no comentário 1²⁶, a carnavalização em *deepfake* satíricas estimula a postagem de enunciados violentos em comentários no *Facebook*.

Como se trata dos primeiros comentários, observamos que é comum que o autor da publicação se manifeste, nessas *deepfake* satíricas, não com um diálogo respeitoso, mas com insultos.

Os enunciados violentos retomam outros discursos, a ponto de Sartori chamar CL de “gado” no comentário 1.1²⁷. “Gado” é uma expressão pejorativa que se refere aos eleitores que seguem seu líder sem questionar, aceitando comandos e repetindo gestos e discursos. O termo é utilizado para nomear os apoiadores de JB e é alvo

²⁵ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/xingar-alguem-e-crime/1128915881>. Acesso em: 01/11/24.

²⁶ 1 CF Vão chupar o pau do Lula ladrão!! Pois a puta da mulher dele já não faz mais isso foi para o inferno vagabunda ladra!

²⁷ 1.1 Autor Bruno Sartori - Muge mais alto que daqui eu não te escuto.

constante de memes no meio digital. Além disso, é referido em vários outros comentários, como na provocação na montagem do vídeo da publicação.

Nos comentários analisados, observamos uma tendência de desqualificação mútua entre os comentadores, fenômeno teorizado por Amossy (2017) como estratégia discursiva de desacreditação. Junto ao insulto “gado”, encontramos um tom violento contra os opositores de Sartori, que provoca ao postar “o surto é de corona e não de aftosa”, buscando eliminar simbolicamente o outro internauta, que não tem capacidade de fazer escolhas e de pensar criticamente. Isso está em consonância com o que afirma Rocha (2023) de que a retórica do ódio busca ridicularizar o opositor, fazendo uma depreciação do posicionamento dos seguidores de um líder político-ideológico.

Sartori também evoca, como observamos no comentário 5.1, a figura de um cantor sertanejo, Gustavo Lima, militante do bolsonarismo, com um meme que traz a imagem do cantor e de um boi acompanhado do bordão “Gustavo Lima e você”, famoso em seus shows. Com a intenção de desrespeitar o seguidor de JB, podemos afirmar com base nos estudos de Candido *et al.* (2023), que ele nega a liberdade pessoal do seu oponente, que desaprova a *deepfake* satírica, condenando-o a um estereótipo do grupo político-social da extrema-direita.

Com base nos estudos de Bakhtin (2015 [1934-1935]), constatamos mais uma vez a presença explícita de vozes nos enunciados, que possuem uma dimensão axiológico-social que visa excluir aqueles que pensam de maneira diferente. Ao perceber que alguns não aceitam o conteúdo da publicação dos *posts*, o autor da *deepfake* satírica, bem como os outros internautas, mobilizam enunciados que constituem o sentido de violência verbal, como “puta” (comentário 1, já analisado); e os termos “merda” e “bosta” (no comentário 1.2²⁸).

Novamente, cabe destacar em referência às postagens preconceituosas à mulher, que, ao ferir a dignidade de uma mulher com os palavrões “filho da puta” (comentário 1.5²⁹) e “vaca da tua mãe” (comentário 2³⁰), os enunciados podem se configurar, também, como ataques aos vínculos afetivos dos internautas, pois mexem com a figura materna, que representa, para muitos, uma série de sentimentos positivos, como amor incondicional, carinho, cuidado e atenção, além de outras

²⁸ 1.2 **TM** - **CF** que merda de ser humano é você, seu bosta?

²⁹ 1.5 **AM** - **CF** vai você seu grande filho da puta!

³⁰ 2 **GG** Gado é a vaca da tua mãe

evidenciamos o nosso objetivo específico que é examinar como os posicionamentos antagônicos disseminam enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro.

Os sentidos atribuídos ao mundo no cronotopo pandêmico materializam-se na linguagem, na qual observamos uma expansão das enunciações por meio de trocas de insultos. O espaço-tempo relacionado à crise sanitária no Brasil é atravessado por um vírus devastador e pelo embate de pontos de vista entre apoiadores da ciência e defensores de autoridades civis e políticas, que muitas vezes contrariam as medidas sanitárias propostas pela OMS.

Esses enunciados violentos são escolhas linguísticas que refletem o posicionamento dos internautas, buscando desacreditizar a opinião alheia sobre a gravidade da pandemia. Esses comentários possuem uma orientação ideológica, pois são enunciados proferidos no cotidiano, que se desenvolvem e vivem em uma atmosfera axiológica. Então, percebemos como as escolhas linguísticas são operadas em função do tom emotivo-volitivo, imprimindo ao enunciado uma relação valorativa tanto em relação ao objeto do discurso quanto aos outros internautas.

Na análise dessa sequência de comentários da primeira *deepfake* satírica, os internautas defendem seu líder, insultando o outro comentador, demonstrando uma carga emotivo-volitiva com termos que provocam desconforto em Rede. Neles, observamos que a emoção influencia as escolhas dos enunciados, de modo que os seguidores de JB são desqualificados a cada resposta de Sartori. Ele repete o termo “gado” em suas réplicas, além de outros termos que os associam a esse conceito, insinuando limitações cognitivas e uma obediência cega aos comandos de seu líder.

Os posicionamentos antagônicos se intensificam à medida que os comentários vão se expandindo. Por exemplo, os comentários 1³³, 2³⁴, 3³⁵, 4³⁶ e 5³⁷ respondem a Sartori, contestando explicitamente o que é apresentado na *deepfake* satírica. Com isso, identificamos a voz da esfera ideológica da extrema-direita, que reage de maneira agressiva e incivilizada, a ponto de reacentuar enunciados proferidos em

³³ 1 [CF](#) Vão chupar o pau do Lula ladrão!! Pois a puta da mulher dele já não faz mais isso foi para o inferno vagabunda ladra!

³⁴ 2 [GG](#) Gado é a vaca da tua mãe

³⁵ 3 [WS](#) 🤔🤔🤔🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷 boa o Presidente cantando 🎤 para o antigo Brasil de gados kkk O Brasil 🇧🇷 mudou dia 15/3 todos nas Ruas Contra a Corrupção Democrática de Bandidagem Oposicionista 👍

³⁶ 4 [FR](#) que bosta

³⁷ 5 [FT](#) Esse e o nosso presidente, queiram ou não só resta o choro, pra quem não gosta dele. 🤔🤔

outros momentos por membros de sua esfera ideológica com o objetivo de depreciar a interação.

Figura 3: Quadro síntese dos resultados do primeiro momento discursivo

DESCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
ESCOLHAS LINGUÍSTICAS QUE CONSTITUEM O SENTIDO DE VIOLÊNCIA VERBAL – INJÚRIA (INSULTO, ARROGÂNCIA, AGRESSIVIDADE, DESQUALIFICAÇÃO).	1 – 1.1 – 1.2 – 1.5 – 2 – 4.
POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS QUE DISSEMINAM ENUNCIADOS VIOLENTOS NO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO: REFORÇO DE BOLHAS IDEOLÓGICAS E A PERPETUAÇÃO DE DISCURSOS DE ÓDIO.	1 – 1.4 – 1.6 – 1.7 – 2 – 2.1 – 3 – 3.1 – 3.2 – 4.1 – 5 – 5.1.

Fonte: Acervo de dados da pesquisa

Seguimos, então, para o segundo momento discursivo: a defesa da hidroxicloroquina como tratamento conta o COVID-19, que foi uma verdadeira disputa no campo científico e político. No final de março de 2020, JB afirmou que a cloroquina não tem efeitos colaterais³⁸. Incentivados pelo discurso do presidente, seus seguidores fizeram com que a taxa de automedicação aumentasse no país. Isso causou rações adversas, com uma tensão entre as vozes de JB e a OMS, que não tinha nenhum fármaco comprovadamente eficaz contra a doença.

³⁸ Disponível em: <https://ictq.com.br/politica-farmaceutica/1328-cloroquina-nao-tem-efeito-colateral-afirma-bolsonaro>. Acesso em: 01/11/24.

4.2 Segundo momento discursivo: a defesa da hidroxiclороquina como tratamento conta o Covid-19

Figura 4: *Print da deepfake satírica do segundo momento discursivo.*



Fonte: Oliveira, 2024. Baseado no perfil do *Facebook* de Sartori.

(<https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=1119852365030440>)

Contextualização do segundo momento discursivo

No dia 2 de abril de 2020, Bruno Sartori publicou uma *deepfake*³⁹ com a seguinte legenda: “Meldels do céu, o que é que eu tô fazendo da minha vida? UHSUahsuHAS. Vamos todo mundo preso dessa vez, galera. Podem ir separando as rōpa pra levar pra cadeia”. A publicação tem 13 mil reações, 2,7 mil comentários e 442 mil visualizações.

No vídeo, aparece o personagem “Tiririca” com a voz e o rosto de JB, que diz:

- Ei, abestado! No tocante ao tratamento da COVID-19, estamos testando a questão do uso de uma substância: cloroquina o nome dela!

- Cloroquina, cloroquina, cloroquina tem no SUS! Não sei se funciona, mas a gente deduz! Quá!

- Já tem estudo dizendo que é ineficaz, mas estudo é coisa de esquerdistas.

Tá ok? [risos].

³⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=1119852365030440>.

- Vamos continuar testando a Cloroquina, cloroquina, cloroquina tem no SUS! Não sei se funciona, mas a gente deduz!

A fala do personagem na *deepfake* é intercalada com a parodia da canção “Florentina” do palhaço e cantor Tiririca.

Segundo do site *Sanarmed*⁴⁰, na linha de tempo do coronavírus no Brasil, no início de abril de 2020, os dados do Ministério da Saúde apresentaram mais de 6.300 casos de COVID-19, porém, os estados informavam mais de 8.000 mil casos, com mais de mil novos casos a cada 24 horas. No dia da publicação da *deepfake*, 2 de abril de 2020, o Brasil passou a recomendar o uso de máscaras de proteção como barreira de contaminação pelo novo coronavírus. Em 26 de março de 2020, o site da UOL⁴¹ publicou uma matéria intitulada “Bolsonaro mostra remédio feito com hidroxicloroquina em reunião do G20”, na qual se relata que ele deixou à mostra uma caixa de um remédio feito com hidroxicloroquina, substância que ainda está em fase de testes no combate ao coronavírus. Essa atitude de Bolsonaro coincidiu com o discurso de Trump, que, segundo o portal G1⁴², destacou que o “Medicamento citado por Trump como possível tratamento contra a COVID-19 está esgotado em farmácias do DF”. Esse medicamento era feito à base de hidroxicloroquina e cloroquina, e, segundo a Anvisa, são substâncias usadas contra malária e lúpus.

A indicação da hidroxicloroquina como um medicamento eficaz contra a COVID-19, mesmo sem comprovação científica, foi satirizada na *deepfake* de Bruno Sartori e gerou um engajamento surpreendente.

Os cinco primeiros comentários e suas réplicas, neste segundo momento discursivo, continuam a evidenciar como os posicionamentos antagônicos estão presentes na rede social digital - *Facebook*, em constante tensão, para defender um ponto de vista. Verificamos a constituição dialógica do ponto de vista dos internautas, baseando-nos nas ideias de Cunha (2012) e na valoração do mundo a partir das relações sociais, conforme Gomes (2023). Essas são, evidentemente, relações

⁴⁰ Disponível em: <https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/> Acesso em 18/07/24.

⁴¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/26/bolsonaro-mostra-remedio-feito-com-hidroxicloroquina-em-reuniao-do-g20.htm>. Acesso em: 19/07/24.

⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/03/20/medicamento-citado-por-trump-como-possivel-tratamento-contr-a-covid-19-esta-esgotado-em-farmacias-do-df.ghtml>. Acesso em: 19/07/24.

conflituosas que priorizam xingamentos, insultos e difamações, caracterizando um ambiente violento.

Analisaremos esse confronto, nas vozes da extrema-direita, daqueles que são contra JB e dos cientistas. Vamos aos comentários.

1 **TG** Cara, duvidei que vc conseguiria fazer um vídeo melhor que o outro do "lava uma mão lava a outra" mas dessa vez minha garganta tá simplesmente ardendo pq eu não ri, eu gritei aqui! Acho que é a primeira vez na vida que faço isso, minha esposa até assustou aqui! Vc é um fenômeno.

1.1 **VG** - **TG** pode passar o link do "lava uma mão, lava a outra"? Eu perdi esse. Do que se trata?

1.2 **Autor Bruno Sartori** Espero que esteja espalhando a discórdia por aí com estes vídeos. Abraço.

1.3 **MO** Isso é um belo exemplo de falácia "envenenando o poço", levando desserviço e desinformação ao grande público por pessoas que se dizem "amigas da

ciência". https://pt.wikipedia.org/wiki/Envenenando_o_po%C3%A7o.

Argumento: "Bolsonaro é ridículo. Bolsonaro promove o uso da cloroquina.

Logo, não se deve confiar na cloroquina contra o covid-19." Fato:

HIDROXICLOROQUINA CLASSIFICADA COMO 'TERAPIA MAIS EFICAZ' PELOS MÉDICOS PARA CORONAVÍRUS: PESQUISA

GLOBAL <https://m.washingtontimes.com/.../hydroxychloroquine.../>

1.4 **MO** "já tem estudo dizendo que é ineficaz, mas estudo é coisa de esquerdista" quem falou isso??? É muita irresponsabilidade!

1.5 **PGSPG** - **TG** garganta ardendo, muitos gritinhos, mentindo falando que é a 1 vez, vou dar seu diagnóstico, vc é viado até a alma, essa história de esposa, vc tem é uma mulher de tromba, ze ruela. 🤔🤔🤔👉👉👉👉

1.6 **JS** - **TG** aceita ele

2 **MSA** Moço o senhor está prestando um grande desserviço ao povo, conheço o medicamento, já fiz uso dele, na Europa, EUA e Brasil já estão usando, não faça terrorismo com as pessoas que vão precisar tomar, brinque com outra coisa!

2.1 **DS** - **MSA** no meu ver o rapaz aí, ã estar tentando fazer terrorismo a ninguém contra o medicamento, ele somente usou o lado artista dele p descontrair a população usando com isso o pior palhaço que o Brasil já teve até então, ã estou falando de Tiririca e sim do Bozonita.

2.2 **FF** - **MSA** "conheço o medicamento já fiz uso dele"



2.3 **Autor Bruno Sartori** Vai contar mentira pro Papa, sá!

2.4 **MO** Isso é um belo exemplo de falácia "envenenando o poço", levando desserviço e desinformação ao grande público por pessoas que se acham superiores

intelectualmente e dizem "amigas da ciência". https://pt.wikipedia.org/wiki/Envenenando_o_po%C3%A7o . Argumento: "Bolsonaro é ridículo. Bolsonaro promove o uso da cloroquina. Logo, não se deve confiar na cloroquina contra o covid-19." Fato: HIDROXICLOROQUINA CLASSIFICADA COMO 'TERAPIA MAIS EFICAZ' PELOS MÉDICOS PARA CORONAVÍRUS: PESQUISA GLOBAL <https://m.washingtontimes.com/.../hydroxychloroquine.../>

2.5 **ML** Esse povo inventa cada coisa 🤔😏



2.6 **JG** mu.

2.7 **GM** Puta que pariu, onde que viu q nos EUA está usando??? Burra!!!!

2.8 **AS** Parem de se intoxicar com mortadelas, estão variando! 🤔

2.9 **AJS** Médico renomado toma medicação ineficaz então??

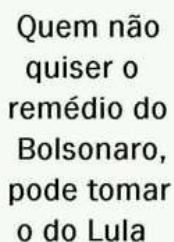
2.10 **JP** - **MSA**



2.11 **JT** Deve ter usado o medicamento pra outra coisa, menos pro corona, a não ser que ele foi infectado por um corona particular.kkkkk

2.12 **MG** - **MSA** Almeida Bom dia. Vc sabe muito bem do que se trata, como se trata e, quando se trata! Sabes muito bem do que estamos falando. Deixe de : mi mi mi e ma ma ma!!!

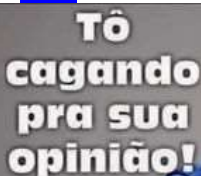
2.13 **JF**



2.15 JF

2.16 RN - MSA kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk ainda acredita nisso?????

3 LFJ



4 **DS** Só lamento por ti alma negra. Aguarde... espere Somos maioria absoluta cara choraaa mesmo a única certeza que esquerda nunca mais voltaram ao poder. Nós gado com orgulho digo a vcs mula... até aceitamos Bolsonaro fora mas quem nós VAMOS DEIXAR entrar são os militares para queimar a borracha na cara de meia dúzia de palhaços com circo falido.

5 SC Agora a PF vem
A PF levando o Bruno



5.1  Autor **Bruno Sartori - FF** hahahahahahaha

Categorizamos o comentário 1⁴³ como provocativo do destronamento de JB porque consegue despertar o sentido do riso bakhtiniano, que vai além do humor, e que constatamos nas categorias propostas por Bakhtin (2010 [1945]). Não é o riso pelo riso, é um riso que é satírico, crítico e que consegue destronar uma autoridade política que foi “coroada” democraticamente no mundo oficial. O comentário de TG cita outra montagem, considerada por nós como *deepfake*, que, com uma canção de um famoso seriado infantil, *Castelo Rá-Tim-Bum*, na qual crianças em uma escola cantam e demonstram o cuidado e higiene ao lavar as mãos, coloca JB cantando, pedindo a mesma coisa, ao passo que o presidente nunca se pronunciou ou incentivou o povo brasileiro a ter cuidado com o coronavírus com ações higiênicas.

O ato de lavar as mãos, na era pandêmica, era um dos cuidados para contenção do vírus, então, o vídeo desperta nos internautas o riso e a ironia, mas também a aversão e o ódio. Afirmamos isso com base nas ideias de Butler (2021), que discute como a linguagem tem a capacidade de nos ferir e as palavras carregam uma história. Quando falamos em história que as palavras carregam, podemos falar em relações dialógicas que os enunciados mantêm, conforme Bakhtin (2015 [1934-1935]) nos apresenta. Assim, com a retomada da paródia na *deepfake*, ironiza-se o comportamento de JB, mostrando como deveria ser a sua postura de líder ao invés de incentivar o uso de um medicamento que não tem um resultado eficaz cientificamente comprovado.

Constatamos que existe um público que consome as *deepfake* satíricas e encontra na carnavalização do chefe da nação brasileira um humor crítico. Dessa maneira, averiguamos o que Muniz (2021) afirma sobre as *deepfake* de sartori serem uma tomada de posição. Identificamos no comentário 1.2⁴⁴, no qual o próprio Sartori se manifesta sarcasticamente sobre os efeitos das suas publicações, que desconstroem as hierarquias oficiais. Ele demonstra ter consciência de que seu trabalho estimula um comportamento de discórdia e a publicação de enunciados violentos no *Facebook*.

Nesta *deepfake* satírica, não há um discurso de ódio explícito, mas é interessante chamar a atenção para essa análise, pois um dos nossos objetivos

⁴³ 1 **TG** Cara, duvidei que vc conseguiria fazer um vídeo melhor que o outro do "lava uma mão lava a outra" mas dessa vez minha garganta tá simplesmente ardendo pq eu não ri, eu gritei aqui! Acho que é a primeira vez na vida que faço isso, minha esposa até assustou aqui! Vc é um fenômeno.

⁴⁴ 1.2 **Autor Bruno Sartori** Espero que esteja espalhando a discórdia por aí com estes vídeos. Abraço.

específicos é investigar, a partir das categorias do riso, coroação e destronamento, como as *deepfake* satíricas estimulam a postagem de enunciados violentos em comentários no *Facebook*. O próprio autor confirma isso, pois “espalhar a discórdia” significa criar ou fomentar conflitos, desacordos ou tensões entre pessoas, grupos ou comunidades. Sartori faz isso de maneira eficaz como um trabalho de um *hater*, que, segundo Rebs e Ernst (2017), é um internauta que ganha visibilidade com discursos de ódio e se baseiam em situações anteriores a uma polêmica, como a falta de interesse nas medidas higiênicas contra o vírus, e dando visibilidade a uma ideologia que é contra JB e seu negacionismo à ciência.

O comentário 1.2 espera despertar um comportamento que incita o ódio, polarizando ainda mais o contexto sociopolítico brasileiro. Observamos que as divisões ou rivalidades entre apoiadores de Lula e JB disseminam informações falsas ou distorcidas, uma manipulação da verdade factual, como demonstram Charaudeau (2022) e Fontana (2021). As emoções alimentam preconceitos, gerando desrespeito e ofensas que criam um ambiente hostil e tóxico. Isso configura uma degradação do diálogo, dando espaço para o conflito violento de vozes. Com base em Amossy e Burger (2011), podemos afirmar que essa estratégia violenta intensifica a polêmica, conferindo-lhe mais visibilidade. A noção de polêmica, segundo os estudos de Bakhtin (2015 [1963]), Amossy (2017) e Amossy e Burger (2011), nos leva a examinar como os posicionamentos antagônicos dos internautas do *Facebook* disseminam enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro, como vemos nesses comentários.

O comentário 1.3⁴⁵ responde a um dos nossos objetivos de pesquisa, que consiste em examinar como os posicionamentos antagônicos dos internautas do *Facebook* disseminam enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro, uma vez que expõe a polêmica sobre a eficácia da cloroquina no tratamento da COVID-19. Essa controvérsia prevaleceu durante o governo de JB, que incentivou o uso do medicamento, enquanto cientistas afirmavam que não havia remédio comprovado contra o vírus.

⁴⁵ **1.3 MO** Isso é um belo exemplo de falácia "envenenando o poço", levando desserviço e desinformação ao grande público por pessoas que se dizem "amigas da ciência". https://pt.wikipedia.org/wiki/Envenenando_o_po%C3%A7o. Argumento: "Bolsonaro é ridículo. Bolsonaro promove o uso da cloroquina. Logo, não se deve confiar na cloroquina contra o covid-19." Fato: HIDROXICLOROQUINA CLASSIFICADA COMO 'TERAPIA MAIS EFICAZ' PELOS MÉDICOS PARA CORONAVÍRUS: PESQUISA GLOBAL <https://m.washingtontimes.com/.../hydroxychloroquine.../>.

O comentário de MO⁴⁶ apresenta o ponto de vista a favor do Governo Federal, respondendo à *deepfake* que supostamente trazia um discurso enganoso. MO menciona um exemplo de “falácia”, com um *link* para uma página da *Wikipedia*⁴⁷ que define “*Envenenando o poço*” ou “*Envenenamento do poço*” como um dispositivo retórico que apresenta informações adversas apresentadas a uma audiência, com a intenção de desqualificar um oponente, conforme teorizado por Amossy (2017) e Rocha (2023). Assim, MO aponta que Sartori apresenta falácias na *deepfake* satírica. Além disso, no mesmo comentário, há um *link* para uma matéria que relata um médico confirmando a eficácia do medicamento.

MO traz em seu comentário uma polêmica aberta, conforme anunciada por Bakhtin (2015 [1963]), na qual ocorre explicitamente a defesa do posicionamento do seu líder: o comentador defende abertamente o uso da hidroxicloroquina e Sartori está equivocado.

No comentário 1.4⁴⁸, encontramos a retomada da palavra “esquerdista”, considerada um insulto segundo os estudos de Silva (2018), que afirma que o discurso de ódio está ligado à política. Com base na definição de Seara (2021), essa expressão é um insulto porque assume a construção de um *ethos* de arrogância, referindo-se aos eleitores do PT.

O comentário 1.4 critica um estereótipo que associa estudo a quem é de esquerda, o que, com base em Cândido *et al.* (2023), afirmamos ser um comportamento sinônimo de incivilidade. Considerando que a expressão “já tem estudo dizendo que é ineficaz, mas estudo é coisa de esquerdista” está entre aspas (comentário 1.4), sabemos que se trata do discurso de outra pessoa, especificamente de Bruno Sartori na *deepfake*. A afirmação em questão transcende uma mera afronta à MO, uma vez que a assertiva de que ‘só a esquerda estuda’ equivale a uma ordem imperativa, ‘vá estudar’. Parece absurdo que alguém discorde da eficácia da cloroquina e, mais ainda, afirme possuir estudos que comprovem essa eficácia. Por

⁴⁶ 1.3 MO Isso é um belo exemplo de falácia “envenenando o poço”, levando desserviço e desinformação ao grande público por pessoas que se dizem “amigas da ciência”. https://pt.wikipedia.org/wiki/Envenenando_o_po%C3%A7o. Argumento: “Bolsonaro é ridículo. Bolsonaro promove o uso da cloroquina. Logo, não se deve confiar na cloroquina contra o covid-19.” Fato: HIDROXICLOROQUINA CLASSIFICADA COMO ‘TERAPIA MAIS EFICAZ’ PELOS MÉDICOS PARA CORONAVÍRUS: PESQUISA GLOBAL <https://m.washingtontimes.com/.../hydroxychloroquine.../>.

⁴⁷ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Envenenando_o_po%C3%A7o. Acesso em: 12/10/24.

⁴⁸ 1.4 MO “já tem estudo dizendo que é ineficaz, mas estudo é coisa de esquerdista” quem falou isso??? É muita irresponsabilidade!

isso, a internauta classifica como irresponsável a pessoa que proferiu tal afirmação. Esse é um dos argumentos mais desonestos utilizados pelos radicais contra os opositores, caracterizando-se como uma descredibilização da opinião alheia, que carece de base teórica para sustentar uma afirmação.

O comentário 1.5⁴⁹ apresenta vários insultos, julgamentos e preconceitos, conforme verificado nas ideias de Seara (2021) sobre as funções da injúria, que incluem confrontar, refutar ou difamar a imagem do outro. O comentarista usa um termo pejorativo, "viado", uma expressão homofóbica, que configura um crime equiparado ao racismo. Além disso, o comentário 1.5 demonstra discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero ao usar a expressão "mulher de tromba", referindo-se a uma mulher trans, revelando tanto homofobia quanto transfobia.

Os *emojis* de riso utilizados sugerem um tom de deboche e até mesmo de ameaça, reforçados pelos *emojis* de sinais de arma, símbolo do bolsonarismo. Segundo Bakhtin (2010 [1945]), o riso, categoria da carnavalização, é subversivo. E isso não é apenas humor, mas uma forma de humilhar o outro, enfatizando a superioridade em relação à sexualidade. Outra expressão insultuosa é "zé ruela", usada de forma pejorativa para descrever alguém considerado ridículo, cujo sentido é reforçado pelo tom e contexto de agressão verbal.

No comentário 2.1⁵⁰, JB é desqualificado ao ser chamado de "palhaço", mas, diferentemente da *deepfake*, a palavra assume um tom pejorativo. Com base nas categorias bakhtinianas da carnavalização (Bakhtin, 2021 [1945]), observamos que DS destrona o presidente da república ao tratar sua indicação do uso da cloroquina contra a COVID-19 como uma brincadeira ou piada sem graça, reforçando essa crítica. Além de concordar com a sátira de Sartori, deixa claro que os brasileiros não podem levar o presidente a sério, pois ele é considerado o "pior" na história do Brasil, configurando uma desqualificação que fere a honra de JB. Existe carnavalização com o riso e o destronamento, evidenciados na palavra "Bozonita", uma mistura de "Bozo" (referindo-se ao palhaço) e a cantora Anitta, por causa de sua performance. O insulto

⁴⁹ 1.5 [PGSPG](#) - [TG](#) garganta ardendo, muitos gritinhos , mentindo falando que é a 1 vez, vou dar seu diagnóstico, vc é viado até a alma, essa história de esposa, vc tem é uma mulher de tromba, ze ruela. 🤔🤔🤔👉👉👉👉

⁵⁰ 2.1 [DS](#) - [MSA](#) no meu ver o rapaz ai, ã estar tentando fazer terrorismo a ninguém contra o medicamento, ele somente usou o lado artista dele p desconstrair a população usando com isso o pior palhaço que o Brasil já teve até então, ã estou falando de Tiririca e sim do Bozonita.

“palhaço” configura-se como crítica às ações atrapalhadas e equivocadas do presidente JB, cuja publicação é impulsionada pela *deepfake* satírica.

Nos comentários analisados, observamos que a violência verbal prevalece por meio do riso e da polêmica, como constatamos nos comentários 2.2⁵¹. Este critica um enunciado entre aspas, insinuando que alguém conhece o medicamento porque o usou, sem a referência a alguém com autoridade para tal afirmação. É uma pós-verdade, conforme postula Piovezani, Curcino, Sargentini (2021) que é um processo subjetivo, uma verdade político-ideológica. Na mesma imagem, o coelho Pernalonga, personagem de desenho animado, é usado como referência à loucura, já que o nome original “Bugs Bunny”, significa “Coelhinho Doido”. Dessa forma, FF descredibiliza a opinião de MSA com a referência ao personagem, verificando-se uma desqualificação, conforme Rocha (2023) quando discute a ridicularização de um ponto de vista.

O comentário 2.5⁵² configura-se como violento, na medida em que perpetua a sátira em relação à opinião sobre o uso da cloroquina, equiparando-a a uma falsidade. Com *emojis* que representam tranquilidade e uma xícara com café, ML traz uma imagem da “Grávida de Taubaté”, que se tornou nacionalmente conhecida após inventar que estava grávida de quadrigêmeas em janeiro de 2012. O caso da moradora de Taubaté foi amplamente noticiado e teve grande repercussão, por ser considerado raro.

A invenção sobre a eficácia do medicamento contra o COVID-19 é comparada a essa grande farsa representada no comentário. Trata-se de uma difamação que, segundo Seara (2021), constitui arrogância e agressividade. Podemos relacionar o caso da “Grávida de Taubaté” e JB com a categoria bakhtiniana de destronamento,

⁵¹ 2.2 **FE - MSA** “conheço o medicamento já fiz uso dele”



⁵² 2.5 **ML** Esse povo inventa cada coisa ☕😏



conforme Bakhtin (2010 [1945]), o que equivale a dizer que o presidente está propagando invenções pessoais sobre a eficácia da hidroxicloroquina. Isso se configura uma acusação grave, considerada uma ofensa à reputação de alguém.

O comentário 2.7⁵³ apresenta o insulto “gente burra”, que se enquadra como uma avaliação negativa do outro, conforme discute Seara (2021). Essa expressão implica uma nomenclatura pejorativa, sugerindo que o outro é desprovido de inteligência ou simplesmente um insulto com o objetivo de ofender ou humilhar a pessoa. Esse comportamento é considerado ofensivo e prejudicial à comunicação saudável. Nesse mesmo sentido, o comentário 2.8⁵⁴ contém o insulto “motadelas”, gíria que designa simpatizantes e defensores do PT. Essa expressão, ao que tudo indica, se refere aos militantes que recebem lanches, como pão com mortadela, para participar de comícios, eventos, manifestações ou greves. Parte das críticas direcionadas a esses militantes de esquerda sugere que eles recebem dinheiro e pequenas refeições para participar desses eventos⁵⁵. Conforme Candido *et al.* (2023), isso configura um desrespeito contra a vontade pessoal de se posicionar a favor de uma ideologia, no caso, de partidos de esquerda.

Os internautas têm liberdade para expressar seu posicionamento, moldando comentários que exponham sua opinião sobre um fato. Isso fica evidente nas figuras carnavalizadas nos comentários em forma de *memes*. O comentário 2.10⁵⁶ apresenta uma figura caricata de JB, com a afirmação irônica “cocô protege contra o coronavírus”. Trata-se de mais um insulto que propõe algo absurdo, conforme destacam Piovezani, Curcino e Sargentini (2021), uma deturpação de fatos para justificar uma verdade ideológica: a cloroquina é tão eficaz contra o COVID-19 quanto o “cocô”, expressão informal para se referir a fezes.

A carnavalização bakhtiniana está presente na resposta de JP a MSA com a imagem do presidente, um *emoji* de cocô e eleitores de JB, inferindo-se isso pela tiara

⁵³ 2.8 AS Parem de se intoxicar com mortadelas, estão variando! 🤪

⁵⁴ 2.7 GM Puta que pariu, onde que viu q nos EUA está usando??? Burra!!!!

⁵⁵ Disponível em: <https://www.anselme.com.br/2016/10/07/o-que-e-ser-coxinha-e-o-que-e-ser-mortadela-2/>. Acesso em: 27/10/24.

⁵⁶ 2.10 JP - MSA



na cabeça de uma personagem e à camisa verde e amarela que o outro personagem veste. JP, não apenas, apresenta uma visão do mundo oficial, onde os eleitores de JB seguem os comandos de seu líder sem questionar, justificando a nomeação pejorativa "gado", mas também destrona o presidente, sugerindo que ele fala sem refletir sobre as consequências, e seus adeptos o seguem cegamente.

O comentário 5⁵⁷ provoca o riso dos internautas, concordando com o conteúdo da publicação e apresentando a personagem “Dora, a aventureira” sendo levada pela polícia Federal. Bruno Sartori é comparado a Dora, uma personagem fictícia conhecida por suas aventuras educativas. Nos comentários analisados, verificamos como um discurso que carnaliza a figura do presidente, destronando-o e parodiando seus discursos oficiais, atribui mais respeito ao COVID-19 do que às vidas do povo brasileiro.

É interessante a polêmica contida no comentário 2.13⁵⁸, que apresenta o “remédio de Lula”, acompanhado da imagem de um litro de cachaça. Lula é, frequentemente, associado à cachaça, sendo rotulado de “cachaceiro”, o que, de certa forma, expressa um preconceito em relação aos pobres ou uma referência ao início de sua carreira política, quando as campanhas eram regadas a cachaça⁵⁹.

A expressão cachaceiro, nesse contexto enunciativo, implica a depreciação de Lula, enunciando uma ideia de inferioridade e desqualificação. O “cachaceiro” é considerado incapaz, assim se ocupa o cargo de presidente da República Federativa do Brasil, seria incapaz de governar e/ou dirigir um país. Essa injúria promove exclusão e marginalização do petista e contribui para disseminar conflitos. A ênfase

⁵⁷ **5 SC** Agora a PF vem. A PF levando o Bruno. 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔



⁵⁸ **2.13 JF**



⁵⁹ Disponível em: <https://www.paginaunica.com.br/politica/lula-recorda-de-82-quando-a-campanha-era-regada-a-cachaca/7519>. Acesso em 27/10/24.

nas preferências de Lula evidencia uma ofensa que pode ser sentida por quem compartilha da mesma preferência. Essa tensão mostra que o problema não reside no consumo de álcool, mas sim na pessoa que o consome, tornando-se alvo de injúrias dos internautas.

No comentário 2.14⁶⁰, encontramos “tapa na cara”, que simboliza uma ofensa grave, uma afronta pessoal que fere a dignidade ou o orgulho de alguém, conforme discutido por Seara (2021) e Candido *et al.* (2023). JF concorda com MSA, adotando uma postura depreciativa e desdenhosa em relação àqueles que concordam com o conteúdo da *deepfake* satírica.

No comentário 4⁶¹, observamos insultos como “alma negra”, uma expressão racista que associa a negritude a algo negativo; “chora” e “mula”, usados para chamar alguém de estúpido, ignorante ou desprovido de compreensão. Esses xingamentos são um conjunto de enunciados axiologicamente negativos, conforme as colocações de Cunha (2013), ou seja, avaliações negativas destinadas a difamar a imagem da esquerda e seus adeptos, deixando apenas espaço para lamentação pela oposição.

As expressões ou escolhas linguísticas imprimem violência, difamando outros internautas. Trata-se de uma provocação que desconsidera valores universais de respeito nas práticas conversacionais em todas as esferas sociais. Os enunciados são produzidos dentro de um conjunto ideológico que exalta o xingamento e não pratica o diálogo respeitoso com as diferenças. Dessa forma, o tom emotivo-volitivo que os comentadores imprimem aos enunciados são materializações de comportamentos incivilizados, comprometendo a harmonia social. Junto a esse espetáculo de injúrias, notamos como as polêmicas e a pós-verdade, conforme afirma Fontana (2021), são moldadas a partir das emoções e pautadas na polarização política.

Como discutimos na teoria desta tese, valoramos o mundo considerando nossas vivências, diálogos com nossa esfera ideológica e em um clima de já-ditos, sempre respondendo de forma singular ao outro nas diversas situações comunicativas. Essa responsividade exige de todos os falantes uma responsabilidade ética, que não observamos nas afirmações dos internautas ao retomarem o discurso

⁶⁰ **2.14 JF - MSA** parabéns pela coerência, foi cada tapa na cara dos esquerdistas. que deve tá doendo até agora....uma raça que não deixa de passar vergonha.

⁶¹ **4 DS** Só lamento por ti alma negra. Aguarde... espere Somos maioria absoluta cara choraaa mesmo a única certeza que esquerda nunca mais voltaram ao poder. Nós gado com orgulho digo a vcs mula... até aceitamos Bolsonaro fora mas quem nós VAMOS DEIXAR entrar são os militares para queimar a borracha na cara de meia dúzia de palhaços com circo falido.

de JB sobre a eficácia da cloroquina no tratamento contra o vírus, sem aval da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Nos comentários analisados neste segundo momento discursivo, observamos que a carnavalização bakhtiniana presente nas *deepfake* satíricas estimula a publicação de comentários violentos, tanto nas reacentuações de enunciados antagônicos quanto na tensão que se intensifica e envolve o partidarismo político. Além disso, o fenômeno da carnavalização presente nos comentários se direciona contra a voz da ciência, desviando a atenção das discussões sobre os riscos associados à automedicação com cloroquina para combater a COVID-19.

Diante disso, percebemos que os posicionamentos violentos e injuriosos prevalecem e provocam respostas semelhantes de seus opositores. À medida que a nossa investigação avança, averiguamos que a incivilidade valoriza as ações do período da pandemia e, conseqüentemente, o contexto sociopolítico daquele período.

Figura 5: Quadro síntese dos resultados do segundo momento discursivo

DESCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS QUE CONSTITUEM O SENTIDO DE VIOLÊNCIA VERBAL – INJÚRIA (INSULTO, ARROGÂNCIA, AGRESSIVIDADE, DESQUALIFICAÇÃO).	1.5 – 2.7 – 4 – 4.1 -
POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS QUE DISSEMINAM ENUNCIADOS VIOLENTOS NO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO: REFORÇO DE BOLHAS IDEOLÓGICAS E A PERPETUAÇÃO DE DISCURSOS DE ÓDIO.	1 – 1.1 – 1.2 – 1.3 – 1.4 – 2 – 2.1 – 2.2 – 2.4 – 2.5 – 2.6 – 2.8 – 2.10 – 2.13 – 2.14 – 3 – 4 -

Fonte: Acervo de dados da pesquisa

No terceiro momento discursivo do cronotopo pandêmico, as discussões giram em torno da postura de JB diante do mundo. Ao discursar no púlpito da ONU, as atenções de diversos líderes mundiais se voltam para o Brasil. Devido à pandemia do novo coronavírus, a edição de 2020 foi realizada virtualmente, e JB destacou a questão do meio ambiente. Além disso, também abordou as ações de combate à

COVID-19, enumerando as medidas econômicas adotadas pelo governo pela enfrentar os efeitos da pandemia⁶².

⁶² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-09/veja-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-75a-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 01/11/24.

4.3 Terceiro momento discursivo: a repercussão do discurso de Jair Bolsonaro na ONU em 22 setembro de 2020.

Figura 6: *Print da deepfake satírica do terceiro momento discursivo.*



Fonte: Oliveira, 2024. Baseado no perfil do *Facebook* de Sartori.

(<https://www.facebook.com/brunnosarttori/videos/2449509592013530/>)

Contextualização do terceiro momento discursivo

A *deepfake* satírica⁶³ do terceiro momento discursivo foi publicada em 22 de setembro de 2020, quando JB discursou no púlpito da Organização das Nações Unidas (ONU). A publicação traz a seguinte legenda: “E foi assim o discurso na ONU”. Esta publicação teve 10 mil reações, 1 mil comentários e 195 mil visualizações. Transcrevemos⁶⁴ o vídeo para auxiliar nas análises:

[00:00] Apresentador: Ladies and Gentlemen. Please welcome. Presiden of Brazilkistan: Jair Messias Bolsonaro.

[00:13] Bolsonaro: Boa noite! Principalmente aos novaiorquinos e ao presidente Trump, menos pra essa raça de comunistas que querem o nióbio de nossas florestas

⁶³ Disponível em: <https://www.facebook.com/brunnosarttori/videos/2449509592013530/>. Acesso em: 16/07/24.

⁶⁴ Não seguimos nenhuma norma oficial para transcrição de vídeos.

no tocante da Amazônia. O brazilkistão não está preocupado apenas, com o meio ambiente, estamos preocupados com o ambiente inteiro. [gargalhadas]

Essa foi boa, gostaram? Estamos trabalhando para um país melhor. Por exemplo, meus apoiadores precisam de paz, então não vai haver um centímetro de território demarcado para os indígenas. Índio gosta é de celular com boa câmera frontal. Conclamo a todos os líderes mundiais que não apenas nos cobrem, mas também nos ajudem na preservação da natureza, incentivando os seus povos a fazerem cocô *day yes* e *day other*. [gargalhadas]

Na questão da economia, eu não entendo nada, mas isso não impediu de ter o patrimônio que eu tenho hoje. Eu sonego tudo que for possível. Mas vamos acabar com pobre no brazilkistão, que aliás tem uma única utilidade: votar! É título de eleitor na mão e diploma de burro no bolso. Acabamos com a ideologia de gênero nas escolas para proteger a inocência das crianças, mesmo que elas estejam morrendo com bala perdida. Se vai morrer alguns inocentes tá tudo bem, Morreu! Quer que eu faça o quê? Meu nome é “messias”, mas eu não tenho como fazer milagres. Ou as minorias se adequam ou simplesmente desaparecem. Quer um exemplo: ninguém gosta de gay, apenas tolera. Se houver dois homens na rua se beijando, eu vou bater, sim! Eu tenho imunidade pra falar que sou homofóbico, sim! Com muito orgulho. Aos que sentem pena do brazilkistão, eu não estupraria porque não merece. Meu deus acima de tudo, Trump acima de todos Irruuuu... [grito]

No mesmo dia da publicação da *deepfake*, Bolsonaro fez o discurso de abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo o G1⁶⁵, o presidente afirmou que o Brasil é “vítima” de uma campanha “brutal” de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal. Foi nesse contexto que a *deepfake* satírica do nosso terceiro momento discursivo foi publicada.

Os comentários a seguir reforçam a intrínseca relação entre ficção e realidade, pois, mesmo sendo uma montagem com IA do rosto do presidente, no personagem de Leslie Nielsen, é impossível não rir da *deepfake*. Nisso, identificamos a retomada

⁶⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/22/veja-a-integra-do-discurso-de-jair-bolsonaro-na-abertura-da-75a-assembleia-geral-da-onu.ghtml>. Acesso em 20/07/24.

dos discursos de vários momentos do governo. Não é objetivo de pesquisa analisar o discurso da *deepfake* satírica, mas observamos que a memória discursiva dos internautas é acessada a partir dos enunciados da publicação. Isso reacenta polêmicas envolvendo alguns posicionamentos de JB e, conseqüentemente, desperta a reação com enunciados violentos por parte deles. É importante observar que não se trata de um comportamento do presidente, apenas, em território brasileiro, mas sim em nível mundial, discursando para líderes em uma das mais importantes assembleias.

3 **PS** Lindo foi a Dilma Rousseff que falou em estocar vento 🤔🤔🤔🤔🤔🤔 e tecnologia que ainda não foi inventada.

OBS.: O comentário 3 está no corpus de análise, porque o comentário 11 é uma resposta a ele.

11 **VM** - **PS** Sua opinião se mostrou insignificante o suficiente para não merecer qualquer resposta.

12 **JL** olha o VM, vulgo branco de terninho falando merda, normal né kkkk

12.1 **VM** - **JL** olha o Minion... Defendendo um político que tá cagando pra ele.

13 **FCS** Faltou falar que somos cristãos e conservadores e aqui tradição casar mais de três vezes.

13.1 **CW** - **FCS** Dizem que o apelido do Bolsonaro na Casa Branca é Monica Lewinsky. 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔

14 **AL** Pior que é tudo verdade. Ele disse tudo isso em outras ocasiões.

15 **VB** Obrigada, pelo engajamento na luta em favor da Democracia. Não resta a menor dúvida de que com certeza essa é a vontade dele. De um dia poder fazer esse tipo de discurso na ONU. Falta lhe colhões.

O posicionamento na postagem de PS, de maneira irônica, desmerece a ex-presidente petista – Dilma Rousseff – ao expor suas gafes, insinuando que não há nada de anormal nos discursos de JB em comparação aos discursos de Dilma. Trata-se de uma forma de violência que, segundo Rocha (2023), desqualifica o outro na situação comunicativa. Além disso, é uma injúria, pois, conforme afirma Seara (2021) o discurso violento tem a função de refutar e difamar a imagem do outro, nesse caso, de Dilma.

O sensacionalismo é uma marca da violência verbal, como observamos no comentário 3, onde o internauta critica a ex-presidente. No entanto, é interessante notar que a fala da presidenta se referiu a uma possibilidade real de “estocar vento”.

De acordo com uma matéria⁶⁶ publicada pelo site da UOL em março de 2024, empresas estão desenvolvendo tecnologias para possibilitar o armazenamento de energia, tornando realidade o que antes parecia impossível.

No comentário 3⁶⁷, observamos categorias da carnavalização bakhtiniana, pois uma mulher que ocupou o cargo de presidente no mundo oficial, exercendo uma função social elevada na hierarquia, é destronada por meio de insultos, difamação e zombaria. Os *emojis* de riso demonstram deboche em relação aos discursos de Dilma e, com isso, os comentários carnavalizados são acompanhados de ódio.

No comentário de PS, investigamos as categorias do riso e destronamento, que estimulam a postagem de comentários violentos e, além de conter essas manifestações das noções da carnavalização em seus enunciados, a desavença se dá pelo conteúdo da *deepfake* satírica. Também averiguamos, nesse comentário, como os enunciados constituem o sentido de violência verbal e identificamos as vozes mobilizadas no comentário, claramente favoráveis a JB. Essa disseminação contribui para a violência no contexto sociopolítico brasileiro.

Nesses comentários, o comportamento ofensivo continua explicitando posicionamentos político-partidários. O comentário 11⁶⁸ mostra de maneira incisiva que a opinião de PS não tem importância ou valor. Trata-se de um comportamento desrespeitoso que, segundo Candido *et al.* (2023), além de ser incivilizado, nega uma liberdade pessoal. Ele deixa claro que PS não influencia na discussão, pois sua opinião é ignorada. Embora todas as opiniões tenham valor e devam ser respeitadas, mesmo que sejam consideradas insignificantes por alguns, o respeito ao direito de expressão e à diversidade de opiniões é fundamental em uma sociedade democrática. Além disso, como observado no comentário 11, há uma desqualificação, conforme Rocha (2023) discute, que consiste na eliminação simbólica com uma ridicularização do outro.

O comentário 12⁶⁹ usa a expressão “falando merda”, que possui múltiplos significados. Podemos inferir que o internauta está sugerindo que VM está dizendo algo ilógico, mentindo, ou expressando uma opinião sem valor, similar à sua resposta

⁶⁶ Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/polemica-de-dilma-se-torna-real-e-empresas-buscam-maneiras-de-estocar-vento/>. Acesso em: 13/10/24.

⁶⁷ **3 PS** Lindo foi a Dilma Rousseff que falou em estocar vento 🤔🤔🤔🤔🤔🤔 e tecnologia que ainda não foi inventada.

⁶⁸ **11 VM - PS** Sua opinião se mostrou insignificante o suficiente para não merecer qualquer resposta.

⁶⁹ **12 JL** olha o VM, vulgo branco de terninho falando merda, normal ne kkkk

a PS. Normalmente, isso é considerado um desrespeito ou ofensa, dependendo do conteúdo do discurso. Nesse caso, como ele desmereceu o outro, está sendo desrespeitado com um insulto.

É importante lembrar que essa expressão é considerada ofensiva e é usada pelos internautas sem reservas. O tom emotivo-volitivo confere uma relação valorativa ao enunciado, destacando que a menção de VM como “branco” implica privilégios sociais devido à sua raça. Como homem, VM tem acesso a melhores oportunidades educacionais e profissionais, além de ocupar posições de destaque. Ao rotular VM como “vulgo branco de terninho”, surge uma situação polêmica, conforme apontam Rebs e Ernst (2017) sobre a visibilidade de uma ideologia. Esse diálogo busca benefícios históricos enraizados na sociedade brasileira.

O comentário 12.1⁷⁰ apresenta a expressão pejorativa “minion”, retomada do filme “Meu Malvado Favorito” (2010), uma animação estadunidense que originou uma sequência de 5 filmes. Nessa produção cinematográfica, os *Minions* são criaturas amarelas e divertidas que possuem o propósito de dedicar sua existência a servir ao vilão mais perverso do momento. Literalmente, “minion” significa “lacaio”, “trabalhador subordinado”, “puxa saco”. Ao nomear os seguidores de JB como “minions”, os adeptos da esquerda, em tom irônico, os consideram intransigentes e portadores das mesmas características dos *Minions* do filme. Em um artigo⁷¹ do site Extra, de abril de 2016, o jornalista Felipe Pena comparou os fãs de Bolsonaro aos *Minions*, afirmando que “seguem o líder, a quem chamam de mito, e dão vazão aos recalques narcísicos atacando as diferenças de grupos que elegem como rivais”.

À primeira vista, esse insulto pode provocar um sorriso, mas, analisado sob a ótica da carnavalização bakhtiniana, revela um significado mais profundo: um seguidor “boboca” e acrítico, aliado à semântica da palavra “gado”, analisada anteriormente. De acordo com que discutimos em Seara (2021), o enunciador do comentário refuta essa ideia, exibindo um *ethos* de arrogância ao se considerar superior a JL em termos de ideologia política. Observamos claramente as vozes sociais contrárias a JB, que utilizam esse xingamento para criticar a suposta falta de preocupação do líder político com a população afetada pelo COVID-19.

⁷⁰ 12.1 **VM** - **JL** olha o Minion... Defendendo um político que tá cagando pra ele.

⁷¹ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/contra-a-corrente/bolsominions-quem-sao-do-que-se-alimentam-19177930.html>. Acesso em: 02/11/24.

O comentário 13⁷² apresenta uma polêmica velada, uma informação subentendida, conforme Bakhtin (2015 [1963]), pois contém uma afirmação implícita: JB casou-se 3 vezes, o que é incompatível com a sua autodeclarada identidade cristã e conservadora. De maneira irônica, FCS expõe esse fato da vida do presidente que não foi mencionado na *deepfake*, e não pode ser refutada abertamente. Nesse contexto de ataques injuriosos, rotular alguém de "cristão conservador" implica em uma visão conservadora sobre questões sociais, como descriminalização de algumas drogas, casamento homoafetivo e aborto, além de comportamento religioso intolerante a outras denominações. Segundo Rebs e Ernst (2017), essa postura configura um excesso que provoca violência verbal e visibiliza sua ideologia.

No caso de FCS, o comentário contraria o lema conservador "Deus, Pátria e Família", evidenciando um excesso de idealismo social. Com base nas ideias de Moraes (2019), observamos uma contradição na busca de valores universais, enquanto se ignora a pluralidade da sociedade brasileira. Nas interações conflituosas, observamos que a violência verbal, é uma estratégia para polêmica, conforme afirmam Amossy e Burger (2011). Esses comentários atacam os posicionamentos contrários de forma injuriosa, utilizando palavrões e ofensas, sem respeito, para justificar a sua compreensão do assunto, culminando em uma polêmica. Cabe destacar que a *deepfake* satírica, deste momento discursivo, compila os discursos de JB durante seu governo, porém os enunciados violentos defendem uma ideologia político-partidária, restringindo o debate a Lula e JB.

No comentário 13.1⁷³, aparece o nome de Monica Lewinsky⁷⁴, protagonista do escândalo envolvendo Bill Clinton, quando era estagiária na Casa Branca, nos EUA. O escândalo, de natureza político-sexual, emergiu de uma suposta relação sexual entre o presidente Bill Clinton e a estagiária Monica Lewinsky, então com 22 anos, na década de 1990. Essa situação configurou-se como caso extraconjugal, culminando na destituição do Presidente Clinton em 1998. Nesse contexto, Lewinsky alegou encontros sexuais com Bill Clinton entre novembro de 1995 e março de 1997.

Com base nas ideias de Seara (2021), afirmamos tratar-se de um insulto a JB, comparando-o com a figura de Lewinsky, indicando uma suposta relação político-

⁷² 13 FCS Faltou falar que somos cristãos e conservadores e aqui tradição casar mais de três vezes.

⁷³ 13.1 CW - FCS Dizem que o apelido do Bolsonaro na Casa Branca é Monica Lewinsky. 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌

⁷⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft12099809.htm>. Acesso em: 01/11/24.

sexual entre ele e o presidente dos Estados Unidos, Trump. Isso difama a imagem do presidente do Brasil. Essa comparação também exemplifica a noção de destronamento (Bakhtin, 2010 [1945]), colocando JB em posição inferior ao internauta, pela função que ocupava, reforçada pelos *emojis* de riso que transmitem deboche. Isso é reafirmado com os *emojis* de laranja que significam que uma pessoa é usada como “fachada” para atender aos requisitos de determinado partido. Baseados nas ideias de Candido *et al.* (2023), afirmamos que esse comportamento é incivilizado e desrespeita uma figura oficial, constituindo uma afronta à honra de JB.

Os comentários 14⁷⁵ e 15⁷⁶ concordam explicitamente com Sartori e VB é violento contra JB e seus apoiadores, trazendo uma polêmica. O presidente quer dizer tudo o que foi dito na *deepfake* satírica no mundo oficial, porém, “falta-lhe culhões”, gíria que pode significar que nessa pessoa falta coragem, ousadia ou firmeza nos discursos, ou apenas questionar a masculinidade do presidente, comparada à coragem que poderia ser uma característica masculina.

Com comentário 15, VB não apenas critica a liderança, mas também ofende, estabelecendo uma relação dialógica com discursos do presidente JB, que frequentemente exalta sua masculinidade, característica típica de alguém com masculinidade frágil⁷⁷. JB muitas vezes foi aclamado por seus seguidores como “imbrochável”, adjetivo que ele próprio se atribuiu. Esses discursos hipersexualizados são, segundo Rocha (2023), um estímulo à adoração de nítido caráter paranoico. Além disso, quando os discursos de ódio evidenciam termos sexuais, contribuem para a adesão cega aos delírios de um líder e a disseminação de insultos sem abertura para o diálogo civilizado.

Analisamos os comentários da *deepfake* satírica deste terceiro momento discursivo e constatamos as noções teóricas que mobilizam a nossa pesquisa. Investigamos noções como riso, coroação e destronamento, bem como o estímulo à publicação de enunciados violentos e injuriosos, considerando o tom emotivo-volitivo e sua valoração do mundo. Além disso, identificamos as vozes sociais presentes nos comentários e como elas constroem e constituem o cenário político brasileiro.

⁷⁵ **14 AL** Pior que é tudo verdade. Ele disse tudo isso em outras ocasiões.

⁷⁶ **15 VB** Obrigada, pelo engajamento na luta em favor da Democracia. Não resta a menor dúvida de que com certeza essa é a vontade dele. De um dia poder fazer esse tipo de discurso na ONU. Falta lhe culhões.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>. Acesso em 29/10/24.

Figura 7: Quadro síntese dos resultados do terceiro momento discursivo

DESCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
ESCOLHAS LINGUÍSTICAS QUE CONSTITUEM O SENTIDO DE VIOLÊNCIA VERBAL – INJÚRIA (INSULTO, ARROGÂNCIA, AGRESSIVIDADE, DESQUALIFICAÇÃO).	11 – 12.
POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS QUE DISSEMINAM ENUNCIADOS VIOLENTOS NO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO: REFORÇO DE BOLHAS IDEOLÓGICAS E A PERPETUAÇÃO DE DISCURSOS DE ÓDIO.	12.1 – 13 – 13.1 – 14 – 15.

Fonte: Acervo de dados da pesquisa

No quarto momento discursivo, o contexto é a discussão sobre a eficácia das vacinas contra o COVID-19 e a demora na sua compra. Enquanto o mundo se mobilizava para adquirir essas vacinas, o Governo Federal do Brasil não demonstrou o mesmo entusiasmo, tornando-se assim um alvo para as montagens de Bruno Sartori. Para ilustrar a polêmica envolvendo as vacinas, escolhemos duas *deepfake* satíricas: uma parodiando Zacarias, personagem dos trapalhões, em uma apresentação de auditório, e outra, uma encenação com a representação de Benjamin Netanyahu.

4.4 Quarto momento discursivo: a repercussão da compra das vacinas contra o Covid-19

Para o quarto momento discursivo, selecionamos duas *deepfake* que satirizam a compra das vacinas contra a COVID-19.

PRIMEIRA DEEPPAKE SATÍRICA

Figura 8: *Print* da primeira *deepfake* satírica do quarto momento discursivo.



Fonte: Oliveira, 2024. Baseado no perfil do *Facebook* de Sartori
(<https://www.facebook.com/brunosarttori/videos/519152172390105/>)

Contextualização do quarto momento discursivo – primeira *deepfake* satírica

A *Deepfake* Satírica⁷⁸ foi publicada em 20 de janeiro de 2021, com a seguinte legenda: “Internet brasileira, eu entrego em vossas mãos. Sigam os caras responsáveis pelas geniais imitações, [Rodrigo Caceres Zacarias](#) e Phillippe Berlinck”. A publicação teve 32 mil reações, 5,4 mil comentários e 923 mil visualizações. Transcrevemos a referida *deepfake* para melhor compreensão dos enunciados dos comentários.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/brunosarttori/videos/519152172390105/>. Acesso em 20/07/24.

00:00 [ZACARIAS]: Papai eu quero vacinar.

00:11 [BOLSONARO]: Ôh, minha *fia* *cê* diga com a de quem.

00:14 [ZACARIAS]: eu quero vacinar com a da moderna!

00:15 [BOLSONARO]: Com a moderna *cê* não vacina bem.

00:18 [ZACARIAS]: Por que, papai?

00:19 [BOLSONARO]: A moderna é dos Estados Unidos, sem Trump amigo são inimigos *tumbém!*

00:27 [ZACARIAS]: Papai eu quero vacinar.

00:29 [BOLSONARO]: Ôh, minha *fia* *cê* diga com a de quem.

00:32 [ZACARIAS]: eu quero vacinar com a do Butantan!

00:33 [BOLSONARO]: Com a do Butantan *cê* não vacina bem.

00:34 [ZACARIAS]: Por que, papai?

00:35 [BOLSONARO]: Do Butantan implanta um chip ao *tomá*, pra *vigiá* e muda o DNA *tumbém*.

00:40 [ZACARIAS]: aí, quero não!

00:41 [ZACARIAS]: Papai eu quero vacinar.

00:42 [BOLSONARO]: Ôh, minha *fia* *cê* diga com a de quem.

00:56 [ZACARIAS]: eu quero vacinar com a da Pfizer!

00:57 [BOLSONARO]: Com a da Pfizer *cê* não vacina bem.

00:58 [ZACARIAS]: Por que, papai?

00:59 [BOLSONARO]: Essa Pfizer nem segura ela é. *Cê* pode virar jacaré *tumbém*.

01:05 [ZACARIAS]: Ai, credo. Huehuehue!

01:08 [ZACARIAS]: Papai eu quero vacinar.

01:10 [BOLSONARO]: Ôh, minha *fia* *cê* diga com a de quem.

01:15 [ZACARIAS]: eu quero vacinar com a dos russos!

01:17 [BOLSONARO]: Com a *Sputnik* *cê* não vacina bem.

01:18 [ZACARIAS]: Por que, papai?

01:19 [BOLSONARO]: A *Sputnik* é igual da China comunista, sou consumista e tirei da lista *tumbém*.

01:27 [ZACARIAS]: Papai eu quero vacinar.

01:30 [BOLSONARO]: Ôh, minha *fia* *cê* diga com a de quem.

01:35 [ZACARIAS]: eu quero vacinar com a de *Oxford*!

01:37 [BOLSONARO]: Com a de *Oxford* aí *cê* vacina bem.

01:38 [ZACARIAS]: É, papai?

01:59 [BOLSONARO]: a de *Oxford* vem da Índia e fico honrado, porque o gado é sagrado lá *tumbém*.

01:50 [ZACARIAS]: eu vô vacinar, papai, até que fim. Ai meu Deus que emoção: a vacina chegou!

Segundo o site *sanarmed.com*⁷⁹, na primeira quinzena de janeiro de 2021, o Brasil atingiu o número de 200 mil mortes por COVID-19. Diante desse número de mortes, no dia 08 de janeiro, foi feito um pedido de autorização para uso emergencial da vacina *CoronaVac* à Anvisa. Vale lembrar que já havia vacinas disponíveis desde o segundo semestre de 2020. Um pouco antes da publicação da primeira *deepfake*, do quarto momento discursivo, os testes da *CoronaVac* foram divulgados, mostrando que ela possuía uma eficácia de 50,38%, ficando acima do limite mínimo de 50% requerido pela OMS e pela Anvisa. JB não havia autorizado a aplicação da vacina. Seguimos, então, para análise dos comentários dessa *deepfake*.

A sequência de comentários analisados responde à *deepfake* satírica que gira em torno da polêmica sobre a escolha das vacinas. Sempre que questionado sobre as vacinas, JB destacava os possíveis efeitos colaterais adversos que ela poderia causar. O chefe do Executivo comprometeu a campanha nacional de imunização⁸⁰ com esse tipo de discurso desde o surgimento da vacina, em outubro de 2021, até o final do seu mandato como presidente da república. Ele chegou a fazer afirmações absurdas, como a de que quem tomasse a vacina da Pfizer se transformaria em um jacaré⁸¹. É importante saber que muitas pessoas deixaram de se vacinar, após acreditar nesse discurso infundado e milhares de vidas poderiam ter sido salvas⁸² se JB tivesse adotado uma postura mais responsável de acordo com a OMS. Vejamos a sequência de comentários do 26 ao 30 e suas réplicas.

⁷⁹ Disponível em: <https://sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil/>. Acesso em: 20/07/24.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>. Acesso em: 29/10/24.

⁸¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/12/18/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce- virar-um-jacare-e-problema-de-voce.htm>. Acesso em: 29/10/24.

⁸² Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2021/05/28/vacinas-teriam-salvo-95-mil-vidas-se-governo-bolsonaro-nao-tivesse-ignorado-ofertas-calcula-pesquisador.ghtml>. Acesso em: 29/10/24.

VERMIFOGO... ,Mas agora é tarde e até os apoiadores políticos estão vendo o barco afundar. Sobre a Arca de Noé para esse gado vazar....

29.11 [FN](#) - [MATC](#) reza missa. Doutrinador de burro. Vai para Cuba. Venezuela tá boa..

29.12 [MATC](#) Tão boa q até oxigênio enviam para nós, não é mesmo???

29.13 [LT](#) FG quantas pérolas você já juntou

29.14 [FM](#) - [ELM](#) é pq assistiram o filme "A LENDA" kkk

29.15 [AD](#) - [ELM](#) Não é tão difícil acreditar quando a gente se dá conta que proibiram medição de temperatura na testa...

30 [ES](#) Sempre adorei essa esquete, agora gostei mais!!!

30.1 [ES](#) - [ES](#) eu tb...

Neste último bloco de comentários, analisamos os *posts* nas categorias, conforme propostas, para os momentos discursivos anteriores.

Assim, o comentário 26⁸³, no nosso entendimento, é caracterizado pelo destronamento de JB, insultando-o com a expressão pejorativa “bozo”, que já foi analisada anteriormente. Se os opositores não têm respeito pelo presidente “coroad” democraticamente como representante oficial, suas atitudes são expostas e desacreditadas, devido à demora na compra dos imunizantes para a Covid-19, CE refere-se ao “forró das vacinas”, expressão que pode ter vários significados.

No Nordeste brasileiro, “forró” pode significar não apenas uma dança típica, mas também confusão, desordem ou bagunça. Relacionando esse sentido com as vacinas, compreendemos que o internauta se refere à desorganização na aquisição das vacinas, causando confusão entre seus seguidores e sérios problemas. Quanto à decisão sobre qual imunizante adquirir, provavelmente “forró das vacinas” indica uma decisão mal planejada ou faz referência à música cantada na *deepfake*.

Ao fazer essas afirmações sobre o governo de JB, o comentador desqualifica sua postura, que, segundo Rocha (2023), ridiculariza o oponente em uma situação comunicativa. Além de estabelecer relações com discursos anteriores sobre esse tema, CE destaca uma verdade ideológica, contrapondo-se à verdade factual, que Charaudeau (2022) denomina manipulação, configurando-se em pós-verdade. JB apresentava em suas lives semanais no *Facebook*, laudos, estudos e opiniões de médicos sobre as vacinas, muitas vezes, contrapondo-se aos cientistas. No entanto, sabemos da importância de verificar a veracidade das informações antes de compartilhá-las, configurando *fake news*, especialmente em relação a temas sensíveis como vacinas e saúde pública.

⁸³ 26 [CE](#) Olha o forró da vacina que tá deixando o Bozo louco.

Para Fontana (2021), a falsificação de informações verídicas configura-se como pós-verdade, evidenciada nas mentiras disseminadas em relação à vacina. Em seguida, EL desacredita o ponto de vista do seu oponente, que cresceu em um ambiente com as ideias sobre o impacto que a música da Xuxa era capaz de fazer. Xuxa é uma das personalidades mais influentes e populares da televisão brasileira, atuando como apresentadora, atriz, cantora e empresária, consolidando sua carreira na Rede Globo com os programas "Xou da Xuxa" e "Programa Xuxa". Ela é considerada uma figura da cultura popular brasileira, especialmente entre as gerações que cresceram assistindo aos seus programas infantis e ouvindo suas canções. Segundo teóricos da conspiração, a "Rainha dos baixinhos" teria colocado várias mensagens satânicas em suas canções infantis⁹², gerando polêmicas no final dos anos 80 até início dos anos 2000.

O comentário 29.1⁹³ apresenta outra polêmica: a suposta facada que JB levou durante a campanha presidencial de 2018 em Juiz de Fora, Minas Gerais⁹⁴. O autor do atentado foi identificado como Adélio Bispo, que afirmou ter agido "a mando de Deus". Após o episódio, JB foi levado à Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, foi cirurgiado e após a recuperação, continuou sua campanha e acabou sendo eleito presidente do Brasil. Adélio Bispo de Oliveira foi preso em flagrante e posteriormente condenado a internação por tempo indeterminado, após ser considerado responsável pelo crime. A investigação realizada pela Polícia Federal não encontrou evidências de que Adélio tenha agido a mando de outra pessoa ou grupo⁹⁵. A "facada" em JB é considerada uma mentira por opositores, esse fato conduz os internautas a ataques injuriosos, desacreditando as ações do seu líder político.

Em resposta, o comentário 29.2⁹⁶ retoma a polêmica que envolve Lula no esquema de corrupção já apresentado anteriormente, questionando sua inocência quando confrontado com as acusações a JB. A postura desses internautas nos faz concordar com Rebs e Ernst (2017), que afirmam que comportamentos violentos

⁹² Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/xuxa-e-suas-musicas-ao-contrario-lenda-urbana-mais-famosa-do-brasil.phtml>. Acesso em: 02/11/24.

⁹³ **29.1 MATC - ELM** uma nação q acredita em facada esperar o que???

⁹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 02/11/24.

⁹⁵ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-06/adelio-foi-o-unico-responsavel-por-facada-bolsonaro-conclui-pf#:~:text=Ad%C3%A9lio%20foi%20preso%20em%20flagrante%20e%20confessou%20o,teve%20que%20passar%20por%20outras%20cirurgias%20na%20regi%C3%A3o>. Acesso em: 02/11/24.

⁹⁶ **29.2 FG - MATC** uma nação que tem.gente que acredita que o lula é inocente kkkk... Esperar o que?

optam por dar visibilidade à sua ideologia política, viabilizando assim os discursos de ódio.

O comentário 29.3⁹⁷ apresenta o insulto “bengala da esquerda”, que significa dizer que Lula é um apoio dos partidos de esquerda. Conforme discutimos com Seara (2021), podemos afirmar que MATC difama a imagem do outro com uma certa arrogância, desmerecendo outros líderes políticos que para ele, não têm serventia, já que a “bengala” é apenas uma figura: “Lula”. Nesse insulto, percebemos a noção de destronamento de um político que ocupou a cadeira da presidência. Além disso, outros termos são acrescentados ao discurso de ódio, como “desgraceira”, para descrever o país em uma situação desagradável. Ao enunciar isso, MATC produz uma série de enunciados desrespeitosos que acabam atribuindo a característica de “genocida” ao governo de JB.

A palavra “genocida”, adjetivo atribuído ao presidente pelos opositores durante a pandemia, visa caracterizá-lo como omissos na tomada de ações contra o coronavírus, sugerindo que ele foi responsável pela eliminação das pessoas infectadas. Na ausência de um trabalho articulado entre o Governo Federal, autoridades científicas, governos estaduais e municipais no Brasil, os opositores passaram a qualificar JB de genocida pelo quantitativo de mortes advindas da Covid-19. Essa acusação motivou diversos protestos por parte dele e de seus apoiadores, que buscavam desmentir essa afirmação. Podemos concordar que esse discurso desqualifica o presidente, conforme apontam Rocha (2023) e Silva (2028), pois se trata de um discurso contra uma figura pública.

O comentário 29.3 insulta os governos de JB e de Lula, o que corrobora as reflexões de Rebs *et al.* (2017) sobre perfis que provocam agitação social por meio de discursos violentos, característica também observada nesse comentário de MATC. Podemos considerar isso um excesso, ou o internauta assumindo a função de *hater*, disseminando ódio ao expressar seu ponto de vista.

Nos comentários seguintes, identificamos vozes sociais mobilizadas em enunciados que constituem o sentido de violência verbal em posicionamentos

⁹⁷ **29.3 MATC - FG** consegues defender teu presidente sem a bengala da esquerda???? Ou tens q nivelar por baixo para justificar a desgraceira deste país? Bozo agora é o presidente, cabe a ele resolver os problemas da nação. O q não conseguiu, até acordo com os canalhas do Centrão precisou para se salvar. E agora continua levando o povo ao genocídio.

antagônicos de *deepfake* satíricas no *Facebook*, relacionadas ao nosso segundo objetivo específico.

O comentário 29.4⁹⁸ apresenta o pejorativo “petista”, rebaixando o internauta a uma pessoa indecente. Além disso, o comentário menciona “não jogar pérolas aos porcos”, uma retomada de um versículo bíblico do Evangelho de Mateus, capítulo 7, versículo 6, que significa não desperdiçar coisas valiosas com aqueles que não as apreciam. Essa reacentuação do enunciado ocorre para insultar, conforme Seara (2021) afirma sobre confrontação com *ethos* de arrogância, passando superioridade em relação à MATC.

Os comentários 29.5⁹⁹, 29.6¹⁰⁰ e 29.7¹⁰¹ continuam a trocar insultos motivados por diferenças político-partidárias. Os comentadores retomam a questão dos supostos roubos atribuídos aos petistas, bem como a ideia de que Lula é o único sustentáculo do PT, utilizando insultos como “chatos” e “hipócritas” em uma retórica infundável e repetitiva que contribui para a violência verbal generalizada.

Vale destacar que a compilação dos discursos de JB na montagem de Sartori poderia suscitar diversos temas para discussão, o que não ocorre nos diálogos. No entanto, os internautas insistem em valorar o seu lugar no mundo por meio de comportamentos agressivos e desagradáveis. O que nos leva a concordar com a ideia de Bakhtin (2015 [1963]) quando diz que a sátira surge a partir de polêmicas, que provocam a experimentação da verdade no mundo. Observamos que cada esfera partidária enuncia sua própria verdade, que não passa de uma verdade ideológica baseada em experiências políticas favoráveis ou contrárias a JB.

O comentário 29.8¹⁰² apresenta vários insultos, sendo o primeiro “jegue”, que implica dizer que alguém é estúpido ou desagradável. Esse termo é uma avaliação negativa frequentemente utilizada de forma pejorativa para expressar desaprovação. O tom ameaçador dirigido ao oponente partidário faz com que sejam proferidos enunciados com desejos de “eliminação” do outro internauta, em uma retórica que, de

⁹⁸ 29.4 [FG](#) - [MATC](#) kkkkkkk se for debater com alguém decente até consigo... Mas quando se vê que já e petista nem vale a pena é como jogar pérola aos porcos....

⁹⁹ 29.5 [MATC](#) - [FG](#) já votei no Lula e quero cadei para todos que roubaram o país. Agora, vc volta na bengala do PT ??? Não conseguiu argumentar né??

¹⁰⁰ 29.6 [FG](#) - [MATC](#) kkkk já falei com petista argumentar é como jogar pérola aos porcos. Aliás o motivo pra eu votar no Bolsonaro 2022 novamente são vocês... Sempre fui contra reeleição porém vcs estão muito chatos e hipócritas por isso desejo muito que o Bolsonaro ganhe novamente.

¹⁰¹ 29.7 [MATC](#) E argumentar com gado é pior porque ele sempre busca no PT a justificativa para as cagadas do genocida.

¹⁰² 29.8 [LM](#) - [FG](#) ei tu não e gado não e jegue veio, e essa raça bolsonarista tem que ser instinta, vcs devem ser jogados ao cantos

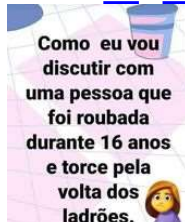
acordo com Rocha (2023), busca eliminar simbolicamente o outro que pensa diferente.

O comentário 29.9¹⁰³ continua agredindo, reacentuando discursos sobre a suposta corrupção do PT. Já o comentário 29.10¹⁰⁴ apresenta várias polêmicas e insultos aos oponentes, como a falta de inteligência ao repetir discursos anti-vacinas de algumas autoridades políticas, conforme observamos na discussão teórica proposta por Charaudeau (2023) que enfatiza que o discurso manipulador da verdade está ancorado em um líder para um ideal. Ou seja, o que JB espera com os seus discursos infundados é o seguimento inquestionável dos seus eleitores, criando uma legião de adeptos para repetir os seus comandos. Vale ressaltar que no comentário 29.10 ocorre o uso de letras maiúsculas, que na ética digital, é considerado um grito agressivo e/ou nervoso. Uma ênfase excessiva do comentador à FN, expressando seu posicionamento.

Essas polêmicas estão relacionadas com a temática das *deepfake* satíricas, como “virar jacaré se tomar a vacina”, “a vacina contém um chip chinês, “a hidroxicloroquina é eficaz”. Trata-se de um discurso que insulta, no sentido de desprezar, tudo que vem do outro. Conforme Candido *et al.* (2023), essas noções de incivilidade são comportamentos desrespeitosos observados no comentário 29.11¹⁰⁵, que se vale da expressão pejorativa “doutrinador de burros”, visando influenciar e manipular pessoas com limitações cognitivas ou que adotam posturas irracionais, especialmente aquelas que seguem ideologias de partidos de esquerda.

Um discurso comum da extrema-direita é sugerir que os opositores políticos, especificamente os adeptos da esquerda, se mudem para países com regimes socialistas, o que configura uma forma de eliminação simbólica, conforme afirma

¹⁰³ **29.9 FN - MATC** devolve mas é o dinheiro. Depois falamos.



¹⁰⁴ **29.10 MATC - FN** onde escrevi volta dos ladrões??? Realmente gado não lê e não interpreta. Fazer o que??? Quem sabe agora virando jacaré ou com o chip da China desenvolvam um mínimo de inteligência crítica e parem de dar voz ao genocida. AH, SIM! QUE PENINHA PARA VCS, PARECE Q O BOZO JÁ ESTÁ DEFENDENDO A VACINAÇÃO NÉ??? QUEM DIRIA, PRECISOU MORRER MUITA GENTE PARA ELE SENTIR A PRESSÃO E LARGAR AS BESTEIRAS DA CLOROQUINA E VERMIFOGO... Mas agora é tarde e até os apoiadores políticos estão vendo o barco afundar. Sobra a Arca de Noé para esse gado vazar....

¹⁰⁵ **29.11 FN - MATC** reza missa. Doutrinador de burro. Vai para Cuba. Venezuela tá boa..

Rocha (2023). Chega a ser um posicionamento radical, típico ao nacionalismo e ultraconservadorismo.

O comentário 29.12¹⁰⁶ faz menção à polêmica da falta de oxigênio medicinal em Manaus durante a pandemia de COVID-19, que ocasionou a morte de várias pessoas. MATC recorda a “bondade” do envio de “130 mil litros de oxigênio e brigada com 107 médicos a Manaus¹⁰⁷” pela Venezuela, dando assim uma resposta ao comentário 29.11¹⁰⁸. O internauta MATC desacredita à opinião de FN, comprovando com um fato verídico a verdade factual que se sobrepõe à verdade ideológica. Isso nos recorda as colocações de Fontana (2021) sobre a verdade ideológica, que é moldada a partir das emoções, nesse caso, emoções impulsionadas pelo partidarismo político.

O comentário 29.13¹⁰⁹ é uma resposta a FG, que, embora não esteja com o nome marcado em azul, negrito e sublinhado, é citado por LT. Logo no início das réplicas do comentário 29, especificamente no comentário 29.4¹¹⁰, FG faz uma comparação injuriosa entre um eleitor e um animal, o porco, associado à sujeira e que não discute coisas importantes com quem não vale a pena. Dessa maneira, LT debocha de FG, refutando-o e confrontando-o, como Seara (2021) afirma, caracterizando uma função de injúria, já que ele continuou interagindo nos comentários.

Os comentários 29.14¹¹¹, 29.15¹¹², 30¹¹³ e 30.1¹¹⁴ apenas enaltecem a montagem realizada por Sartori, expondo o seu posicionamento de concordância com as críticas direcionadas a JB. É notório que, nos comentários analisados, temas relacionados às vacinas são raramente discutidos. O engajamento acontece, na maioria das vezes, por meio de afrontas, discursos de ódio, zombaria, ironia, dentre outros, comprometendo a, suposta, harmonia da plataforma digital.

¹⁰⁶ **29.12 MATC** Tão boa q até oxigênio enviam para nós, não é mesmo???

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/17/venezuela-envia-130-mil-litros-de-oxigenio-e-brigada-com-107-medicos-a-manaus>. Acesso em: 03/11/24.

¹⁰⁸ **29.11 FN - MATC** reza missa. Doutrinador de burro. Vai para Cuba. Venezuela tá boa..

¹⁰⁹ **29.13 LT** FG quantas pérolas você já juntou.

¹¹⁰ **29.4 FG - MATC** kkkkkkk se for debater com alguém decente até consigo... Mas quando se vê que já e petista nem vale a pena é como jogar pérola aos porcos...

¹¹¹ **29.14 FM - ELM** é pq assistiram o filme "A LENDA" kkk

¹¹² **29.15 AD - ELM** Não é tão difícil acreditar quando a gente se dá conta que proibiram medição de temperatura na testa...

¹¹³ **30 ES** Sempre adorei essa esquete, agora gostei mais!!!

¹¹⁴ **30.1 ES - ES** eu tb...

Nessa primeira *deepfake* satírica do quarto momento discursivo, que tem como temática a vacina contra o COVID-19, observamos a discussão sobre a demora na compra do imunizante. Já na próxima publicação, a problemática gira em torno de qual vacina é a melhor, envolvendo ideologias político-partidária acima que qualquer sugestão da OMS.

Figura 9: Quadro síntese dos resultados do quarto momento discursivo (I)

DESCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS QUE CONSTITUEM O SENTIDO DE VIOLÊNCIA VERBAL – INJÚRIA (INSULTO, ARROGÂNCIA, AGRESSIVIDADE, DESQUALIFICAÇÃO).	29.11
POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS QUE DISSEMINAM ENUNCIADOS VIOLENTOS NO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO: REFORÇO DE BOLHAS IDEOLÓGICAS E A PERPETUAÇÃO DE DISCURSOS DE ÓDIO.	26 – 27 – 27.1 – 27.2 – 27.3 – 28 – 29 – 29.1 – 29.2 – 29.3 – 29.4 – 29.5 – 29.6 – 29.7 – 29.8 – 29.10 – 29.15.

Fonte: Acervo de dados da pesquisa

SEGUNDA DEEFAKE SATÍRICA

Figura 10: *Print* da segunda *deepfake* satírica do quarto momento discursivo



Fonte: Oliveira, 2024. Baseado no perfil do *Facebook* de Sartori
(<https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=439296163987176>)

Contextualização do quarto momento discursivo – segunda *deepfake* satírica

A segunda *deepfake*¹¹⁵ do quarto momento discursivo foi publicada em 1º de março de 2021 com a legenda: “Bolsonaro e Benjamin Netanyahu entram num bar... Com a incrível dublagem de Tiago Guimarães e Phillipe Berlinck. Até aquele momento, as vacinas ainda não tinham recebido a aprovação para uso emergencial pela Anvisa e o Brasil registrava mais de mil óbitos por dia. A *deepfake* que motivou os comentários analisados satiriza o comportamento de Bolsonaro sobre ter tomado ou não a vacina. A publicação tem 9,4 mil reações, 705 comentários e 170 mil visualizações. Segue a transcrição:

[00:00] Benjamin Netanyahu [com um megafone gritando]: Aproximem-se! Venham e vacinem-se! Não dói nada! Primeira dose, segunda dose! Arregassem as mangas e venham se vacinar. E você, Bozo, vacinou?

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=439296163987176>. Acesso em 20/07/24.

[00:11] Bolsonaro [personagem vestido de palhaço]: A minha mãe, sim, Bibi. Mas eu tô cagado de medo. O que é que tem nessas vacinas?

[00:16] Benjamin Netanyahu: Bozo, não seja palhaço. Essas vacinas foram aprovadas pelos maiores especialistas: a FDA americana! Milhões já foram vacinados e ninguém morreu. Todos imunizados!

[00:24] Bolsonaro [Personagem fantasiado de bicho de pelúcia]: Elas mudam o DNA para virar bicho. Vai que que vire um jacaré.

[00:26] Benjamin Netanyahu: E qual te transformou num jumento? O objetivo dessa vacina é combater o vírus, como qualquer vacina que aumenta a nossa expectativa de vida.

[00:34] Bolsonaro [Personagem fantasiado de médico]: Eu recebi umas correntes num grupo no *WhatsApp* e agora tenho mais perguntas do que respostas. Vou postar no *Facebook*, tá ok?

[00:38] Benjamin Netanyahu: Mais um salvador da pátria... Capitão cloroquina.

[Personagem fantasiado de herói com peças de computador]

[00:41] Bolsonaro [Personagem fantasiado de herói com peças de computador]: Por que quer me convencer? Por que quer vacinar todo mundo? E o Lula? Ela quer implantar um chip na gente? Quer nos vigiar, Bibi? E a cloroquina?

[00:47] Benjamin Netanyahu: Para com as Fake News! A gente quer que as infecções caiam, para retornarmos para a vida normal.

[00:53] Bolsonaro [Personagem fantasiado de bebê]: Tá ok, mas eu sou jovem e não pego corona.

[00:56] Benjamin Netanyahu: *S@bost@** pega em todo mundo, *C#z@o!* A vacina é a melhor forma de proteger os seus pais, os seus parentes, os seus amigos e retoma a economia e controla a inflação.

[00:53] Bolsonaro [Personagem fantasiado de princesa e com um dragão]: Mas a inflação nem tá tão ruim assim...

[01:05] Benjamin Netanyahu: Israel será o primeiro país a sair da crise do corona. Isso, graças aos milhões de vacinas que compramos, por trabalharmos ao invés de ficar criando *picuinha**, como imbecis e graças aos profissionais de saúde e, também, a todos que irão se vacinar. Em breve retornaremos a vida normal. E não acredite nesses palhaços. Vacine-se quando for sua vez. Igual ele fez com a mãe dele.

[01:28] Bolsonaro [Personagem fantasiado de princesa]: Mas não foi com a “vachina”, tá ok?

[01:30] Benjamin Netanyahu: Bozo, vai se f#der!

[01:32] Bolsonaro [Personagem fantasiado de princesa e o dragão quase cuspidor fogo]: Eu vacino!

QUÁ!

Durante o período de um ano de nosso cronotopo pandêmico, os enunciados violentos continuam a expor o ponto de vista dos internautas diante das ações de JB durante a pandemia e sua representação na *deepfake* satírica. Com essa segunda publicação, abordamos a escolha da vacina mais eficaz no mercado. Enquanto o Brasil não havia iniciado sua campanha de vacinação no início de 2021, Israel tornou-se líder mundial em vacinação contra COVID-19¹¹⁶.

É interessante notar a escolha de Bruno Sartori em incluir o líder israelense, Benjamin Netanyahu, para representar e dialogar com JB, que assume diferentes personagens na *deepfake*. A admiração de JB por Netanyahu, provavelmente, decorre de uma combinação de fatores políticos e estratégicos. Ressaltamos, igualmente, o aspecto religioso. Israel detém um significado de grande relevância para uma corrente teológica protestante brasileira, que o concebe como um povo escolhido por Deus, em consonância com o que se encontra registrado no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada. Ambos compartilham uma forte identificação ideológica e uma postura conservadora e nacionalista, que se alinham entre si. Assim como em outras sequências de comentários, os discursos do texto-fonte são retomados e reacentuados para expressar concordância ou discordância da crítica. Vejamos a sequência de comentários e suas réplicas.

25 **JCS** Quando eu tô escondido vou lá atrás do quintal de casa, cavo um buraco, entro dentro, me cubro de terra, e finjo ser uma cenoura. Ninguém pode me julgar
 25.1 **AC** - **JCS** vc me parece mais com aquilo que o gato enterra.
 26 **IMB** Orgulho de ser sua conterrânea!!!
 27 **WB** - Olha aí **GC** o seu Presidente!! ,, 😊😊😊😊
 28 **SS** Hahahhaha que perfeito. Amei ❤️❤️

¹¹⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/vacina/como-israel-se-tornou-um-lider-mundial-na-vacinacao-contr-covid-19-24820561>. Acesso em 29/10/24.

29 [EA](#) STF, vai prender hein, cuidado 😂😂😂😂, Ah pra esquerda a lei não vale.

29.1 [AM](#) - [ES](#) volta lá pros teus sermões de pastor mongol

29.2 [EA](#) - AM, zuni, asnooo 😂😂😂

29.3 [DM](#) Vamos defender o mito



29.4 [EA](#) - [DM](#)



29.5 [DM](#) - [ES](#) Kkkkk

Perdeu seu tempo não sou petista

Eu falo mal do luladrão também, não sou de esquerda nem direita, eu não idolatro político nenhum

E já que vc puxa tanto o saco do bozo, quando ele caga tu limpa a bunda dele também?

Pq ta loko não pode nem brincar, que já vem doente que venera um cara que ganha mais de 30 conto de salário, tem mordomias tudo de graça

Enquanto o cara que defende ele tem que se matar trabalhando pra conseguir se sustentar

Boa tarde

O comentário 25.1¹¹⁷ responde ao comentário 25¹¹⁸ com desrespeito, atitude que, segundo Candido *et al.* (2023) nega a liberdade individual, sugerindo que JCS está ocultando algo desagradável. Nesse contexto, a conduta do internauta é comparada à dos gatos que enterram suas fezes para escondê-las. Não sabemos se JCS está envergonhado pelas atitudes do presidente, hostilizadas na *deepfake*, ou

¹¹⁷ 25.1 [AC](#) - [JCS](#) vc me parece mais com aquilo que o gato enterra.

¹¹⁸ 25 [JCS](#) Quando eu tô escondido vou lá atrás do quintal de casa, cavo um buraco, entro dentro, me cubro de terra, e finjo ser uma cenoura. Ninguém pode me julgar.

debochando de comportamentos das minorias (principalmente o público LGBTQIAPN+), que clama respeito às suas escolhas pessoais. A expressão “aquilo que o gato enterra” ilustra a ideia de Bakhtin (2017 [1919-1921]) de que os enunciados carregam uma carga emotiva. Essa escolha linguística ocorre em função do tom emotivo-volitivo, imprimindo ao enunciado uma relação valorativa tanto com a publicação quanto ao outro internauta.

Os comentários 26¹¹⁹, 27¹²⁰ e 28¹²¹ engajam-se na comunicação para apoiar as críticas ao governo brasileiro. No entanto, a partir do comentário 29¹²², observamos a agressividade entre posicionamentos antagônicos. Constatamos a afirmação de EA de que a lei não é aplicada aos de esquerda. Isso coloca em evidência valores universais, conforme destacado por Moraes (2019), contribuindo o clima de polarização em rede, pois promover a justiça é o objetivo de toda instituição jurídica. Além disso, com base nas ideias de Rebs e Ernst (2017), podemos afirmar que EA busca dar visibilidade à ideologia que desacredita o trabalho do Supremo Tribunal Federal (STF). Isso representa um claro destronamento da suprema corte do país, que defende valores éticos e preserva a harmonia social, além de apresentar um *ethos* de arrogância, como sugerido por Seara (2023). Notamos que não há reservas para avaliações negativas.

O comentário 29.1¹²³ apresenta uma expressão pejorativa, ofensiva e preconceituosa: “mongol”. Nesse contexto, corroboramos com as ideias de Recuero (2016), que afirma que o enunciado violento está intrinsecamente relacionado a um conjunto ideológico que difama a religião e o líder espiritual de ES, ao afirmar “pastor mongol”. Esse termo é considerado altamente ofensivo e discriminatório, porque associa indevidamente pessoas com deficiência intelectual a estereótipos racistas infundados. Além disso, essa expressão configura uma violação dos direitos humanos e da dignidade das pessoas com deficiência. Nesse sentido, concordamos com Butler (2021) ao afirmar que a linguagem tem a capacidade de nos ferir, violando o direito à inclusão, respeito e igualdade para todos.

¹¹⁹ 26 [IMB](#) Orgulho de ser sua conterrânea!!!

¹²⁰ 27 [WB](#) - Olha aí [GC](#) o seu Presidente!! ,, 😊😊😊

¹²¹ 28 [SS](#) Hahahhaha que perfeito. Amei ❤️❤️

¹²² 29 [EA](#) STF, vai prender hein, cuidado 😂😂😂😂, Ah pra esquerda a lei não vale.

¹²³ 29.1 [AM](#) - [ES](#) volta lá pros teus sermões de pastor mongol

Essa linguagem pejorativa está presente no comentário 29.2¹²⁴, que emprega uma onomatopeia “zunir”, para se referir ao barulho feito pelos porcos ao grunhir ou farejar, e o termo “asno” para qualificar o outro internauta como “burro”, um termo pejorativo que ridiculariza o oponente. Essa ridicularização é reforçada pelos *emojis* de riso. No mesmo sentido, os comentários 29.3¹²⁵ e 29.4¹²⁶ utilizam memes de animais para dizer que o comportamento de ambos os lados na esfera política é reprovável. Esses comentários apresentam as vozes sociais político-partidárias da esfera ideológica em questão, reduzindo mais uma vez o debate sobre um assunto sério às escolhas entre líderes eleitorais: Lula ou JB.

O comentário 29.5¹²⁷ apresenta uma série de insultos direcionados às esferas políticas, seus representantes e adeptos. Essa constatação está alinhada com as ideias de Rocha (2023) sobre a desqualificação nulificadora, que consiste em eliminar simbolicamente o outro. No caso do comentário de DM, isso é alcançado por meio de insultos, já analisados anteriormente, como “Lula ladrão”, “puxa saco” e “bozo”. Ao longo do comentário, DM apresenta enunciados agressivos que demonstram um comportamento incivilizado, especialmente em resposta à falta de adesão de outros internautas à sua opinião, culminando em reações violentas.

Os comentários desse quarto momento discursivo evidenciam enunciados que defendem ideologias políticas com insultos em todos os níveis, em vez de se engajarem de forma polida. Isso reforça o que Recuero (2014) afirma sobre os

¹²⁴ **29.2 EA** - AM, zuni, asnooo 🤔🤔🤔

¹²⁵ **29.3 DM** Vamos defender o mito



¹²⁶ **29.4 EA - DM**



¹²⁷ **29.5 DM - ES** Kkkkk Perdeu seu tempo não sou petista

Eu falo mal do luladrão também, não sou de esquerda nem direita, eu não idolatro político nenhum
E já que vc puxa tanto o saco do bozo, quando ele caga tu limpa a bunda dele também?

Pq ta loko não pode nem brincar, que já vem doente que venera um cara que ganha mais de 30 conto de salário, tem mordomias tudo de graça

Enquanto o cara que defende ele tem que se matar trabalhando pra conseguir se sustentar
Boa tarde

comentários constituírem o ambiente virtual, sendo práticas conversacionais de apoio ou não a um determinado perfil. Com isso, confirmamos o que Cunha (2012) teoriza sobre os comentários terem seus propósitos e regras, nas quais o internauta a partir do texto-fonte (a *deepfake* satírica), constrói discursos reacentuando os enunciados com diferentes aspectos temáticos. Assim, a violência verbal, como constatamos, provoca respostas negativas com pejorativos, como as réplicas do comentário 29, que enfatizam o caráter dialógico da linguagem, conforme compreendido pela ADD, mesmo que seja para se posicionar com enunciados axiologicamente negativos diante dos fatos da vida.

Constatamos que a violência verbal prevalece nos comentários, seja de forma implícita ou explícita, nas retomadas dos discursos de membros ou do líder da sua esfera ideológica. Nos quatro momentos discursivos, averiguamos que as *deepfake* satíricas impulsionaram a publicação de insultos, tanto nas respostas a Sartori quanto nas respostas aos outros internautas que concordam ou discordam do conteúdo da publicação. Além dos enunciados verbais, notamos a presença de *emojis* e de memes, muitas vezes em tom de deboche ou insulto. Nos comentários analisados, raramente algum internauta discute a possibilidade da tomada de medidas por parte do Governo Federal.

O interessante é que, no primeiro momento, nas discussões sobre a tomada de medidas sanitárias para conter a COVID-19, as aglomerações nas manifestações a favor de JB e contra a corrupção da oposição foram consideradas mais importantes do que o isolamento proposto pela OMS. No segundo momento, alguns comentários apoiaram incondicionalmente o presidente na questão do tratamento com a cloroquina, mesmo sem fundamentação científica sobre a eficácia do medicamento. No terceiro momento, em que Sartori satiriza o pronunciamento de JB na ONU, os internautas criticam o comportamento de outras autoridades políticas ao discursar, ressaltando que não eram menos questionáveis do que o seu presidente. E, no quarto momento, mais uma vez, a ideologia política é colocada em primeiro lugar na discussão sobre o melhor partido: o de Lula ou o de JB.

O texto-fonte dos comentários é a *deepfake* satírica. Alguns dos seus enunciados são destacados pelos comentadores, a ponto de responderem com *Fake News*, em uma troca de insultos entre vozes da extrema-direita, da esquerda e da comunidade científica, severamente atacada no Brasil durante a pandemia. Não averiguamos diferenças significativas em relação aos comportamentos dos

internautas, que se propuseram a defender seus interesses e estabelecer suas próprias regras, expressando livremente seus pontos de vista sobre determinados temas.

Figura 11: Quadro síntese dos resultados do quarto momento discursivo (II)

DESCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS QUE CONSTITUEM O SENTIDO DE VIOLÊNCIA VERBAL – INJÚRIA (INSULTO, ARROGÂNCIA, AGRESSIVIDADE, DESQUALIFICAÇÃO).	29.2 – 29.4 – 29.5 .
POSICIONAMENTOS ANTAGÔNICOS QUE DISSEMINAM ENUNCIADOS VIOLENTOS NO CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO: REFORÇO DE BOLHAS IDEOLÓGICAS E A PERPETUAÇÃO DE DISCURSOS DE ÓDIO.	25.1 – 27 – 29 – 29.1 – 29.3 – 29.4 – 29.5.

Fonte: Acervo de dados da pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo geral nesta tese foi analisar as relações dialógicas entre posicionamentos antagônicos em comentários de *deepfake* satírica no *Facebook*. Para que ele fosse atingido, fizemos as seguintes perguntas de pesquisa: (1) Como as *deepfake* impulsionam enunciados violentos no *Facebook*? (2) Como a polarização entre os seguidores de JB, representada nas *deepfake*, e seus opositores se materializa em posicionamentos exacerbados nos comentários? (3) Que valores carregam os enunciados axiologicamente negativos nos comentários do *Facebook*? (4) Como a retórica político-partidária contribui para violência verbal entre internautas? E conseguimos respondê-las, confirmando as nossas hipóteses que foram: (i) Diante do discurso satírico de uma *deepfake*, inicia-se um confronto violento entre os internautas, no qual cada um se posiciona axiologicamente como dono da verdade; (ii) A ideologia político-partidária compõe os comentários violentos no *Facebook*; (iii) Os comentários violentos não podem ser reduzidos a um comportamento incivilizado de internautas comuns, pois neles estão presentes diversas vozes sociais que constituem o comportamento no *Facebook*; (iv) A ascensão da extrema-direita no Brasil fez emergir discursos violentos no *Facebook* a ponto de membros de uma mesma esfera ideológica aceitarem os seus próprios discursos como verdades absolutas.

Para isso, elencamos quatro objetivos específicos: Investigar, a partir das categorias do riso, coroação e destronamento, como as *deepfake* satíricas estimulam a postagem de enunciados violentos em comentários no *Facebook*; Identificar as vozes sociais mobilizadas nos enunciados que constituem o sentido de violência verbal em comentários antagônicos de *deepfake* satíricas no *Facebook*; descrever como as escolhas linguísticas operadas em função do tom emotivo-volitivo, imprimem ao enunciado uma relação valorativa tanto em relação ao objeto do discurso quanto aos outros internautas; e, examinar como os posicionamentos antagônicos dos internautas do *Facebook* disseminam enunciados violentos no contexto sociopolítico brasileiro.

O primeiro objetivo específico foi contemplado com a análise das noções de riso, coroação e destronamento, da carnavalização bakhtiniana. Nesse contexto, os internautas expressaram a sua aversão em relação ao proprietário da página do *Facebook*, Sartori, por meio de memes e *emojis*, chegando a carnavalizar e injuriar

figuras oposicionistas como forma de rebater o que foi dito sobre JB na *deepfake*. A resistência em aceitar críticas provocou a publicação de discursos de ódio, representados por verbalizações absurdas contra o posicionamento do outro internauta, estimulando a permanência na discussão com um comportamento desagradável. O respeito por ocupantes de cargos hierarquicamente superiores no mundo oficial era preterido em favor de ataques pessoais.

Para atingir o nosso segundo objetivo específico, trabalhamos com as noções de vozes, ideologia e ponto de vista/axiologia. Observamos nos comentários que a ideologia político-partidária compõe esses enunciados, evidenciando a polarização entre os seguidores de Lula e de JB, materializada nos comentários do *Facebook*. Nesses enunciados, identificamos as vozes sociais mobilizadas que constituem o sentido de violência, enquanto o internauta, autor do comentário, orchestra essas vozes para expressar o seu ponto de vista. Isso nos remete ao nosso quarto objetivo específico, no qual, examinamos essas vozes ideológicas e a disseminação do tom de ameaças ao oponente político, disseminando violência no mundo digital.

O terceiro objetivo específico foi contemplado com a análise de expressões que possuem um tom de injúria, caracterizados por insultos arrogantes e agressivos, pelos quais os internautas desqualificam o outro de maneira incivilizada. Os enunciados violentos, em função do tom emotivo-volitivo, viralizam em rede, materializando-se em discursos de ódio.

Embora não tenhamos abordado explicitamente “o discurso de ódio” nas nossas análises, ele está intrinsicamente relacionado à violência verbal, pois constitui uma das principais formas da expressão dessa violência. O uso de expressões pejorativas com o intuito de ofender, humilhar, intimidar, ironizar ou xingar evidencia uma linguagem agressiva contra o outro internauta. O discurso de ódio se direciona a indivíduos ou grupos específicos, expressando intolerância ou discriminação e reforçando estereótipos sociais. A violência verbal que constatamos serve como veículo para o discurso de ódio, criando um ambiente propício para seu desenvolvimento. É importante ressaltar que, mesmo ocorrendo em um ambiente digital, esse tipo de comportamento pode ser um passo para a violência no mundo físico. Em qualquer caso, tal atitude desrespeita a dignidade e os direitos dos outros.

Os comentários violentos não podem ser reduzidos a um comportamento incivilizado de internautas comuns, apenas, pois neles estão presentes diversas vozes sociais que constituem o comportamento no *Facebook*. Já que a linguagem é

dialógica, discursos injuriosos e preconceituosos revelam intolerância vivida no mundo físico. Discursos que são muitas vezes criminosos e ganham mais visibilidade nos comentários, principalmente de quem defende uma ideologia política.

Com esta pesquisa, percebemos que a ascensão da extrema-direita no Brasil ajudou a emergir discursos violentos nas redes sociais digitais, especialmente no *Facebook*, a ponto de membros de uma mesma esfera ideológica aceitarem os seus próprios discursos como verdades absolutas, deixando de lado a verdade factual e disseminando pós-verdades.

A violência verbal praticada por internautas mostra como esse comportamento incivilizado e injurioso culmina em uma polêmica. Pois os enunciados com esse tipo de conteúdo ganharam mais destaque na interação do que a discussão de temas relacionados às críticas. Quanto mais polêmico é um tema, mais atrativo ele é para o internauta, que, embora não tenha formação acadêmica, sente-se no direito de opinar.

A escolha do tema sobre a pandemia do COVID-19 se deu pelo fato de ela ter mudado a vida de todos, especialmente a dos brasileiros que conviveram com atitudes controversas de JB, enquanto a OMS incentivava comportamentos saudáveis, que poderiam conter o avanço do novo coronavírus, antes e depois da produção da vacina, que foi desprezada por ele. Foi nesse cenário que destacamos o cronotopo pandêmico, caracterizado por discursos produzidos em um tempo e espaços específicos, os quais despertam o interesse de muitas pessoas, justamente em virtude dessas polêmicas.

Os quatro momentos discursivos foram pensados da seguinte maneira: a minimização da pandemia, o incentivo ao uso da cloroquina, o discurso de JB para os líderes mundiais na ONU e as vacinas, formando assim o cronotopo pandêmico no período de um ano. Poucos internautas se ocupavam em elaborar um comentário estruturado com elementos lógico-linguísticos, que debatesse o conteúdo da publicação. É interessante enfatizar como as redes sociais digitais influenciam os comportamentos no mundo físico, pois internautas repetiam discursos da autoridade de sua esfera ideológica e acrescentavam alguns fatos questionáveis nos seus enunciados.

Alguns internautas vivem em função de ser *haters*, pois se posicionam de maneira agressiva para se dirigir aos outros e cometem uma série de excessos linguísticos para desqualificar o oponente. Isso, muitas vezes, se prolonga ao longo

de toda sequência de comentários, porque, principalmente, depois de marcado, a obrigação de responder aumenta.

A *deepfake* satírica é fruto de uma publicação produzida com IA, que mesmo assumindo um tom além do humor, procurando satirizar JB e sus apoiadores, e explicitado na legenda do *post* que se trata de uma montagem, muitos internautas acreditam que tal representação é a verdadeira postura oficial. Em tempos de avanço da IA, ficamos impressionados com as possibilidades de montagens para sátira e humor e, ao mesmo tempo, como a tecnologia com essa inteligência pode enganar facilmente os internautas, principalmente na esfera política, quando usada para difamar a imagem do opositor.

Esta pesquisa nos ajuda a compreender a violência verbal nos comentários do Facebook, de modo a perceber que diante de uma crítica que envolve um afeto político-partidário, o outro reage de maneira agressiva, criando um ambiente hostil e de inimizade. Essa violência que compõe o discurso de ódio pode causar intimidação e medo, mesmo que seja em ambiente digital, discriminação e exclusão do outro, que muitas vezes é silenciado na expressão do seu ponto de vista e, assim, a democracia se desgasta. Dificilmente uma pessoa pode se opor a esse tipo de discurso, porque não há intenção de dialogar, somente de ofender.

É preciso implementar urgentemente uma educação que promova a convivência harmoniosa em redes sociais digitais e uma postura ética diante das interações nos diversos ambientes de convivência. Essa educação é capaz de fomentar um senso crítico, que pesquisa a veracidade dos fatos apresentados, evitando assim a disseminação de verdades ideológicas. O ser humano é essencialmente social e acreditamos que a dicotomia entre mundo digital e mundo físico, que distingue este como real e aquele como virtual, perdeu a relevância na sociedade contemporânea, uma vez que as fronteiras entre esses dois ambientes estão cada vez mais dissipadas.

Esperamos que esta pesquisa sirva como base para futuras investigações que busquem combater a intolerância e analisar os danos decorrentes dos comportamentos violentos nas redes sociais digitais, considerando-se a inevitabilidade da presença da interação no meio digital na vida contemporânea. Também, os discursos das *deepfake* satíricas podem ser analisados em relação à orquestração que frequentemente carregam um tom de violência contra figuras oficiais, as quais são alvo de crítica humorística e destronamento. Almejamos,

portanto, uma compreensão aprofundada desses discursos, com o objetivo de encontrar soluções eficazes para erradicar esse comportamento, na nossa opinião, incivilizado.

REFERÊNCIAS

ALDABRA. *Fanpage* ou Página de fãs é uma página específica dentro do Facebook direcionada para empresas ou marcas. Disponível em: <https://aldabra.com.br/artigo/o-que-e-uma-fanpage#:~:text=%C3%A9%20uma%20fanpage%3F-,Fanpage%20ou%20P%C3%A1gina%20de%20f%C3%A3s%20%C3%A9%20uma%20p%C3%A1gina%20espec%C3%ADfica%20dentro,os%20seus%20clientes%20no%20Facebook>. Acesso em: 27/08/2022.

AMOSSY, Ruth. BURGER, Marcel. Introduction: la polémique médiatisée. **SEMEN: Revue de sémio-linguistique des textes et discours**. 31|2011, p. 7-24. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/9050>.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In. **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. Beth Brait (org.). 1ª Ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

ANDRADE, A. O. WANDERLEY, N. A. A sátira em Luiz Gama: uma leitura do poema “Quem sou eu?” **Revista a cor das Letras**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS. Feira de Santana, v. 20, n. 3, p. 128-142, dezembro de 2019.

AGENCIA BRASIL. WhatsApp é principal fonte de informação do brasileiro, diz pesquisa. Publicado em 10/12/2019 - Jonas Valente – Repórter da Agência Brasil – Brasília. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa>. Acessado em: 19/09/2020.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos – SP: Pedro e João editores, 2017 [1919-1921].

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I. A Estilística**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2015 [1934-1935].

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010 [1945].

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. – 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015 [1963].

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2017 [1979].

BAKHTIN, M. **O autor e a personagem na atividade estética**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2023 [1920-1924].

BALOCCO, Anna Elizabeth. SHEPHERD, Tania Maria Granja. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. **D.E.L.T.A.**, 33.4, (1013-1037) 2017.

BERNARDI, Rosse Marye. Rebelais e a sensação carnavalesca do mundo. *In*. **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. Beth Brait (org.). 1ª Ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Trad. Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo. Editora Unesp, 2021.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. LIMA, Nelci Vieira de. Argumentação e Polêmica nas Redes Sociais: o Papel de Violência Verbal. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, p. 86-97, jan./abril 2017.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. LIMA, Nelci Vieira de. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no Facebook. **Revista (Con) Textos Linguísticos** (Edição Especial Violência Verbal), v. 12 n. 22, 2018.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no Facebook. **Calidoscópio** 17(3): 416-432, setembro-novembro 2019.

CABRAL, I. **O que é deepfake? Inteligência artificial é usada pra fazer vídeo falso**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-deepfake-inteligencia-artificial-e-usada-pra-fazer-videos-falsos.shtml>. Acesso em: 06 de agosto de 2021.

CAIADO, R. V. R. LEFFA, V. J. A oralidade em tecnologia digital móvel: debate regrado via *WhatsApp*. **Hipertextus Revista Digital** (www.hipertextus.net), v.16, Junho 2017.

CAIADO, R. V. R. FONTE, R. F. L. BARROS, I. B. R. Textualidade em tecnologia digital móvel: a construção da coesão e da coerência em textos imagéticos. **Hipertextus Revista Digital**, v.19, Dezembro, 2018.

CAIADO, R. V. R. MESQUITA, C. A. MESQUITA, F. A. Tecnologias digitais móveis no ensino-aprendizagem de língua portuguesa: a ubiquidade no eixo da leitura no cenário pandêmico. **Hipertextus Revista Digital**, v.24, dezembro 2021.

CANDIDO, L. B. SARAIVA, M. C. C. OLIVEIRA, C. R. JÚNIOR, V. M. V. Strange uncivil: mapping patterns of online incivilities in the 2018 brazilian elections. **Gestão & Regionalidade**. V.39 | e20238153 | jan.-dec. | 2023.

CARDOSO, F. B. PASSOS, S. M. SPIERING, J. K. SILVA, T. B. O uso do comentário de Facebook como um recurso didático para o ensino do gênero artigo de opinião no ensino remoto. **Cadernos da aplicação: pesquisa e aplicação na educação básica**. Porto Alegre | v. 35 | n. 1 | jan./jun. 2022.

CARTA CAPITAL. O perfil de quem reprova Bolsonaro e de quem ainda o tolera, segundo pesquisa. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-perfil-de-quem-reprova-bolsonaro-e-de-quem-ainda-o-tolera-segundo-pesquisa/>. Acesso em: 05 de junho de 2022.

CUNHA, D. A. C. A noção de gênero: dificuldades e evidências. **Leitura. Teoria & Prática** (Campinas), Campinas - SP, v. 39, p. 60-64, 2000.

CUNHA, D. A. C. Dialogismo em Bakhtin e Jakubinskii*. **Investigações**, v. 18, n. 2, p. 91-101. Recife, 2005.

CUNHA, D. A. C. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 23-39, 2o sem. 2009.

CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Investigações** - Vol. 25, nº 2, julho/2012a.

CUNHA, D. A. C. Dialogismos e ponto de vista: um estudo da charge. **Eutomia: revista de literatura e linguística**. v. 1 n. 09, 2012b.

CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. **Calidoscópio**. Vol. 11, n. 3, p. 241-249, 2013.

CUNHA, D. A. C. Vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no jornal nacional da rede globo. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017.

CUNHA, D. A. C. Embate de pontos de vista em tempos de pandemia: negacionistas versus cientistas. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, 2021.

FACEBOOK. Coronavírus se espalhando em todos os cantos e os apoiadores de Bolsonaro não vão deixar de ir as manifestações do dia 15/03. Gados demais. #Deepfakes #Bolsonaro #GadoDemais #VidadeGado. Perfil de Bruno Sartori. 14 de março de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=2507468699506483>. Acesso em: 27/08/2021.

FACEBOOK. Agora sim, um pronunciamento coerente do @jairbolsonaro. Com os grunhidos de @DomBerlinck #Bolsonaro #Deepfakes #Pronunciamento. Perfil de Bruno Sartori. 25 de março de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=215083873179668>. Acesso em: 27/08/2021.

FACEBOOK. Meldels do céu, o que é que eu tô fazendo da minha vida? UHSUahsuHAS Vamos todo mundo preso dessa vez, galera. Podem ir separando as

rôpa pra levar pra cadeia. Perfil de Bruno Sartori. 02 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=1119852365030440>. Acesso em: 27/08/21.

FACEBOOK. E foi assim o discurso na ONU. Perfil de Bruno Sartori. 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=2449509592013530>. Acesso em: 27/08/2021.

FACEBOOK. Internet brasileira, eu entrego em vossas mãos. Sigam os caras responsáveis pelas geniais imitações, Rodrigo Caceres Zacarias e Phillipe Berlinck. Perfil de Bruno Sartori. 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=519152172390105>. Acesso em: 27/08/2021.

FACEBOOK. Para que essa ansiedade, essa angústia, dona Neves?... Perfil de Bruno Sartori. 29 de março de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=1324642284575794>. Acesso em: 27/08/2021.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo – ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em 27/08/2021.

FONTANA, Mônica Zappi. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. *In. Discurso e (pós) verdade.* Organização: Luzmara Curcino, Vanice Sargentini, Carlos Piovezani. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2021.

FONTES, Renata da. CAIADO, Roberta. Práticas discursivas multimodais no WhatsApp: uma análise verbo-visual. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 10 - n. 2 - p. 475-487 - jul./dez. 2014.

FRANCELINO, P. F. **A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2007.

FRANCELINO, P. F. SILVA, E. C. Autoria e estilo: um caso concreto do autor-criador no gênero discursivo panfleto. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 17, n. 2, p. 238-253, maio/ago. 2021a.

FRANCELINO, P. F. No(s) (des/re)encontro(s) das vozes, a construção dialógica da polêmica em enunciados de temática político-religiosa. **Bakhtiniana**, São Paulo, 16 (2): 200-220, abril/jun. 2021b.

FRANCELINO, P. F. SANTANA, W. K. F. A polêmica como contradiscurso em enunciados religiosos: uma leitura bakhtiniana. **Estudos Linguísticos** (São Paulo, 1978), v. 51, n. 2, p. 651-665, ago. 2022.

FRANÇOIS, Frédéric. Bakhtin completamente nu ou Uma leitura de Bakhtin em diálogo com Medvedev, Voloshinov, Vygotsky ... ou, ainda: Dialogismo: as desventuras de um conceito (?) quando ele se torna muito amplo, mas “dialogismos” assim mesmo. **Bakhtiniana**, São Paulo, Número Especial: 47-172, Jan./Jul. 2014.

GOMES, Filipe Almeida. **Valentin Volóchinov: a vindicação do axiológico**. Contexto: São Paulo, 2023.

GONÇALVES, F. N. OLIVEIRA, P. G. É possível produzir um comum no dissenso? as “tretas virtuais” como caminhos para pensar a política hoje – o caso casa nuvem-casa nem. **Revista Mídia e Cotidiano**. Volume 12, Número 3, dezembro de 2018, P. 72 – 87.

HESSEN, Johannes. **Filosofia dos Valores**. Tradução e prefácios de Prof. L. Cabral de Moncada. 5ª Ed. Armênio Amado. Editor, Sucessor, Coimbra-Portugal, 1980.

HUSSAIN, Shehzeen; NEEKHARA, Paarth; JERE, Malhar; KOUSHANFAR, Farinaz; MCAULEY, Julian. **Adversarial Deepfakes: Evaluating Vulnerability of Deepfake Detectors to Adversarial Examples**. University of California San Diego, 2021.

IVANOVA, I. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Tradução de Dóris de A. C. da Cunha; Heber O. Costa e Silva, **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.6, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a15.pdf>

JAKUBINSKI, L. **Sobre a fala dialogal**. Textos inéditos e apresentados por Irina Ivanova. Tradução Dóris de A. C. da Cunha e Suzana L. Cortez. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

LUCAS, Lucken Bueno. PASSOS, Marinez Meneghello. Filosofia dos valores: uma compreensão histórico-epistemológica da ciência axiológica. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 20, n. 2, p. 123-160, set./dez. 2015

MARQUES, Maria Aldina. A verdade dos outros: questão de responsabilidade enunciativa. In. **Discurso e (pós) verdade**. Organização: Luzmara Curcino, Vanice Sargentini, Carlos Piovezani. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2021.

MONITOR MERCANTIL. Brasil é o terceiro país que mais usa redes sociais no mundo. Disponível em: <https://monitormercantil.com.br/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo/>. Acesso em 06 de junho de 2022.

MORAIS, Argus Romero Abreu de. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 20(1), 2019.

MEDON, Filipe. O direito à imagem na era das deepfakes. **Revista Brasileira de Direito Civil – RBDCivil** | Belo Horizonte, v. 27, p. 251-277, jan./mar. 2021.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. – 1ª Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2016.

MELO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: companhia das letras, 2020. [recurso eletrônico]

MUNIZ, Cellina Rodrigues. Poder e humor em tempos de pandemia: as deepfakes de Brunno Sarttori. **Revista do GELNE**, v. 23, número 2, 2021

OLIVEIRA, M. K. A. **Análise dialógica das polêmicas envolvendo a CNBB nos comentários da rede social Facebook**. Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem, 2020.

OLIVEIRA, M. K. A. CUNHA, D. A. C. A dialogicidade em comentários polêmicos envolvendo a CNBB no *Facebook*. **Revista Linguagem em Foco**, v.12, n.3, 2020. p. 302-320. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4347>.

OLIVEIRA, M. K. A.; ALBUQUERQUE, A. M. G.; CUNHA, D. A. C. *Deepfake* e violência verbal nos comentários de internautas no *Facebook*. **Cadernos de linguística**, v. 2, n. 4. e557, 2021.

PIOVEZANI, Carlos. CURSINO, Luzmara. SARGENTINI, Vanice. O discurso e as verdades: relações entre a fala, os feitos e os fatos. *In. Discurso e (pós) verdade*. Organização: Luzmara Curcino, Vanice Sargentini, Carlos Piovezani. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2021.

PIRES, J. F. BERBERI, M. A. L. **Paródia artificial: como os deepfakes têm aberto novos caminhos para se discutir direitos autorais**. Disponível em: https://red-idd.com/files/2021/2021GT03_006.pdf.

PSICANÁLISE CLÍNICA. **Haters: significado, e características e comportamento**. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/haters/>. Acesso em: 17/10/2021.

REBS, R. R.; ERNST, A. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. **Diálogo das letras**, pau dos ferros, v. 06, n. 02, p. 24-44, jul./dez. 2017.

RECUERO, R. Discurso mediado pelo computador nas redes sociais. *In. Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* Júlio Araújo e Vilson Leffa (Org.). 1ª Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2016.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marcolino. 1ªEd. Parábola. São Paulo, 2019.

ROBLES-LESSA, M. M. CABRAL, H. L. T. B. SILVESTRE, G. F. *Deepfake*: a inteligência artificial e o algoritmo causando riscos à sociedade no ciberespaço.

Revista jurídica Derecho y Cambio Social. N.º 61, JUL-SET 2020.

ROCHA, J. C. de C. **Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico – retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva.** 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

RODRIGO, Miguel Barrio. El delito de injurias y las redes sociales. El número de 'followers' y otras variables ambientales como elementos de valoración del daño. **IDP. Revista de Internet, Derecho y Política**, 2022, n.º 36, <https://doi.org/10.7238/idp.v0i36.394438>.

SANAR. Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 27 de agosto de 2021.

SANTOS, F. R. C. DOS. O que se entende por Retórica da Guerra Cultural. **Domínios de Linguagem**, p. 1-48, 5 maio 2020.

SEARA, I. R. (2021). Ligações vertiginosas: violência verbal em 'comentários' nas redes sociais. **Calidoscópio**, 2021, 19(3): 385-397.10.4013/cld.2021.193.07.

SÉRIOT, Patrick. **Vološinov e a Filosofia da Linguagem.** Tradução Marcos Bagno. 1ªEd. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

SILVA, Luiz Rogério Lopes. **Discurso de ódio no Facebook: a construção da incivildade e do desrespeito nas fanpages dos deputados Jair Bolsonaro, Marco Feliciano e Rogério Peninha Mendonça.** Dissertação de mestrado da UFPR. Curitiba, 2018.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

SPONHOLZ, Liriam. O papel dos discursos de ódio (online) na ascensão da extrema direita: um aporte teórico. **CONFLUÊNCIAS**. Niterói-RJ. V. 22, n.3, 2020 | dez. 2020/mar. 2021 | pp. 220-243.

STEIN, Marluci. NODARI, Cristine Hermann. SALVAGNI, Julice. Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 43-59, jan./mar. 2018.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista** [recurso eletrônico] - 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

VELASCO, Clara. ROCHA, Gessyca. DOMINGOS, Roney. Fato ou Fake: Por que as pessoas criam fake news? **g1.globo.com**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/03/14/fato-ou-fake-por-que-as-pessoas-criam-fake-news.ghtml>. Acesso em: 05 de junho de 2022.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina, Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2017.

VOLOCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas.** Organização, tradução, ensaio introdutório e notas: Sheila Grillo e Ekaterina, Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2019.